A PATRIA AÇOREANA

Obras do mesmo autor

PUBLICADAS:

Saudades—contos e baladas—esgotado.
A Batalha de 11 d'Agosto de 1829—discurso—esgotado.
Um goivo sobre a campa do Paiva—esgotado.
Historia de Portugal em mil palavras—esgotado.
Folhas d'Outono—prosa e verso.
A Merenda das Freiras—teatro em verso 2.ª edição.
O Terra—tipos populares—3.ª edição.
O Primeiro de Maio—prosa.
Os Orfãos da Guerra—verso.
Esboço Historico da Terceira—com gravuras.
A Batalha da Salga—Historia Insular ilustrada.
Paulo da Gama—Historia Insular ilustrada.
Festas de S. João—Historia Insular.
Figuras do Seculo XVI—Historia Insular.
Frei Gonsalo Velho—Historia Insular ilustrada.
Folhas Caidas—Prosa e verso.
A Ilha dos Amores 300 pag. de prosa, com prefácio de Vitorino Nemesio e musica de Thomaz Borba.

EM PREPARAÇÃO:

As Festas do Espirito Santo—Historia Insular.
Figuras do Seculo XVII—Historia Insular.
Porque me orgulho de ser Açoreano.
Os Açores no cantico dos seus filhos.

Gervasio Lima,
Da Real Academia Hispano-Americana de Ciencias e Artes de Cádiz, do Instituto Historico do Minho, do Instituto de Coimbra, da Sociedade de Geografia de Lisbôa, bibliotecario da Camara de Angra do Heroismo

A Patria Açoreana

1928
Tip. Editora Açoreana
de Manuel de Freitas Mariano
84 Rua de Santo Espirito 86
Angra do Heroismo

Este livro comemora

o V centenario da descoberta

dos Açores

1432 — 1932

Aos heroes anonimos,
precursores das grandes viagens,
aos martires obscuros e ignorados,
operarios que traçaram na virgindade
das aguas os rumos seguros
que conduziram á grande odisseia
das descobertas gloriosas.

MINISTÉRIO DAS COLONIAS

COMISSÃO DE CARTOGRAFIA

1928-abril-18

Da mesma maneira que os Açores, no tempo da navegação de vela, foram escala obrigada para os navios que, do Atlântico Sul vinham para a Europa; assim acontece hoje: os raios aéreos transatlânticos, todos tem evidenciado a necessidade de aproveitar os Açores como porto obrigado de escala dos futuros aviões transatlânticos. O arquipélago açoriano continuará pois, no futuro, gozando do privilégio que até agora lhe tem dado a sua posição geografica

Hugo Coutinho

Gervasio Lima é um escriptor de notáveis qualidades intelectuaes, de acentuada probidade profissional e de nobre e leal patriotismo. Nem sequer lhe falta, para o tornar simpatico, essa ingenuidade intrepida e candida que é caracteristica dos temperamentos que a natureza fez, a um tempo, temos e fortes.

O seu amor pelos Açores leva-o, por vezes, a suposições que se me afiguram fantasiosas. Mas, que importa! se as paginas que lhe saem da pena ostentam sempre o esmalte de um espirito privilegiado e são animadas, a cada passo, por uma consciencia sã e profunda?!

Lisboa, Julho de 1928

Antonio José d'Almeida.

Saudação fraterna

Saúdo Gervásio Lima, o autor do novo livro — A Pátria Açoreana — com o mesmo entusiasmo com que saudaria uma aurora refulgente.

Poeta, filósofo, artista, conheço-o há longos anos como membro da minha família espiritual. A sua combatividade famosa coincidiu com a minha. Conjuntaram-se os nossos ideais num só ideal de emancipação humana.

O que Gervasio Lima queria, como eu, para a humanidade sofredora e oprimida, quero-o agora para sua querida e amada patria açoriana — liberdade e amor. É um espírito amoroso, coerente e logico. Basta consignar estas virtudes, bem raras, num escritor, para se aquilatar do valor e da belza da obra.

Em geral, os habitantes do Continente não ligam as nossas ilhas, que são bem portuguesas, o valor a que elas teem incontestavel direito.

Por isso se me afigura pela oportunidade do seu aparecimento, que este

magnífico estudo sobre
homens e coisas dos
Açores, chega no seu
quarto de hora.

Com isso me felicito
e com isso se devem
felicitar igualmente todos
os que amam o bendito
torrão português.

Vai, através dos mares
para Gervasio Lima, o
meu melhor pensamento
e a expressão da minha
mais solidariedade na
obra comum.

Magalhães Lima

Palavras Necessarias

A historia é uma serie de remendos numa serie de buracos

ANTERO DE QUENTAL

Filosofia da historia! Mal por mal antes poesia da historia

ANTERO DE FIGUEIREDO

Um livro falando das nove ilhas açoricas não devia ser escrito por um açoreano; porque, nem a observação é tão completa e minuciosa, nem a imparcialidade será julgada impecavel; por isso que, nas referencias especiaes a cada ilha, me valho, de preferencia, das opiniões estranhas de mais reconhecida autoridade, para que não sejam, as minhas apreciações, levadas á conta de favor ou paixão, sentimentos que, com o maior cuidado, procurarei afastar da minha pena.

Patria Açoreana lhe chamei, e isso pode ter dado lugar a que, espiritos demasiadamente timoratos, re-

ceiem que eu, porventura, possa ferir susceptibilidades civicas emitindo opiniões que se não harmonisam com o ideal comum e se não coadunam com o significado amplo da palavra.

Patria Açoreana é titulo carinhoso, sintetico da Patria Portuguesa; é a ideia alevantada do patriotismo, reduzida, comprimida, cristalisada no Arquipelago, berço dos açoreanos.

Portugal é a Patria de todos os portugueses; e os Açôres são retalhos de Portugal. Os açoreanos são bem portugueses e os Açôres bem de Portugal.

Patria, no sentido generico, abrange um territorio mais amplo, encerra uma amplitude mais vasta; porque ela se estende até ás fronteiras dos territorios visinhos e se dilata até aos limites geograficos entre os quaes os povos se regem pela mesma lei politica estabelecida, falam a mesma lingua e narram a mesma historia, empunhando a mesma bandeira.

Para alguns, para os altos pensadores, a Patria é tão ampla que abrange o mundo; porque o Universo sem barreiras, sem distinção de raças nem divergencia de crenças, é a Patria dos grandes homens. Cosmopolitas, se denominam, palavra que de duas gregas se forma e traduz—cidadãos do Universo.

Mas o amor não cresce na proporção que se dilata ou aumenta o numero de kilometros na extensão dum pais; antes, pelo contrario, se diminue. E' neces-

sario resumil-a, consubstancial-a em limites mais estreitos, sintetisal-a, para melhor a compreendêr e amar, envolvel-a num olhar, estreital-a em nossos braços, unil-a ao coração, aconchegal-a aos labios. A Patria é a terra-mater, a terra querida onde nascemos, ande vertemos as primeiras lagrimas e balbuciamos os primeiros sons, onde sorrimos á primeira luz; é a estrada luminosa onde ensaiámos os primeiros passos; é o jardim floride, a campina matizada, os prados rescendentes, as serranias verdes onde brincámos na infancia descuidosa; é a casa onde a nossa mocidade decorreu num halito salutar de carinhos e de bençãos; são as montanhas majestosas onde se nutrem os rebanhos; as ribeiras que serpenteiam sussurrantes; é o céu anuviado onde nos sorriem as estrelas e passeia vagarosamente a lua; as florestas verdejantes onde as aves nos saudam em trinos harmoniosos que outras não igualam, como se até a musica alada outros sentimentos exprima em diferentes paizes; é a cidade, a vila, a aldeia, com seus monumentos e sua historia; palacios de abastados e cabanas de mendigos; parques de opulencia e leiras de miseria; é a egreja branquinha a dominar o povoado, erguendo alto a cruz e tangendo maguadamente o sino, aquele som amigo que nos sauda ao entrar na vida e nos pranteia ao sair dela.

Sempre que á nossa saudade surja a idéia de Patria, o nosso espirito se transporta... e ao pensamen-

to aflora a imagem queriða ðo torrão natal. E, a nossa ambição, o nosso ðesejo veemente nesses momentos ðe nostalgia suave, é tornar tão reðuziða a nossa terra, tão pequenina... que toða nos coubesse no coração, ou tão granðe transformar o nosso coração que nele coubesse, inteirinha, a nossa queriða Patria.

A Patria ðos pensaðores é o munðo; a Patria ðos sentimentalistas é o lar onðe nascemos, é o berço que nos embalou.

Patria! Imagem sagraða, geraðora ðas maiores e mais sublimes ðeðicações, impulsora ðos mais alevantaðos heroismos, ðos mais ðecantaðos sacrificios, como te amamos, como te veneramos!...

Cantou, algures, um ðos maiores poetas açorcanos, Manuel Augusto ð'Amaral:

Morrer... oxalá que fosse
Sob o ceu da minha aldeia,
Que o chão da patria é mais doce
Que o chão duma terra alheia!

Só a nossa patria encerra
As venturas que vivemos;
Para morrer não ha terra
Camo aquela em que nascemos.

Arquipelago Açoreano! Hostiario sagraðo ðe Portugal! Corpo, sangue, alma ða Patria se consubstanciam ali, em pleno Atlantico, em nove ilhas, particulas santissimas ðe amor, ðepositaðas no alto mar

para comunhão dos nautas tripulantes das grandes frotas das travessias longinquas para as descobertas ousadas, para as conquistas gloriosas!

Hostia d'amor! absorvemos-te num hausto!

Essencia mistica de afectos! lavai-nos, purificai-nos! Unção divina! abrazai-nos, redimi-nos, santificai-nos!

Abrazado no amor da Patria — chama purissima — Nun'Alvares foi heroi e santo; e o infante D. Fernando se fez martir e redentor.

"Sejam as memorias da Patria que tivemos, o anjo de Deus que nos revoque á energia social e aos santos afectos da nacionalidade;" disse Alexandre Herculano.

Angra, Agosto de 1928.

Gervasio Lima

OS AÇORES

Os Açôres

Campos claros de milho novo e trigo loiro;
Hortas a rir, pergeis noivando em frutos d'oiro

GUERRA JUNQUEIRO

PARA que entre o mundo velho e o mundo novo existisse um traço vivo de união, florido e cantante, palpitando rescendente e luminoso á flôr das aguas, é que, parece, surgiram os Açôres.

Se não sairam do fundo do mar, cairam do céu, como disse o escritor açoreano Manuel da Camara.

Sentinelas avançadas de Portugal, faroes indicadores da America, restos dum continente submerso ou erupção de vulcões ardentes, nove ilhas sobrenadam no Atlantico, flutuando como emblemas depostos sobre o tumulo dum gi-

gante, como esmeraldas engastadas num anel imenso que abrangesse os meridianos do Globo.

Batidas constantemente por ventos de todos os quadrantes, açoitadas, a miude, por tempestades repetidas, ameaçadas pelas ondas que ora beijam caricisasamente as suas enseadas e praias, ora cospem e castigam, num desespero irado e louco, elas se ligam e unem estreitamente, pelas arterias invisiveis, palpitantes e quentes, rumorosas e ameaçadoras que sob as aguas se estendem como raizes, comutando a mesma selva estuante—sangue de vulcões—partilhando a mesma dôr, seguindo eguaes destinos, como se um só corpo constituissem, animado pela mesma alma.

Unidas num amplexo estreito, familiar,
Cobre-as o mesmo céu, beija-as o mesmo mar.

Como brota da planta a essencia duma flôr,
A grande alma insular vibra na mesma dôr.

O nosso labio freme em igual devoção,
E agita o nosso sangue o mesmo coração.

Nossa historia traduz, num afago risonho,
Odisseias de gloria, epopeias de sonho.

Colocados entre tres grandes continentes, ficam os Açôres a 340 leguas a leste dos Estados Unidos da America, 300 do noroeste da Africa e 250 a oeste da Europa.

D. Antonio Meyreles, o bispo illustrado e orador distintissimo, proferiu esta frase eloquente, do alto da tribuna sagrada:

«Não encontro melhor scenario para cantar a gloria de Portugal, do que os Açôres, nove côros de anjos á volta do trono de Cristo.

Foram terras da Ordem de Cristo. A Terceira é a ilha de N. S. Jesus Cristo.

Vivêmos no meio do nosso mar, e as suas ondas revoltas e jubilosas cantam eternamente á volta das costas açoreanas o hino magnifico do nosso dominio. Marcos sagrados dos nossos direitos de conquista atlantica, as ilhas dos Açôres formam uma grinalda de torres de menagem cujas pedras de lava as vagas veem oscular antes de partirem, no seu movimento incessante, em direcção aos continentes.

Aqui, Portugal é maior, tão grande, tão grande que só os nossos olhos espirituais e misticos o adivinham para alem das nuvens e das brumas que limitam os horisontes...

Sentimo-nos uma incarnação da alma luza, porque ela nos descobriu no meio do seu mar.

Somos a sua projecção luminosa, porque a bem-dita casa portuguesa é um miradouro florido, cujas janelas todas dão aqui para o nosso lado. A terra que mais penetra no oceano Atlantico chamamos-lhe sagrada—*Promontorio Sacro*—e a montanha mais alta chamamos-lhe *Estrela. Sagres* é a caravela que sulca as ondas, a *Estrela* é o farol que ilumina a rota.

E assim os Açôres são os mais belos altares da alma portuguesa, feitos com o seu remo e feitos com a sua luz.»

*

Nove ilhas, nove galeões petrificados, firmes em suas ancoras, arvorando a mesma bandeira, narrando a mesma historia, defendendo a mesma patria, entoando o mesmo hino. Á sua volta, em noites luarisadas e mansas, rondam as almas dos herois antigos; e dirigem, aconselham, segredam e cantam, orando na voz do vento, soluçando no som da vaga, reprehendendo no ribombar da nuvem.

«O Arquipelago dos Açôres, composto de nove ilhas,

que um poeta chamou outras tantas nereides soerguidas á tona d'agua, ora risonhamente envoltas em mantos de verdura e rosas, ora com a fronte velada de nevoa melancolica, ora de aspecto, diriamos, severo e angustioso» como escreveu um visitante ilustre, poeta e sabio, o dr. Leite de Vasconcelos.

O poeta hespanhol D. Miguel de Barrios, escreveu, no seu poema traçado na Terceira, quando da dominação Filipina, nos alvores do seculo XVII:

Yaze baxo del setro luzitano
de los Azores el pais florido
sobre el riso cristal del oceano
en nove fermosas islas dividido

Dos Açôres escreveu o literato Julio de Castilho, nosso hospede:

«Nos Açôres ha de tudo, desde as mais admiraveis manifestações geologicas até ás memorias historicas dos nossos feitos nacionais mais recentes, desde a virgindade pudibunda das terras primitivas até aos requintes do luxo moderno de Londres, de Paris ou de Washington. Ali podes dar pasto aos teus desejos mais sofregos de estudar a Natureza, na geologia, na paleontologia, na zoologia, na botanica, emfim, por qualquer das faces que pretendas encarar. Se és paizagista, em parte alguma encontrarás scenario mais deslumbrante. Se és antiquario, mil reliquias autenticas do Portugal de tres e quatro seculos atraz te estão a concitar as atenções, já nos usos, já na lingua, já na arquitectura, já nos trajos. Se és poeta, vês uma terra que bem digna seria de inspirar os maiores liricos do mundo e em torno á qual o Oceano, que é um poeta de primeira ordem, se não cança de rugir e retroar as suas estrofes esplendidas, encapeladas

de espuma sonora ha seculos de seculos. Se és um elegante até encontras sociedade distintissima que nos transporta ao melhor mundo de Lisboa, gente que viaja, que vê, que lê, que sabe e que em toda a parte pedirá meças no capitulo hospitalidade.

Os contrastes, a luz e a sombra, os negros e os claros, formam o principio caracteristico do belo nos Açôres. Não ha ali apenas as monotonias exuberantes e insaportaveis da paizagem minhota nem o sorriso perpetuamente infantil dos campos de Coimbra; ha tudo: ao lado do vale risonho, o pincaro de lava negra; ao pé do jardim de rosas e jasmins, o mar em turbilhão de espuma, sob a crosta das mais opulentas formosuras raraes... o inferno.

Estas violentas contraposições do ameno e do terrivel, da vida e da morte, da verdura e do fogo, da mocidade vegetal com a ancianidade milenaria do minerio plutonico, causam um pasmo singular! Dir-se-ha que a Natureza dos Açôres inspirou as teorias literarias de outros vulcões que se chamaram Shakespear e Hugo. Cosete e Esmeralda negoceiam ao lado de João Valjean e Claudio Frolo; entrevem-se Ophelia e Julieta á beira do mesmo abismo onde ressoam com o seu clangôr metalico todos os terrores de Eschylo. Tambem o Vesuvio viu sentarem-se-lhe nas erupções Torre del Greco, Baias, Sorrento e Castellamare.»

*

A historia da descoberta dos Açôres, minuciosa e precisa, jaz sepultada em trevas. Não a narraram convenientemente as cronicas, ou estas desappareceram na dominação estranha, como opinam alguns investigadores. O espirito nacional, embrenhado, então, nas conquistas formidandas da Africa, nesse periodo maravilhoso de esplendor que foi

o Seculo XV, pouca importancia lhe consagrou, talvez. A mão calosa e rude do marinheiro, rasgada pelos cabos grosseiros das caravelas primitivas, o uso constante das armas nas lutas porfiosas e sangrentas da conquista, embotavam, decerto, o espirito e desviavam a mão do manejo da pena. Transmitiam-se os acontecimentos pela palavra, na conversação, como narrativas vulgares, coisas singelas, de pouca monta...

Os Açores! Se eles eram desabitados, de natureza selvatica, oscilantes, mal seguros, agitados pelo fogo, batidos de todos os ventos, açoitados pelo grande mar em todos os contornos das suas nove ilhas... Sem tesoiros para seduzir e enriquecer avaros, servindo comtudo, como nota um escritor nosso, para engordar magros bolsos de governadores arruinados; sem rios que fertilisassem os campos na rega natural e facil, poetizando lugares; antes, se viam ribeiras bravias e esqualidas onde correra, rugindo, escaldante, a lingua de fogo em labarêda devoradora... Sem minas para a exploração, sem escravos para a traficancia mercantil nem indigenas para escravisar... Sem oiro nem pedrarias... Bem ao contrario, lavas chamejantes, cratéras rubras ainda de vulcões em ebulição permanente, terrenos asperos e irrequietos, rochedos inacessiveis, matagaes espessos e eriçados de espinhos, algares pavorosos; rugidos formidandos, saindo do centro da terra, semelhavam *vozes de domonios,* na frase dos primeiros colonos transmitida pelo padre Antonio Cordeiro. Aves... só aves... *e tão mansas que se deixavam apanhar;* testemunho provado da virgindade do Arquipelago e contraste admiravel com o aspecto desolador e temivel da Natureza.

Assim foram encontrados os Açôres, pelas naus de

Frei Gonçalo, para os dominios de Portugal, em meiados do seculo XV.

Povoaram-os minhotos e algarvios, madeirenses e fidalgos da Flandres.

Das trevas seculares que envolviam o mar tenebroso, arrancára, alfim, Gonçalo Velho, á ordem do senhor Infante D. Henrique, o pedestal gigantesco onde se ergueu o farol luminoso e penetrante que encheu de luz e esplendor o mundo inteiro!

«Foi a descoberta dos Açôres e a sua colonisação que incitando a observações, elevaram a nautica, de simples rotina de navegação costeira, ás alturas duma sciencia exacta» escreveu Ernesto do Canto, o maior historiador açoreano.

Dobrado o Cabo Tormentoso, alcançados os Açôres—faroes do Atlantico—se descobre o caminho ignorado da India, se desvenda a grande America, se vislumbram terras de Santa Cruz; e já quando tres continentes comunicavam, e as asas brancas das nossas caravelas cruzavam o mar em todas as direcções é que surge Colombo, caminhando confiadamente, ufano e seguro, a um ponto que não era desconhecido de açoreanos, porque deles o soube, o grande navegador; descobertos os Açôres, Fernão de Magalhães concebe a ideia de circumnavegar o globo e consegue, levando comsigo dois açoreanos!

*

Providencial destino! Para que um gesto merecido de reconhecimento publico selasse, num oscalo, a gratidão devida á terra dos Açôres, indicadora de novos caminhos maritimos, orientadora de novos rumos, eis que Vasco da Gama e seu irmão Paulo, os grandes capitães da jornada

da India, cansados e exaustos de energias, se vêem forçados a procurar abrigo confortante á sombra carinhosa dum mosteiro de S. Francisco, na ilha Terceira—coração do Arquipelago e terra dos Côrte-Reaes, dos Pachecos, Labradores e Barcelos—no seio pacificante da Terra de Jesus deixando nela a mais preciosa reliquia de tão extraordinario facto que assombrou o Mundo:—o corpo inerte de Paulo, as lagrimas sentidas da sua dôr de irmão.

O solo terceirense, centro do Arquipelago, foi regado com sangue e lagrimas dos Gamas. E o convento de S. Francisco, que já albergava os restos do capitão João Vaz Côrte Real precursor das navegações ao poente, e pai dos Côrte-Reaes, os descobridores da *Terra Verde*, recolheu, religiosamente, mais uma reliquia veneranda.

Para que o mesmo gesto praticasse o descobridor da America, eis que Colombo, o avisado que caminhára com o intento de encontrar as praias orientaes da Asia e finalmente atinge o Novo Mundo, no seu regresso victorioso e feliz, as tempestades, a força do Destino, esse poder invisivel mas sentido e latente, o obriga a dobrar o joelho, aproando aos Açôres, em cumprimento dum voto aflictivo, ancorando, humilhado e penitente, no porto de Santa Maria, a primeira ilha desvendada e que fôra o tumulo provavel de Frei Gonçalo Velho, como que a agradecer, curvado e suplice, a restea de luz com que o iluminaram açoreanos atravez a arriscada viagem.

Porque, é facto incontestavel, antes que as velas brancas de Palos sob o rijo comando de Cristovam Colombo, surgissem ufanas, em terras do Norte já as caravelas açoreanas, as ancoras rudes e pesadas das nossas embarcações primitivas, tinham mordido, sequiosas e trementes, terras precursoras da America—Terras do Labrador, Terras dos Corte-Reaes, a Terra Verde—Já João Vaz Corte-

Real e Alvaro Martins Homem dividiam a Terceira em duas capitanias, por dadiva do rei em premio de suas viagens de exploração oceanica atravez as regiões geladas do poente, conforme narra o padre Cordeiro.

Aos Açôres deve o Mundo a desvendação dos mares que a outros mundos conduziram.

E para que em nenhum acontecimento extraordinario, epico, colossal, sejam indiferentes ou esquecidos os Açôres, ainda ha pouco, no triunfo da Europa após a grande guerra, o Arquipelago Açoreano desempenhou papel importante no auxilio dispensado á America na causa dos aliados, oferecendo franca hospitalidade á base naval que em S. Miguel se aquartelou e campo de concentração aos alemães que nos castelos da Terceira se acolheram.

Se a Alemanha tivesse possuido os Açôres teria vencido a guerra! disse o almirante alemão Von Reuter.

Ainda ha dias, na modernissima historia da Aviação, tem os Açôres ligado o seu nome. Eles serviram de escala ao hidro-avião do cap. Read (1919), o Faial e S. Miguel; e, sobre a Terceira voou, deixando cair na sua Angra flores e noticias, o Zeppelin do dr. Sckener, o primeiro que o mundo viu, na travessia Alemanha-America. Por essa ocasião cantou um bardo terceirense sob o dominó de João Azul, em folheto profusamente distribuido:

.....

Vimos asas da Alemanha,
O colossal Zeppelin
Que num vôo audaz, jucundo,
Levantando-se em Berlin
Foi baixar no Novo Mundo...

A deslumbradora ave,
A mais bela aeronave,

A maior que se ha visto
Entre arrojados condores,
Deixou cair lindas flores
Sobre a Terceira de Cristo.

Em 1927 é o aviador hespanhol conde de Pinêdo, que, de volta ao Atlantico, forçado se viu a oscular os Açôres descendo na ilha de S. Miguel.

Em Outubro do mesmo ano, é Miss Ruth Elder, a primeira mulher que tentou a travessia do Atlantico pelo ar, e que o Destino forçou a descer sobre as vagas espumantes dos canaes açoreanos para que passeasse nas capitaes dos tres distritos, para que pisasse terras onde repousam os ousados navegadores que a grande America, sua patria, desvendaram ao Mundo.

Uma mulher, filha desse colosso—a America - cujo simbolo de Liberdade se eleva altivo nos seus escudos, ao voar por sobre o Atlantico, no seu *American Girl*, abateu as asas audaciosas para que a historia registasse, no traço celeste, a saudação aos ousados navegadores que destes rochedos sairam a caminho de aventura maior.

Como não haviam de beijar terras açoreanas, como não haviam de ajoelhar no solo sagrado do Arquipelago Açoreano, se ele é o altar da patria Portuguesa erguido no alto mar para comunhão das almas de aventureiros e de heroes, de apostolos e guerreiros, de martires e de santos?...

O poeta açoreano Raposo d'Amaral cantou algures:

Em vão o mar retalha em nove cantos
Nove açafates de verdura e flores:
As nove irmãs no solo e nos encantos,
As ilhas abençoadas dos Açôres;

Que n'estes nove berços sacrosantos,
Edens de paz, de sonhos e d'amores,
O proprio mar embala a outros tantos
Povos irmãos nos fados, nos labôres!

E como mãe que o terno filho afaga,
O mar nos ri e canta a cada vaga;
E como os filhos seus nos ane e irmana,

E nos segreda a voz da Natureza:
Soes a aurora da Alma Portuguesa
Que o mar espelha em Alma Açoreana.

*

A velha alma portuguesa era um tesouro inesgotavel de valores moraes, era um facho esplendoroso de virtudes civicas que iluminaram, por algum tempo, as trevas cerradas da barbarie. Mas... D. Henrique, o Iluminado de Sagres, como que presentia o perigo avassalador de contactos persistentes com estranhas raças, como que divisava já o ameaçador contagio de diferentes povos. E, para que houvesse um recanto isolado e escondido, longe do bulicio alucinador dos grandes centros geradores de todas as paixões, um ermo lavado de sol, osculado de espumas, onde a alma da patria—o genio do Amor, a flôr sagrada da tradição—fosse religiosamente guardada e zelosamente conservada, como joia rara, de inestimavel preço, é que, parece, as vélas brancas como asas que arrastassem gigantes, partiam constantemente á sua voz, singrando as aguas desconhecidas, como aves gigantescas que buscassem um rochedo distante, um pinaculo virgem, onde construir abrigo edificando ninhos, longe dos olhares cubiçosos, livres do contacto dos homens. Seria assim? . . .

Em 1431, seculo da colonisação das ilhas açoreanas,

recomendavam as côrtes de Evora que se não consentisse a entrada de estrangeiros nas ilhas.

Foi assim, talvez, foi para isso, quem sabe. . . que os Açôres foram procurados e aproveitados para receberem a melhor gente da casa do Infante; e por isso conservado o sigilo da sua descoberta; para que ninguem maculasse o escrinio sagrado da grande Alma Portuguesa?..

Victorino Nemesio escreveu, na edade escolar:

Terra d'Açôres onde vagueia a bruma
Perdida em ritmo pelo ceu dormente,
Desabrochando em nove flôres de espuma
Sob o luar comovido e evanescente.

Terra d'Açôres que a velha lenda esfuma
De piedade e de resa, cristãmente
E onde o beleso estremece, a arte suma
Poz a sua expressão incongruente;

Cinco seculos ha quasi que o mar trilha
Esta armada de sonho onde eu abalo
Para que o sonho em mim eterno fique.

D'entre o Atlantico, em nevoa e em maravilha
Descobiram-no as naus de Frei Gonçalo
Para o senhor infante Dom Henrique.

*

Entre o ceu turquesado e o mar glauco nove pedaços de Portugal conservados a meio do Oceano, *entre a costa luzitana e a riba da America para dar abrigo aos mareantes de Sagres.*

«Ninho d'aguias, produzindo o bando notavel e rijo e belo das melhores mentalidades, como escreveu o dr. Pinto da Rocha, brazileiro ilustre. Ballsas de passagem entre

dois mundos, servindo para acertar os rumos e na historia para afirmar a prioridade da descoberta da America.»

Nove ilhas escabrosas, ignoradas, em meio do Atlantico, conservando a virgindade primitiva, seduziam ao povoamento, á colonisação, com gente de Sagres, conservando aqui, neste isolamento, a pureza nativa, luminosa e castiça, folgasã e crente, espelho limpido da velha alma portuguesa. Por isso que ela, ainda hoje, á distancia de cinco seculos, se conserva imaculada e vivida, sem o contacto perigoso das invasões nem o perigo contagioso da alucinação criminosa; porque a não macularam nunca as levas da escravatura, as inundações estrangeiras, nem as ambiciosas honras e cubiçosos interesses individuaes sob estranhos dominios; nem a maculam ainda, as aventuras do crime na ambição de mandos, na conquista do poder.

O poeta M. Augusto d'Amaral cantou:

Sob uma opaca nevoa de incerteza
E de pavor, por seculos veladas,
Jazeram, como virgens encantadas,
Estas joias sem par da Natureza...

Mas nasce D. Henrique; e, numa empresa
De aventuras, quaes nunca celebradas,
Do ignoto mar as trevas sofismadas
Qual sol, espanca o Infante, com surpresa.

Á luz desse astro iluminou-se o Mundo,
Dobra-se o Cabo Não... e num segundo,
Derrue-se a prisca lenda dos terrores.

E então Velho Cabral, de audacia cheio,
Ás ondas roubo e põe da patria ao seio
Este colar de estrelas—os Açôres!

A velha alma da raça, com os seus brios, as suas paixões, os seus encantos folgasãos, os seus usos e costumes, revive ainda—fogo fatuo dum clarão imenso—nestes rincões floridos.

Portugal grande do Seculo XV como que revive através a penumbra de quatro seculos e se mira, garboso e ufano, no espelho enorme das ondas que estes rochedos banham e bordam de espumas rendilhadas.

Os cantos populares, as festas da praça, os imperios do Espirito Santo, os bodos, as folias da rêz, os descantes á viola—musica da jornada d'Alcacer—a poesia rustica adoravel e simples, tudo isso que constitula a expansão maxima da alma portuguesa, se alberga nestes retalhos avançados da patria, recessos longinquos de Portugal—os Açôres. Conservam-na as nove ilhas do Arquipelago, sentem-na os seus naturaes, cultivam-na devotadamente, transportam-na longe, levando-a a toda a parte onde a sua acção se manifesta, desde as montanhas geladas da grande America opulenta e rica, ate ás ardencias mortiferas da Africa adusta, ás florestas sombrias do Brazil imenso. Por toda a parte onde o açoreano se alberga e vive, trabalhando, arroteando, colonisando, povoando, edificando, cultiva e dilata, propaga e ramifica as raizes, a flôr, o perfume das tradições amantissimas do seu lar saudoso—as crenças, os folguêdos, os costumes com que lhe embalaram a infancia e lhe povoaram a mente.

O caracter português, firme, inquebrantavel, altivo, dominador, inteligente, de vocação multipla, se albergou aqui, no periodo da colonisação e se refugiou sempre nos momentos de perigo nacional; aqui, nestes retalhos de alem-patria, ele se experimentou bastas vezes e se aquila-

tou na tempera indomavel e valorosa de Ciprião de Figueirêdo, na magnanimidade stoica de D. Violante do Canto, na abnegação patriotica de D. Brianda Pereira, na lealdade constante de Francisco de Ornelas e João d'Avila, na bravura heroica de Vasco Anes, Hercules Barbosa e Sebastião Arriaga, nas aventuras guerreiras de Lorvela e Antonio Figueirêdo, o *terror dos arabios*, no sacrificio admiravel de Mateus Alvares, o D. Sebastião, na acção evangelisadora de Frei Antonio Benevides, Bento de Goes e João Batista Machado, na erudição assombrosa do dr. Gaspar Fructuoso, o *Herodoto açoreano*, Antonio Cordeiro, o *mestre da Filosofia* e Teofilo Braga, o *enciclopedico*, na eloquencia grandiloqua de Bartolomeu do Quental, o nosso *Vieira*, na linguagem vernacula de Sena Freitas, no estilo regional de Victorino Nemesio, na lirica popular do padre Osorio, San-Bento e Cortes-Rodrigues, nas odes de Cabral de Melo, na poesia filosofica do grande Antero, na prosa invulneravel de Aristides da Mota, nos ensinamentos pedagogicos do padre Jeronimo Emiliano de Andrade, o nosso *Quintiliano*, na sciencia inconfundivel de Azevedo Neves, Afonso Chaves e Souza Junior, nos vôos audaciosos do tenente Ortins, o aeronauta, nos calculos matematicos de Melo e Simas, o astronomo, na coragem de Roberto Ivens, o companheiro de Capêlo na exploração da Africa, no romantismo historico de Campos Junior, nas ironias de Camara Lima e Garcia Monteiro, o nosso *Tolentino*, nos harpejos melodiosos de Cecilia Borba, na bondade evangelica de Margarida Chaves, nos arroubamentos misticos de Tereza da Anunciação, na estatuaria de Jose do Canto, na audaciosa aventura de Pedro de Barcelos, Fernandes Labrador e os Corte-Reais, navegadores, na diplomacia austera do Duque d'Avila, Hintze Ribeiro e Manuel de Arriaga, o *santo da Democracia*, nas telas deslumbrantes

de Sousa Pinto, *Murilo açoreano*, nos traços decorativos de Nunes Sobrinho, na palêta admiravel de Domingos Rebêlo, nos barros de Maria Ramos, na investigação paciente de Teixeira Soares, Ernesto do Canto e Ferreira Drumond, nos acordes harmoniosos de Francisco de Lacerda, maestro, e tantos outros que se notabilisaram levando seus nomes á admiração e aplauso do mundo inteiro!

*

Dos Açôres, *as ilhas maravilhosas dos cabos violaceos e dos nevoeiros cinzentos,* disse Antero de Figueiredo, ao deixal-as:

«Ah! fôra a sociedade humana toda assim como esta se mostra e então a vida seria coisa viavel, coisa regalada. Vivi nos Açôres horas de afago e bonança».

Armando Monteiro, escreveu algures:

«Quem poderá esquecer o desejo fervente que em cada um de nós tomou vulto, de que a patria inteira fosse, na sinceridade, na ancia honesta de trabalho, na fé, no respeito pelos reaes valores, na belesa moral, emfim, a engrandecida imagem dessas ilhas».

Teixeira Lopes, o maior artista de Portugal, disse, tambem:

«Ai linda, incomparavel, doce impressão, a mais doce de todas que experimentei em tantos anos de lutas, de decepções e amarguras. Ha momentos na vida que valem toda uma vida».

O dr Luiz de Magalhães, poeta e escritor, filho do grande tribuno José Estevam, escreveu d'estas terras que visitou:

«A doçura do caracter açoreano vem revelar-nos que as velhas virtudes portuguesas não estão extintas e não

precisamos sair da nossa terra para encontrar um modelo de vida social, cheia de cordura, de harmonia e de belesa moral».

Joaquim Manso o escritor que dirige o mais apreciavel diario da capital, disse do Arquipelago:

«Nos Açôres a Natureza responde ao Infinito do ceu e do mar, pedindo-lhes colaboração para um ligeiro poema em redondilhas. Esse poema existe feito pelos tres, mas a forma pertence ás ilhas»

Manuel de Bragança, o artista da pena, dis assim:

«Arquipelago interessante e valioso sob todos os pontos de vista que se considere, é digno da visita e maior atenção de todo o continental que se prese. Tem historia e da mais bela, tem a arte mais sublime, tem crença da mais pura, tem o trato mais requintado, tem paizagens e vistas incomparaveis, tem comercio e industrias florescentes, tem a agricultura mais progressiva. Tem todo o necessario, exclusivamente conquistado, feito á sua custa, para viver comodo e feliz sem nada dever á patria que o gerou que não seja o amor de filho que sempre teve, ainda tem e jamais deixará de ter».

D. Luis de Castro, conde de Nova Gôa, exclamou no alto dum artigo para o *Correio dos Açôres*:

«No seculo XVIII dizia-se *boas recordações do passado são alegrias do presente*. Pois é verdade que eu no seculo XX sinto profundamente, com voluptuosidade, a verdade do dizer d'antanho, quando relembro a nossa jornada de encanto aos Açôres. As coisas belas ou criadoras de belesa intima, que por esse universo ha esparsas, e uma delas é o Arquipelago Açoreano, fel-os Deus para dar um sorriso á vida que se vive neste vale de lagrimas da vida».

Miguel Bombarda, após a sua excursão em 1899, escreveu:

«São aqui, pelos plainos ondulantes de S. Miguel, as vistas verdejantes e louçãs que lançam o coração em sonhos idilicos e nos arrebatam na doce quietação das puras bucolicas. São alem, nas Furnas, ou nas Sete Cidades, as fundas crateras extintas que, com as suas encostas dum vêrde sombrio, com a imobilidade das suas aguas dormentes, trazem ao espirito a desolação e a melancolia. É para diante a altiva magestade dum pico de mais de dois mil metros de altitude que, envolto no seu multiforme e policromico manto de nuvens, se impõe á nossa pequenez com toda a sua magnificencia, com toda a sua grandiosidade. É noutro lugar, a imensidade d'aqueles lagos agitados de margens ora suaves e doces, como em Genebra, ora abruptas e atormentadas como em Lucerna, que algumas das ilhas parecem formar, continuando-se umas com as outras no panorama. São ainda desenas de leguas mais longe, nas Flôres, as sombrias ravinas de mais de quinhentos metros, em que as encostas no sombrio da sua verdura, só se deixam entrecortar pelos largos saltos d'agua, as unicas vozes que veem perturbar o silencio d'aquelas solidões. São depois, poucas kilometros andados, as furnas que se abrem nas costas do mar e que com a sua vastidão de catedral, com a sua abobada lançada dum só traço, com as suas angulosas e quebradas colunatas de basalto, esmagam a alma no pasmo da grandesa. Ou ainda noutra ilha, as galerias subterraneas que materias em fusão desenharam e com o inferno dos seus contornos triturados com o seu gotejar de lavas que se diriam ainda pastosas, com a monstruosidade dos blocos da sua abobada, que parecem vir esmagar-se contra o chão, nos arripiam, ao pensamento do que vai suceder, no pavor do momento que vai seguir. É finalmente, o panorama mais vasto e mais variado que nunca meus olhos poderam

abranger, aquela imensa paisagem do Vale dos Flamengos, no Fayal; aqui o vale com o delirio dos seus tons de verdura que os salpicos branquejantes da casaria disseminada veem matizar, alem a mancha alva e alegre da cidade da Horta em que o gigante braço da doca lança uma nota de pitoresco, no fundo, emfim, o Oceano, que as ilhas proximas parecem ter convertido em lago e que o Pico visinho domina no explendido orgulho da sua magnificencia»

D. João da Camara exclamou, na contemplação das ilhas:

«Mar e ceu tudo é azul, e sobre as ondas, em que o sol semeia palhêtas d'oiro, são as nove ilhas, como ramos enormes, perfumados.»

O poeta Oliveira San Bento, cantou, na sua infancia:

Gondolas vêrdes, barcas ideaes
Que a mão de Deus nas vagas espalhou;
Vagas cheias de sol e de poalhas
De oiro e de cambiantes de cristaes
E juncadas de flôres d'uma batalha
Que entre tritões e ninfas se travou.

*

A flora dos Açôres é pujante, variegada e linda, subindo a mais de setecentas especies as plantas conhecidas; e a sua fauna representa as especies de animaes domesticos que vivem na Europa e algumas do Novo Mundo. Ascendem a cerca de cincoenta especies as aves que nos seus campos vivem cantando nas campinas arborisadas, arrulhando nas torres, esgaravatando nas pastageas e quintalorios.

Continua ainda o sr. D. Luiz de Castro, Conde de Nova Gôa, na sua apreciação das ilhas:

«E' crivel não achar de novo o momento dantesco em que se me deparou a caldeira do Fayal, dedada profunda e tragica de Deus para mostrar aos homens, pelo contraste, o presente soberbo que lhes fizera d'aquela ilha viridente, de encostas suaves, em que os olhos docemente se embalam?...

Não poderei pensar que outros dias se me proporcionarão em frente dessa esfinge alterosa e bela, de silhueta robusta mas gracil que é o Pico?...

Não será acreditavel lograr umas horas semelhantes áquelas em que percorri as pastagens de S. Jorge, mosqueadas de gados, pedaço da Holanda arrancado ao mar do Norte, transplantado para o Atlantico e posto a encimar como troféu de gloria, uma sua onda gigantesca e petrificada em negro?...

Ser-me-hão negados dias como aqueles que passei no Vale das Furnas, ao qual nem Cintra, nem o Bussaco, nem o Bom Jesus, nem o Vale de Besteiros podem pedir meças?...

Ou aquela outra, fastigada pelo nevoeiro, que tão bem quadra á paizagem açoreana, em que repentinamente me transportei atonito pelo contraste, aos dominios do negro e agressivo toiro bravo, na ilha Terceira. Lá nas pastagens altas, em frente dos *cornupetos* de atitudes arrogantes e olhar torvo, julguei-me numa Andaluzia pardacenta, vista atravez de véu cinzento, numa Andaluzia que se fosse dilaindo á nossa vista, perdendo a côr, a luz, a nitidez exaustiva da minucia, o calor ardente e que eu surpreendesse numa das ultimas gradações dessas forças, antes da sua dilaição completa no espaço. Espectaculo estranho, paradoxal, inedito e mais incisivo para mim, que, um ano antes, estivera com os Miuras, sob um sol de brasa, no seu *corti-*

go perto de Sevilha, em frente do carro formidavel que fa ser morto na Maestranza.

Não se me revelará então outra vez esse esconderijo de fadas das Sete-Cidades que, por seu nome, por sua exquisita disposição e opulencia paizagista, é muito mais das *Mil e uma noites* do que da ilha de S. Miguel?...

E' atopico pensar que voltarei a ter a sensação oriental das culturas de chá em Ceylão, ali em pleno Atlantico, a dois passos da Ribeira Grande, e a impressão desconcertante da Babel botanica preciosissima do jardim de José do Canto, em que num relance d'olhos se passa em revista a flora arborea de todo o Mundo?...

Não mais me será dado respirar o ar embalsamado de perfumes, aromatizando intensamente a luz explendida d'aquela madrugada na ilha de Santa Maria que parecia entornar para o Oceano, pelas suas encostas, o mar rutilante dos giestaes em flôr?...»

Assim falam, assim se exprimem os que até aos Açôres veem e observam as suas maravilhas. Forbes, o milionario norte-americano, de pé sobre a Caldeira do Fayal, afirmou que: *Se não tivesse familia alí acabaria os seus dias.*

*

A poesia tradicional, primitiva, do povo português, da velha alma de Portugal, recolheu-a o *Romanceiro dos Açores*, e existe, palpitante e rediviva, nos *Cantos Populares do Arquipelago Açoreano*, tesouro preciosissimo recolhido e arquivado carinhosamente por Garret, João Teixeira Soares, Teofilo Braga, na investigação cuidada e paciente das baladas e canções que embalavam o espírito português nes-

sas epocas longinquas da colonisação açoreana por gente do Minho e do Algarve, nesses tempos em que a alma popular se expandia alegremente na interpretação viva e cantante das *Canzones* de Italia, nas *Gwezlon* da Bretanha, nos *Votkslieder* da Alemanha, nas *Baladas* da Escocia, nas *Kampviser* scandinavas e nas *Chansons de toile*, da França, como notam sabios observadores.

O espirito maravilhoso da epoca, sagrado de fé, ungido d'amor, se reflectiu e cristalisou na denominação batismal das ilhas: Santa Maria, S. Miguel, Ilha de Jesus, S. Jorge, Fayal, Flores, Graciosa.

Era a fé e o amor, a religião e a poesia, que nasciam e cantavam no coração e na garganta dos primeiros habitantes destas ilhas, sentimentos que foram levados, ainda, nos vôos audaciosos dos emigrantes aventureiros, até ás vastas regiões do Brazil, como nol-o confirmam os proprios brazileiros Sylvio Romero, Celso de Magalhães e outros, asseverando a sua conservação, ainda hoje, nessas floresce ntes terras de Santa Cruz, bafejadas pela colonisação feita por açoreanos.

A alma heroica, audaciosa e dominadora, encarnação palpitante de Portugal grande, nestes rochedos se albergou, se encorajou para maiores destinos e se alou... asa mistica da fé, para a conquista, para a Civilisação.

Conseguida a independencia e a consolidação nacional, a descoberta dos Açôres convidou á conquista dos mares, á colonisação de terras, á sementeira de colonias, á propagação da Fé.

Mares para o Mundo, terras para a Patria, almas para Deus!

Era a divisa sagrada dos mareantes e guerreiros do seculo XV.

Os Açôres foram e teem sido sempre, em todas as crises nacionaes em que se ha debatido a mãe patria, o ultimo refugio da Independencia, o derradeiro reducto da Liberdade!

A grande alma portugueza que animava os homens e se estendia por todo o vasto territorio da Patria, desde a pequena e estreita faixa de terra, frente da Europa, até ao Brazil immenso, ás Africas longinquas, e ao imperio das Indias, se curvou constrangida e humilhada, sob a garra esmagadora e asfixiante do *Leão de Castela*; comtudo houve um rochedo, colocado a meio do Arquipelago Açoreano—coração dele—um rincão isolado num recesso do Atlantico, marco divisorio entre dois mundos, que abriu o peito aos sentimentos de fidelidade e amor patrio, e, de armas na mão, resistiu e disputou ao maior potentado da terra, a corôa de Portugal. E D. Antonio, o Prior do Crato, principe português, foi rei e teve côrte, vassalos, moeda e damas na ilha de Jesus. A alma libertaria da Patria, immaculada e pura, aqui se aninhou!

Dois seculos após, é ainda na terra de Jesus que a Liberdade, ferida duramente numa luta encarniçada de irmãos, se veiu refugiar, no mesmo rochedo heroico, centro do Arquipelago. E a capital do pais se fixou na Terceira; e as primeiras leis libertadoras que gosaram portuguezes, aqui foram pensadas, concebidas, ditadas e publicadas pelo grande Mousinho da Silveira.

A historia dos Açôres é a historia da Independencia, da integridade nacional; é a historia da conquista das liberdades patrias; é a historia das descobertas que assinalaram o periodo aureo de Portugal grande!

Os Açôres! *Bastiões marinhos de Portugal que no*

Atlantico adiantam a alma da mãe patria, como escreveu o poeta Afonso Lopes Vieira, nos seus mares teem peregrinado as mais lidimas configurações do genio humano, como: Chateaubriand, Camões, o principe de Monaco, Newton, Bird, Colombo, os Gamas; nas suas fortalezas e areaes se bateram Cervantes e Lope de Vega, Herculano, José Estevam, Garret, Luz Soriano, Silvestre Ribeiro, Conde de Vila Flôr, Ciprião de Figueirêdo; nas suas rochas e barreiras, praias e enseadas, investigaram sabios como Miln Edwards, Bedmar e Hartung; na flora variegada e linda de seus campos, estudaram Guthnich, Hochestetter, Seubert, Watson e Drouet; nos sus pulpitos pregou Antonio Vieira; nos seus palacios e fortalesas epicas dominaram como reis D. Antonio, Prior do Crato, D. Pedro IV, o rei-soldado, e passeou prisioneiro Afonso VI; nos seus panoramas multiformes se inspiraram tantas vezes, Junqueiro, Garret, Bulhão Pato e outros que aqui viveram e passaram deixando um rasto imperecivel de luz.

Soares de Albergaria escreveu:

«Tudo quanto ha de grande, extraordinario, espantoso e sublime, tudo o que pode inspirar admiração, todos os quadros nobres, tristes ou melancolicos, que a Natureza se aprouve espalhar em suas composições, tudo quanto ela oferece em sua imensidade de scenas romanticas, doces e pastoris, parece ter-se reunido nos Açôres para fazer deles o Paraizo Mundano».

Morelet disse, ao falar destas ilhas: «O vigor, a abundancia, a variedade dos productos e o excelente amanho das terras dão aos campos a aparencia de jardins».

«Os Açôres! exclama o jornalista distinto que é Jaime Brazil: Penedia beijada pelo fogo purificador, solo ungido

pelo sangue dos heroes, paizagem cantada pelos aédos da raça, mar sulcado por todas as frotas gloriosas, salvé!»

Os Açôres! Nas suas enseadas e fortalesas, nas suas aguas marginaes, combateram pela causa de um principe português, D. Antonio, em 1582, fidalgos da culta França, como Filipe Strossy, general duma armada em que comandavam o conde de Brissac, o senhor de Saint-Soline, o capitão Dannat, Baret, Favelles, Dauzet, o senhor de Bas, La Broge, Dadresnay, Dumesnil, Armand Duplessis, o senhor de Fumée, voluntario, Hurtaut e outros que acompanharam o Prior do Crato e o seu condestavel o Conde de Vimioso.

Como combateram em oposição, a favor de Filipe de Hespanha, em terras açoreanas, os primeiros fidalgos de Hespanha, como D. Juan de Baçan, D. Lope de Figueirôa, Agustin Herrera, Lazaro de Isla, Pedro Rosaro, que morreu em Angra, Miguel Ferrer, Diego Coloma, D. Juan de Cordova, Miguel de Veneza, D. Bernardin de Çuniga, Sancho de Solis, D. Juan de Biveto; e os voluntarios D. Hugues de Mendoça, D. Godofroi de Mendoça, D. Pedro Enriques, D. Luiz Vanagas, D. Alvaro de Benevides Baçan, D. Juan de Granada, Marcel Carachiolo, D. Jeronimo Çapata, D. Bernardin de Mendoça, D. Diogo de Baçan, o mestre de campo D. Francisco de Bovadilla, capitão D. Antonio de Paços, capitão Juan de Texeda, Diogo de Cardenas Soto-Mayor, Bustamante de Herrera, Juan Fernandes de Luna, Diego de Oviedo, os cavaleiros D. Filipe de Cordova, D. Alonso de Rojas, D. Gonçalo de Guevara, D. Francisco de Benevides, D. Antonio Solis, D. Francisco de Toledo, D. Francisco de Gusman, D. Jeronimo de Bride, D. Juan de Piza, D. Francisco d'Aranda, D. Pedro Enrique, capitão Melchior d'Esparça, o mestre de campo Agostin Iniguez de Çarate, capitão Diego Xuarez de Salazar, D. Christoval

d'Acunha, D. Juan del Castillo, D. Francisco de Bivanco, Antonio Florez, Pedro Ximenez de Heredia, Christoval de Paz, Francisco Calderon, Pero d'Angulo, Hermando Pacho, D. Garcia Florez, D. Juan de Sandoval, que comandava quinze companhias de Portugal, por Filipe de Castela, o capitão Jeronimo Frances, Manuel de Birron, Antonio Serrano, Diego Baliente, D. Juan de Mendoça, D. Juan Mediano, Sancho de Ballon, D. Juan de La Naça, D. Sancho de Escobar, D. Esteban del Aguila, Juan del Area, Francisco de La Rocha, D. Pedro Ponce de Leão, D. Francisco de Borja, D. Bartolomeu da Maya, o conde Lodron, com os capitães conde Nicolo, Carlos; e os aventureiros D. Francisco Perenot e Mr. de la Motte, Lucio Pinatelo com os italianos, e o capitão Frei Ludovico de Aflitos, Miguel Coxa, napolitano, e D. Felix Aragão com a companhia de aventureiros portugueses. E tantos outros, escolhidos entre a fidalguia de Castela, que nos mares e terras açoreanas lutaram por principios e direitos de pretendentes ao trono de Portugal; porque, nos Açôres, a lealdade, a firmesa de caracter, só pela força superior das armas e em duelos e combates sangrentos, descomunaes, se rendia, com honra e pundonor, em todos os tempos—hontem como hoje.

E amanhã, sem duvida, como ha quatro seculos, se necessario fôr!

*

Chateaubriand que, passando nos Açôres, visitou as ilhas do Faial e Pico, escreveu no *Genio do Cristianismo* que Camilo traduzia:

«Um dia encontrámos nos Açôres um bando de cercetas azues, forçadas pelo cansaço, a pousarem numa figueira. Não tinha folhas esta arvore, mas pendiam dela

frutos encarnados e travados a dois e dois, como cristaes. Quando a toldou a nuvem das aves, cujas asas pendiam lassas de fadiga, era singular o espectaculo da figueira: os frutos pareciam duma purpura vivissima por sobre os ramos assombrados, ao tempo que a arvore parecia desabrochar como por encanto uma folhagem azul».

Das areias dos Açôres fala o chimico inglez H. C. Jennings, escrevendo a J. P. H. Parking Scholtz, em 1851:

«A areia granular de ferro dos Açôres contem oitenta e sete por cento de ferro, cinco de manganez e oito de oxido titanio. Derrete bem e forma com o carbonio uma belissima combinação: o resultado é um ferro que se pode tomar por aço, e brando e maleavel, mas endurece como o melhor aço, as suas propriedades de se curvar sem quebrar são de grande valia, por se poderem formar dele eixos para as locomotivas, que seriam eguaes a ferro batido não macio. Parece-me que as praias da ilha do Pico consistem todas desta areia.

«Envio-vos um especimen que por si falará mais claro do que tudo o que vos poderia dizer, pois não existe na Inglaterra semelhante produto nem em nenhum outro ponto, segundo penso».

Da benignidade do seu clima, da gentilesa dos seus naturaes disse Bulhão Pato, o poeta da *Paquita*, escrevendo ao jornalista Francisco Maria Supico, em Março de 1867, ao falar da ilha de S. Miguel»:

«Quando cheguei a esta terra vinha gravemente enfermo; deixava minha irmã, que é a minha familia; deixava amigos, como poucos se podem ufanar de possuir. Os quatro dias de viagem, e principalmente as quatro noites, foram, pelos padecimentos fisicos, as mais aflitivas da minha vida.

Cheguei aqui; achei familia, achei amigos, achei a saude, achei os meus colegas da imprensa festejando-me, e, na noite de 22 de Janeiro, todo um publico levantando com o seu entusiasmo alguns pobres versos e algumas frases de um rapido improviso.

Quando a gente se despede duma terra aonde encontra tudo isto, e se despede, sabe Deus até quando! ou tem a alma negra dum ingrato, ou tem alma dum homem de bem, e parte com o coração alanceado por pungentissimas saudades!»

Tres emigrados hespanhoes que, em 1866, se acoutaram sob a nossa bandeira, exilados pelas lutas politicas da epoca: Francisco Vasques y Gago, Agustin Cabeza de Vaca e Caetano Angulo, agradeceram reconhecidos a hospitalidade encontrada na Terceira:

«Desconocidos y estrangeros nunca pensabamos encontrar en tus hijos, heroica Angra, una hospitalidad tão generosa y unos sentimientos tan nobles.

... Tan apartado del continente y en medio del Oceano, parece mentira que pudiera hallar-se un punto, fuente de caridad y religion, modelo de cultura y civilisado a la altura de cualquier poblacion europea. Bastantes pruebas nos han dado de esta verdad en los dias que hemos tenido la honra de permanecer en esta poblacion, y solo sentimos no tener frases sublimes y espressivas que correspondiesen a nuestros proprios deseos para poder manifestar nuestros sentimientos».

Manuel Marcos, el comandante-mayor dos emigrados hespanhoes tambem manifesta a sua gratidão em periodos como este:

«No siendo-me posible trasladar al papel todos los sentimientos de que mi corazon se halla poseido al admi-

rar el rasgo de filantropia que todo el generoso pueblo terceirense acaba de praticar com estes proscriptos, solo me es dable ofrecer-les las lagrimas de agradecimiento de las madres que lloram la ausencia de sus queridos hijos, y las suplicas que indudablemente elevarán al Todo Poderoso por la salaud y prosperidad de todos los habitantes de esta heroica isla».

Haviam as senhoras terceirenses, sob a presidencia da condessa da Praia da Victoria, oferecido aos soldados hespanhoes, roupas e dinheiro.

*

O Arquipelago dos Açôres!

Em meio do Atlantico colocou a Natureza *um canto de terra, por algum tempo oculto aos homens, para um dia lhes dar ideia do que foram delicias do Paraizo*, disse o poeta e dramaturgo D. João da Camara.

Ramon Franco, o aviador hespanhol, na sua passagem pelos Açôres, admirando estas terras de encanto, disse: «Ha nos Açôres um sabôr doce a coisas antigas, coisas que lembram eras grandes em que os homens se tornaram porventura mais dignos na elevação moral das suas qualidades e do seu caracter».

O marechal Gomes da Costa que foi hospede dos Açôres durante alguns meses, residindo em Ponta Delgada e Angra do Heroismo, escreveu:

«Nas classes altas da sociedade, a par da sua fina educação que só se encontra nos grandes meios, admirei altamente, a sua cultura em todos os ramos de interesse do espirito, surpreendendo-me a abundancia de homens familiarisados com todas as questões sociaes, historicas, literarias, artisticas do momento presente. Em mais nenhuma

terra de provincia se encontra um tal nivel de cultura e ilustração—o que explica que tantos açoreanos ocupem posições de maior destaque em todos os campos da vida portuguesa e que os nomes de muitos sejam fóra do Arquipelago conhecidos e admirados».

«Portugal, *fragão d'altura*, tornando-se aguia, abriu as asas, quiz devassar o Infinito; mas, cançado, de tanto subir, desceu a estes penhascos onde poisou, onde deixou, com algumas das suas penas, pedaços do seu grande coração!

E' por isso, talvez, que no sentimento açoreano ha o grande reflexo do sentimento português, porque são filhos da mesma alma una, indivisivel e eterna, em que foram gerados sonhos de gloria que levaram a Patria á realisação das mais incriveis aventuras», escreveu um açoreano de Santa Maria, Armando Monteiro.

Para que, entre tantas vozes que entôam hinos aos Açôres, se ouça a melodia suave dum espirito feminil, apresentaremos algumas notas da poetisa Olimpia Doria nos seus *Marulhos*, que publicou em 1926, após uma excursão pelas ilhas, tendo para cada uma um mimo, como que um *bouquet* rescendente, de suavissimo perfume:

«Ilhas Açoreanas! Nos vossos canaes esbravejantes ha a audacia dos emigrantes cheios de esperanças fabulosas, que partem para a America, e os rugidos das ondas que impulsionam os ilheus para longe da sua patria—já por atavismo, já porque os braços da terra que lhes acenam d'alem, são de segunda mãe, a ofertar-lhe as benesses do trabalho—mas ha tambem os écos longinquos do troar dos velhos canhões (ainda conservados sobre as rochas), que lutaram outr'ora contra a pirataria voraz.

E de todas vós—ó ilhas tranquilas e laboriosas!—se eleva o murmurio indeciso dos labios das *capuchas* resando escondidas nos *capelos* (mais ou menos feios segundo o uso local) e as silhuetas donairosas das vossas mulheres, vão bailando *chamarritas* de misterios a dentro dumas tantas varas de pano azul—tradicional e envolvente».

Aqui, no coração do Arquipelago Açoreano, encontraram sempre asilo generoso e franco, desinteressado e leal, todos os paladinos da Liberdade e todos os grandes patriotas. No seculo XVI foi o principe desditoso D. Antonio, no seculo XIX foi o rei-soldado D. Pedro IV, esse vulto tão querido do povo e amado das tropas, de quem Antonio Feliciano de Castilho disse:

«Eu o vi com estes olhos, comêr um pão negro entre os soldados, jazer na terra nua, agarrar no alvião para ensinar a construir uma trincheira; vi ser preciso, para o fazer retirar de um ponto onde as balas choviam, um general intimar-lhe ordem de prisão, em nome da rainha. Estava no hospital, vi-o entre os feridos, atando-lhes as ligaduras e envolvendo-os; no arsenal, ele encartuxava a polvora; nas baterias amestrava os artilheiros, depois da vitoria distribuia por suas mãos as distinções».

Esse libertador magnanimo que ao morrer mandou chamar um soldado raso que tivesse assistido ao cerco do Porto e abraçou pedindo que transmitisse aos companheiros o seu reconhecimento, fundou um grande imperio, libertou um reino, renunciou duas corôas, serviu duas patrias, morrendo aos trinta e seis anos. Tem, no alto da Terceira, o seu monumento eloquente, elevado na pedra que fala, perpetúa e eternisa; primeiro que em Portugal se ergueu ao dador da Liberdade!

D. João da Camara, apreciando os Açôres, fala assim: «Terra desde ha tão pouco do mundo conhecida, outra não ha mais cheia de lendas, de poesia, mais formosa de formosas tradições, do que os Açôres. E' obra de verdadeiro patriotismo descrever uma por uma as nove pérolas; contar seus encantos, o que devem ao céu, o que lhes deve o mundo e á sua gente; contar a graça das suas mulheres, dizer o que pesa na historia o valor dos seus filhos».

O dr. Armando Narciso, na conferencia realisada na sala Portugal, da Sociedade de Geografia, disse: «Neste canto do mundo, o homem fervilha, formiga e labuta. E esta paizagem, assim povoada e assim colorida, conforta e alegra. Ela não é das que predispoem para as profundas filosofias nem das que preocupam as almas inquietas e insatisfeitas e por isso mesmo deixa-nos a alma num repouso suave e bom».

O dr. Armelim Junior, falando na mesma sociedade, exclamou:

«Quanto é de surprehendente e admiravel a paizagem açoreana; pitorescos e soberbos os seus panoramas; temperado e amenissimo o seu clima, sem abrigo da sua humidade tépida—a que principalmente se deve a exuberancia da sua flóra, a opulencia da sua luxuriante vegetação—e que dilue em frequente e copiosa chuva, verificando-se interessantes caprichos metereologicos que constituem um dos encantos do Arquipelago».

O poeta João de Matos cantou o Arquipelago nestes versos singelos:

O mar vestia do céu a linda côr;
E vendo nisto o céu a simpatia
Que Neptuno por Jupiter nutria,
Condecorou-o com premios de valor.

Poz-lhe no peito, nesse peito forte,
Que vai da velha Europa á linda America
Nove medalhas que na roda esferica
Não teem outras eguaes em brilho e porte.

Açôres! Ao ouvir pronunciar este nome, estremecerão corações em toda a parte do mundo. Sim; porque não ha recanto algum, no globo habitado, onde não vivam açoreanos; e nenhum açoreano ha que, longe da sua terra, não tenha deixado nela uma parte do seu coração e levado na memoria um retalho dos seus panoramas, uma reminiscencia das suas tradições.

AS NOVE ILHAS

As nove ilhas

Campanarios d'egreja humilde, erguendo á luz,
N'um abraço infinito, os dois braços da Cruz.

GUERRA JUNQUEIRO

NOVE ilhas — *as ilhas desconhecidas* — na frase de Raul Brandão. Nove pedras preciosas, dum fulgôr estranho; nove esmeraldas suspensas sobre o oceano, presas por igneas garras petrificadas, saídas do abismo, forjadas no seio dos vulcões que no interior do Globo dormitam; modeladas pela vaga acariciadora, fulgindo ao sol na irradiação magica da luz, atapetadas de relva, matizadas de flores, revestidas d'arvorêdo, orladas de pomares, sombreadas de bosques, onduladas de serras e ladeiras, peroladas de casaes e edificios, golpeadas de rochas, fumegantes de vida, agitadas pelo bulicio

alpestre, baralhadas pelo sussurro das ondas, se estendem dispersas no glauco dorso do oceano—estrada de aventureiros e de heroes.

Manuel Augusto d'Amaral, o poeta açoreano, cantou-as no seu poema:

O' ilhas Açoreanas,
Rosario de nove contas
Que as ondas em caravanas,
Da longa viagem tontas,
Resam de braços a cantar hosanas.

Ilhas vêrdes, ilhas belas,
Que os anjos vendo-as da altura
Talvez sonhem vêr estrelas
A fulgir na terra escura...
E hão de invejar os habitantes delas!

Terra virgem dos Açôres,
Ovario de heroes e santos,
De artistas e lavradores...
Onde os poetas são tantos
Que até o mar e o vento são cantores.

«Na historia das aventuras maritimas dos seculos XV e XVI, as nove ilhas do enxame açoreano foram descobertas antes do Brazil. Surgia á nossa vista Santa Maria; foi a primeira; depois apareceu S. Miguel; em seguida veiu a Terceira, ergueram-se então, simultaneamente, na mesma visada, S. Jorge e Graciosa, o Pico, o Faial; por ultimo Flores e Corvo: era o bando gentil e branco das nove gaivotas que vinham anunciar a terra ambicionada, as Indias enganadoras, ou como as denomina um historiador moderno: sentinelas perdidas na vasta solidão das aguas, mostrando o que valeram no passado, o alcance da missão so-

cial portuguêsa, a obra da civilisação lazitana». Escreveu um grande brazileiro e grande amigo dos Açôres, o dr. Pinto da Rocha.

O poeta açoreano Oliveira San Bento, canta assim as suas ilhas:

Como sultanas belas do Oriente,
Dormitando, suspensas das palmeiras,
Ao embalo sereno duma escrava
Que canta, a meia voz, humildemente,
Uma canção fantastica de Java...
Dormem agora as ilhas feiticeiras.

Olimpia Doria, a poetisa continental, no seu livro *Marulhos*, assim fala das nove ilhas:

«Novena de belesa, nove cactos delicados, mergulhados em aguas portuguesas, rosario de visões adoraveis surgindo da fantazia ardente dum marinheiro nostalgico, piramides maravilhosas...

São todas lindas filhas da nossa linda Patria, e bem mereciam ser mais achegadas ao coração da sua mãe, que as esquece um pouco, não profundando, como devia, o valor das suas graças, das suas riquesas, da sua alma amorosa e maleavel...

Filhas de Portugal conquistador, irmãs das suas oito provincias, continentaes, desconhecidas, ignoradas sob a designação vaga de *ilha*, como se cada uma das nove não tivesse vida propria, coração bairrista, sentimentos de modulações arpejadas de bondade. Nove belas gaiolas, portas movediças de vagas onde chilrêa a passarada, a criança, a mulher, e donde grandes homens abriram grandes asas para a Patria e para a Arte!»

Trasladar para aqui tudo quanto destas ilhas teem dito escritores e literatos, poetas e artistas, nacionaes e estrangeiros, seria alongar demasiadamente um capitulo que procuramos resumir quanto possivel.

SANTA MARIA

A Estrela do Mar! E' a denunciadora do Arquipelago dos Açôres. A distancia d'algumas leguas ela se presente e se denuncia pelo aroma embalsamado e rustico dos seus giestaes em flôr, que lembram montões d'oiro pelas serras dispersos, rescendendo como um turibulo salutar, prevenindo o descuidado nauta da aproximação dum jardim — um templo natural — onde se guardam e desfazem e se confundem as cinzas do maior navegador português — Frei Gonçalo Velho — o descobridor do Arquipelago, o primeiro homem do seu seculo!

Os guerreiros conquistam terras para a patria, matando, fazendo correr sangue e lagrimas, escravisando povos, desapossando-os abruptamente dos seus lares, das suas leiras amadas, a fio de espada, a golpes de lança, semeando polvora e bala. Frei Gonçalo Velho conquistou os Açôres, inhabitados, selvagens, traçou moradas, delineou edificios e ruas, abriu caminhos, conduziu homens e gados, colonisou, construiu — criou. Durante trinta anos se entrega aos cuidados da colonisação; estabelece ali a sua casa de residencia, a primeira egreja: funda os alicerces duma civilisação.

Que diferença!

Com os gritos e clamores de victoria, ordinariamente soltados pelos combatentes triumfadores, quantas vezes se confundem e misturam os lamentos torturantes da dôr e da agonia das victimas — os vencidos!

Frei Gonçalo Velho não se distinguia destruindo, matando: edificou, ergueu, consolidou, animou penhascos onde se não encontravam vestigios de habitação humana, onde só aves se viam!

Foi um heroi que bem merece da Patria; foi um benemerito que bem merece da Humanidade.

Se outras particularidades, as belesas naturaes do solo, não houvesse ali colocado a Natureza, para admiração e atractivo das gentes, bastaria ser o tumulo de Gonçalo Velho para nela entrarmos de chapeu na mão e alma ajoelhada como num templo, um sacracio onde se veneram reliquias sagradas.

Por isso, talvez, que Colombo se viu forçado, pela mão do Destino, a lá arribar, após a sua viagem ao Novo Mundo. Designios fataes da Providencia, que ninguem atinge, que o homem não sabe prescrutar...

No seu *Poema do Atlantico*, o poeta Oliveira San Bento se refere á ilha primeira nestes versos:

Santa Maria, foi assim chamada,
Das ilhas a primeira descoberta;
Quem as vir, toda a vida ha de lembrar-se
Duma linha de barcas, encontrada,
Suavemente, um dia, a baloiçar-se
Do largo mar na vastidão deserta.

Olimpia Doria, a poetisa que nela passou alguns dias, assim se exprime no seu livro de impressões:

«Santa Maria. Pequenina, oval, rindo a dentro de muros, cativa de rei cioso, descuidada e submissa; aceada e branca como a cal das suas pedreiras inexgotaveis, alacre como as suas interessantes mantas, urdidas pelas mãos e teares de serranas laboriosas, deliciosa de povoações por entre fragas—com a saborosissima craca da Maia, espre-

guiçando-se em babosas (cactos) que o gado saboreia, enredada das cêpas americanas que trepam pelas montanhas pedregosas, que embriagam as areias calcinadas, que põem perfumes nos vinhos tintos e espumas, sorvidas do mar, no suco doirado dos cachos da praia dos Anjos...»

Ninfa presa em penedia!
Enfaixada em laranjaes!
Tu és como o amor dum dia,
P'r'as almas continentaes.

Na opinião de Thomaz Carew Hunt, Santa Maria é a mais interessante do Arquipelago, pelas devoções proeminentes, secções variadas e claras, que apresenta vista do mar; e porque explorada no interior ofereee uma superficie caracterisada por diferentes elementos geologicos, e qualidades de terrenos segundo a acamação primitiva de suas respectivas partes.

As conchas que a pedra calcarea encerra são mui interessantes, não só por serem os unicos sinaes da vida animal primitiva, até agora observados neste Arquipelago, mas tambem por fornecerem meios de fixar a era geologica a que ele respeita.

Da sua ilha fala o poeta Armando Monteiro:

«Fragarêdo solitario, beijado pelas ondas que lhe rendilharam de alvura a negridão das basalticas encostas, é ela um pequeno oásis no meio do deserto salgado, desse vasto Atlantico que nas noites de luar, pelas vozes das sereias, entôa o mais sublime dos hinos, o mais melodioso dos cantares; fragmento epico da maior das epopeias de que se pode orgulhar a humanidade».

E, como poeta, Armando Monteiro compoz para um volume que conserva inedito, o interessante canto: *A Prece*

do Capitão, que apresentamos, por especial deferencia do autor:

«*Frei Gonçalo recitava, com os marinheiros, a Ave Maria, quando se avistou pela primeira vez a primeira das ilhas dos Açôres que, por essa razão, se chama Santa Maria* (*Lenda Mariense*)».

Resava o capitão; e, a marinhagem,
Postada no convez, lhe respondia,
Emquanto a nau, levada pela aragem
No seu ignoto rumo proseguia.

Era uma terna e simples homenagem
A' Virgem Mãe de Deus, Santa Maria,
Que da sua Assunção chegou o dia,
Antes do termo da feliz viagem.

Resava o capitão. Intenso e lindo
Era o brilho da estrela que sorrindo
No azul imenso o norte lhe indicou.

Vinha raiando a aurora, e eis senão quando,
A Ave-Maria estavam recitando,
Uma formosa ilha se avistou!

Dois interessantes monumentos ali se encontram: a primeira egreja edificada nos Açôres e a casa de Frei Gonçalo, d'onde ele ouvia missa. Produz a ilha o melhor barro do Arquipelago, e fabrica louças que exporta para as demais ilhas.

E' patria de homens notaveis, como D. Luiz Figueirêdo de Lemos, que foi bispo da Madeira.

SAN MIGUEL

A ilha maior em extensão e em desenvolvimento comercial. Tem o nome do arcanjo que esmagou Satan, pro-

tegendo o Bem. Cavaleiro audaz vencendo, a golpes de montante, o dragão marinho fabuloso, como nota o dr. Pinto da Rocha.

> Terra do meu orgulho e ultimo bem que espero.
> Mãe de Bento de Goes e mãe da Santo Antero

Escreveu um poeta micaelense, Raposo d'Oliveira.

«Cintra, Bussaco, Gerez, Bom Jesus etc. dão, a quem saiba vêr, aspectos semelhantes aos da natureza da Madeira; mas o que Portugal não pode mostrar, porque não tem, são vales cratéras como os de S. Miguel, visto que são proprios e exclusivos das regiões vulcanicas», disse Henrique das Neves.

Rademaker, o missionario cristão que em 1866 prégou na ilha de S. Miguel, deixou, em despedida, um poetico adeus á ilha onde foi hospede; dele estractamos os versos que seguem e que dão a medida do seu encanto, da sua admiração:

> Quando de longe teu nome
> Outr'ora ouvi pregoar,
> Não te julgava tão linda
> O' linda per'la do mar.
>
> Deu-te a mão do Omnipotente
> Quanto na terra é gentil;
> Um céo que cobre os teus picos,
> Dama cassa côr d'anil;
> Serras de verde esmaltadas
> E vilas engrinaldadas
> Dama verdura sem fim;
> Em cada praia um segredo,
> Em cada grimpa arvorêdo,
> Em cada vale um jardim!

Quem não te foi costeando
P'las tuas praias ao sul,
Quem não viu em Vila Franca
Junto ao ilheu teu mar azul,
Quem pelas matas sotarnas
Não desceu até ás Furnas,
Não viu crateras ferver,
Entre rochedos e fraguas,
Não viu cristalinas aguas
Jorros de prata verter.

Das Sete Cidades, disse a rainha D. Amelia, quando da visita regia aos Açôres: *Isto é belo em qualquer parte do mundo!*

Bento Carqueja, o escritor portuguez de grande nomeada, exclamou ao vêl-as: «Eis uma das paizagens mais imponentes que no mundo se podem gosar. Não o dizemos nós, apesar de conhecermos muitos dos afamados pontos de vista da Suissa; dizem-no os viajantes americanos e inglezes que teem estacado, absortos, diante de quadro tão grandiosamente belo!

Agora ponhamo-nos a caminho das Furnas, que constituem a Vizela, ás Caldas da Rainha, Vidago, as Pedras Salgadas, as Taipas dos micaelenses, tal a variedade das aguas mineraes que ali borbulham em limitado espaço. As fontes dessas aguas, comparaveis aos *geysers* ou jactos d'agua quente da Islandia, são uma verdadeira maravilha da Natureza.

As Caldeiras! Surpreendente e unico o espectaculo que nossos olhos contemplam. Dir-nos-iamos pousados sobre a tampa duma marmita ciclopica, resfolgando por aberturas sem conta e tremendo ao embate do cachão que se convulsiona lá dentro.

Atordôam os ares os urros da féra subterranea que se

faz ouvir a distancia, cruzam-se por toda a parte os veios d'agua ou fios d'agua, ora tintos de sangue dos saes de ferro, ora deixando ficar na atmosfera um leve vapôr denunciante da sua alta temperatura. Tocamos com a mão o solo e sentimos que a terra nos escalda como se fosse sujeita a dessecações em colossal mufla dum laboratorio imenso. Só estas seis nascentes jorram, pois, por dia, cerca de mil pipas d'agua; e a primeira lança quinhentas e cincoenta pipas.

Para quem conhece Gerez e S. Pedro do Sul, dir-lhe-emos que no Gerez o caudal é de cem metros cubicos e em S. Pedro do Sul é de duzentos e vinte. Assim os mencionados furnenses excedem o primeiro em setecentos metros cubicos e o segundo em trezentos e noventa».

Mendes Guerreiro escreveu, após uma demorada excursão:

«As Furnas! Entrámos numa garganta da montanha e começou-se a divisar o Vale das Furnas. Que lindo panorama! A vila é formada por quatro arruamentos extensos, brancos, sobresaindo entre eles o parque e jardim do snr. Marquez da Praia e Monforte, no fundo e bastante longe divisava-se o fumo branco que denunciava as fontes sulfureas.

Que abundancia d'aguas termaes! Em *Vernet-les-Bains*, estação termal nos Pyrineus, que hoje pertence ao snr. conde de Barnay, ha um filete d'agua repuxante quente, que é conservada em estufa de vidro para servir ás inhalações.

As *Buttes Chaumont* que, para mim é um dos mais bonitos jardins de Paris, e que me vieram á lembrança quando estava em meio do Jardim Antonio Borges, não tem a variedade nem a pujança de essencias exoticas que nas ilhas prosperam tanto á vontade.

Em Lisbôa temos o jardim da Escola Politecnica onde se encontram exemplares notaveis de palmeiras *muzas*, arvores africanas e americanas com um grande desenvolvimento, mas, o viço, não tem comparação ao dos Açôres; é comtudo o sitio mais aprazivel de Lisbôa e que o estrangeiro mais admira e dele se entusiasma.

Que solidão encantadora, que convite ás doces expansões da alma na contemplação d'aquelas abobodas virdentes!

Estavamos maravilhados quando num laceto á esquerda passámos entre os parques de José do Canto dum lado e de Antonio Borges do outro, enfanando-nos um desfiladeiro do mais grandioso efeito.

—Nunca vi nada assim, diziamos um para o outro, boquiabertos.

—Mas isto é quasi desconhecido em Portugal!

—Qual Cintra, Bussaco, Senhor Jesus do Monte ou Gerez!

—E diziam-me que fosse vêr o parque nacional do Centro da America (*Yellestone Park*) mas isto é muito superior e é nosso!»

Mendo Bem, dominó de pura sêda sob que se ocultou o nome dum poeta terceirense, muito fino e muito modesto, escreveu do Vale das Furnas!

Que belo panorama, ai Deus que formosura!
Que scena magestosa! E como a natureza
é sublime, é ridente, é plena de beleza!

O vale desenrola a curva graciosa,
a verêda sombria, a arvore frondosa,
a casaria branca, a egreja donairosa

Junto do carvalhêdo floresce a fresca rosa.
No lago, na ribeira, emanam-se das aguas
Doces canções de amor, e o moteto das maguas.

Meu Deus, a tua mão é santa, generosa,
Ela fez este vale, esta mansão formosa!

E continúa o poeta, na sua prosa que tem ritmo, falando do Vale das Furnas: «Ao fundo, antes de atravessar a rustica ponte que dá valor á ribeira dos *Dois Corações*, examinamos, do alto do caramanchão, a distinta separação das aguas, que correm, a par, no mesmo leito, extremando, a meio, as suas côres tão diferentes. D'um lado, azul, o tom peculiar da agua sulfurea, do outro, vermelho, côr de sangue, com as tintas proprias da agua ferrea. Desta heterogeneidade lhe vem o nome singular de *Dois Corações*.

Correndo, em borbotões,
seguem duas ribeiras, aonde os corações
foram unir, serenos, o doce palpitar,
e juntos, bem chegados, gemer, sorrir, amar...

Que belo estendal de flores,
que perfumes, que primores,
neste vale encantador!
Como a vida se extasia
ao romper o claro dia
sobre esta estancia d'amores!

O templo é vasto; o sacerdote, augusto;
as colunas são fetos colossaes,
cujos troncos formosos, ideaes,
erguem ao ceu o vaporoso busto.

O' fetos, vossa mãe, a virgem santa,
— mais pura e mais pujante de belesa —

é essa doce e casta natureza,
que minha debil voz agora canta!

Olimpia Doria diz:

«Coração palpitante nas lavas das Furnas, belo salão, adornado de espirito, do Palacio Açoreano, brilhante capital—com a interessante côrte das suas oito aias garridas—onde as industrias florescem e as artes progridem, onde já se discute e sonha, onde a Civilisação já entrou com o seu cortejo branco de beneficios e o cortejo vermelho de certas aberrações.

Mulheres adorando o seu lar, o seu *balcão*, as suas flôres, os jardins deliciosos da sua terra, nos quaes a flôr do chá sorri sempre que a fantasia dum kimono—envolvendo um corpo gentil—a faz tremer no fremito da saudade pelo imperio do Sol, e nos quaes as japoneiras, carregadinhas de camélias singelas ou dobradas, dizem adeuses ternos ás palmeiras esguias, de cocurutos emplumados de sedosos tufos verdes...»

O poeta A. Cardoso de Faria e Maia cantou em homenagem ás *Furnas:*

Nobre paizagem!... que belesa imensa!
Jardins e prados de poesia infinda,
Deixando a alma a meditar suspensa...

Oh alma eterea! Oh alma pura e linda!
Conta-me a vida, toda unção e crença,
Dos verdes campos onde se ama ainda!

Alem das suas belesas naturaes a ilha de S. Miguel possue a honra de ser a patria do dr. Gaspar Fructuoso, Teofilo Braga e Antero do Quental, tres nomes que valem um paiz e assinalam um seculo.

No templo do Colegio de Ponta Delgada está a capela mais rica em escultura de madeira que se supõe existir em Portugal.

O retabulo do altar-mór da egreja de Santo André é atribuido a Murilo.

E, coisa notavel, a *Avenida da Liberdade* foi aberta e traçada no ponto onde D. Pedro IV passou revista aos seus sete mil e quinhentos bravos e ouviu a missa campal desse dia, vespera de partida.

TERCEIRA

Pinto da Rocha, o brazileiro ilustre e admirador das nossas ilhas, escreveu: «A historica e brava, a heroica ilha Terceira; a lealissima que tres anos resistiu á dominação hespanhola e guardou fidelidade ao Prior do Crato; a destemida que formou na vanguarda do liberalismo contra D. Miguel; a adarve donde partiu, para a conquista da Liberdade constitucional, a expedição dos sete mil e quinhentos heroes que, pisando a terra do Mindelo, deram á patria a redenção e a gloria; a soberba e generosa que concedeu ao marquez de Vila-Flôr o seu brazão, a sua corôa e o seu titulo de duque».

A Terceira de quem Julio de Castilho disse:

«Estou, pois, na celeberrima Terceira, azilo da Constituição de D. Pedro IV! Estou pois na terra hospitaleira que viu, ultima em dominios portugueses, hasteado nas mãos do Prior do Crato, o pendão da resistencia nacional ás prepotencias castelhanas! na ilha que tão denodadamente repelliu a invasão das esquadras Filipinas! na ilha onde o duque de Bragança encontrou azilo á causa orfã, que a sua espada de paladino defendia ante a Europa! es-

tou neste berço de todas as heroicidades, neste sacrario onde se conservou o paladio!

«Salvé, pois, nobre ilha Terceira, um dos torrões mais altamente historicos do Mundo!»

O poeta nacional Thomaz Ribeiro, assim cantou no seu poema o *D. Jayme:*

> Sómente nos algares, na bravêsa
> da heroica ilha Terceira,
> se desfraldou a bandeira
> do Dom Prior do Crato.
> Que valôr! Que firmêsa!

De facto, o principe português D. Antonio cahiu vencido, numa aureola de luz que o iluminou como vencedor; porque dominou a alma nacional, que, embora vencedôra, não poude subjugar o peso do oiro de Castela e a ambição desmarcada e cubiçosa de honrarias d'alguns fidalgos portuguêses.

Ao morrer, exilado, no seu desterro de França, o infeliz principe manifestou ainda a sua gratidão consignando em disposição de ultima vontade: «*Se haja respeito aos nascidos nas ilhas dos Açôres*». Conforme refere D. Antonio Caetano de Sousa na *Historia Genealogica da Casa Real.*

Foi a Terceira a ultima a render-se ao dominio hespanhol, em 1583; e a primeira a expulsal-o em 1641.

Mais tarde, quasi decorridos tres séculos, se mantinha ainda na Terceira o valôr tradicional da raça, notando-se a mesma fé patriotica, a mesma devoção civica e amor á Liberdade e á Independencia.

Quando a mocidade academica de 1828 olhou á roda, em busca de portuguêses, para manter ilesa a Liberdade ameaçada, só na Terceira os foi encontrar.

Foi na Terceira — o coração do Arquipelago — que Mousinho da Silveira, o ministro legislador da Constituição Liberal de 1832, pensou, escreveu e publicou os decretos emancipadores que firmaram e solidificaram a constituição em todo o reino.

Um decreto da Junta Provisoria declarou: *A Ilha Terceira, a unica sede do governo legitimo. 28 de Outubro de 1828. Deocleciano Leão Cabreira, José Antonio da Silva Teles, Alexandre Martins Pamplona.*

Angra teve as honras de ser considerada côrte e a gloria de receber regiamente D. Antonio, rei de Portugal. Muitas côrtes estrangeiras reconheceram a Terceira como côrte e capital do governo constitucional de D. Maria II.

A Terceira foi denominada: *O egregio baluarte da fidelidade portuguêsa, a terra classica da Lealdade, o berço ilustre da regeneração da mãe patria, na* frase reconhecida de D. Pedro IV, *o rei que deslumbrava os soldados, o soldado que assombrou os reis;* a Terceira foi o *primeiro e unico refugio da Liberdade*, na frase mimosa de D. Maria II falando na Camara dos Deputados.

Oliveira San Bento, o poeta micaelense, cantou no *Poema do Atlantico:*

Brazões ninguem os tem eguaes aos dela;
Viu carvados aos pés
Os leões de Castela
Que, um dia derrubou...
Foi a ultima terra luzitana
Que ao dominio da Hespanha se carvoa!
Bemdita sejas, pois,
O' terra açoreana!

De bordo da fragata *Rainha de Portugal*, D. Pedro,

duque de Bragança, em 12 de Fevereiro de 1832, dirigindo-se ao paiz num manifesto, traçou estas palavras honrosas para nós:

«Ao contemplar, que, apesar dos maiores obstaculos de todo o genero, a lealdade pôde salvar na ilha Terceira (asilo e baluarte da liberdade portuguesa, já ilustrado em outras epocas da nossa historia) os escassos meios com que seus nobres defensores, não só teem conseguido desde ali ajuntar novamente ao dominio de minha augusta filha, as outras ilhas dos Açôres, mas tambem reunir as forças com que hoje contamos, não posso deixar de reconhecer a protecção especial da Providencia».

Em 1866 a Terceira abrigou em seu seio os proscritos hespanhoes, soldados, fidalgos e cavaleiros que pela Liberdade haviam erguido o pendão revolucionario.

Dela disseram Vasques y Gago, Agustin Cabeza de Vaca e Caetano Angulo:

«Desconocidos y estrangeros nunca pensabamos encontrar en tus hijos, heroica Angra, una hospitalidade tão generosa y unos sentimientos tan nobles.

O comandante Manuel Marco, assim se exprime, tambem:

«El acto que acabo de presencear en beneficio de los soldados que tengo la honra de mandar quedará para siempre grabado em mi corazon, y su recuerdo eterno será uno de los mas gratos de mi vida.

Foi na bahia grande e larga da muito notavel vila da Praia da Victoria que se travou o ataque decisivo da campanha liberal, nesse celebre dia 11 d'agosto de 1829, derrotando nas suas aguas a poderosa e arrogante esquadra miguelista, composta de 22 vasos de guerra.

Os voluntarios da Rainha, onde se encontrava a fina flôr da mocidade portuguêsa, como Herculano, Garret, José Estevam e outros, dirigem, ao partir, a seguinte nota de reconhecimento:

HABITANTES DA ILHA TERCEIRA!

«Chamados pela voz da honra, nós deixamos os vossos lares, generosos habitantes da Terceira, levando em nossos corações profundamente gravados os sentimentos do mais vivo reconhecimento para comvosco.

Jámais nos esquecerá que, aportando ás vossas praias, encontrámos em vós acolhimento afectuoso, uma amisade cordeal, uma hospitalidade afectuosa; ainda mais: achámos corações compassivos, almas sensiveis que buscaram enxugar-nos as lagrimas, porem que os seus desvelos não poderam nunca fazer estancar. Ah! Jámais se riscará da nossa lembrança, que, no espaço de tres anos que estivemos entre vós, fomos tratados como filhos no gremio de suas familias e que a vossa benefica amisade soube por muitas vezes mitigar-nos os dissabores da emigração. O ser terceirense será um titulo sagrado ao nosso reconhecimento; nisto nada mais fazemos que pagar uma divida».

24 DE JULHO DE 1581 — 22 DE JUNHO DE 1823
11 D'AGOSTO DE 1829

São tres datas que a historia portuguêsa veiu arrancar á Terceira para escrever os mais brilhantes capitulos das suas paginas.

Berço e tumulo de vultos que honrando a Patria glorificaram a raça, a Terceira se orgulha d'alguns nomes que

ainda nos fazem estremecer os masculos—o capitão Francisco d'Ornelas, Brianda Pereira, Violante do Canto, Conde da Praia da Victoria; e os mareantes, precursores de Colombo: João Vaz, Gaspar e Miguel Corte-Real, Pedro de Barcelos, João Fernandes Labrador e tantos cujo resumo não permite enumerar.

No egreja de S. Francisco d'Angra dormem os formidandos lutadores do mar—João Vaz, o pae dos Cortes-Reaes, Paulo da Gama, o heroi da descoberta da India; como na matriz da Praia da Victoria repousa Francisco d'Ornelas, o restaurador da Patria Insular em 1641; e na Misericordia Pedro de Barcelos, o primeiro que tocou terras do Novo Mundo. As portadas principaes da matriz, são oferta d'el-rei D. Sebastião. O orgão da Sé d'Angra ofereceu-o a rainha D. Maria II. No seio da Praia se ergue um monumento a José Silvestre Ribeiro seu reedificador. No antigo Castelo dos Moinhos de Angra se eleva o grande monumento a D. Pedro IV; como no Castelo de S. João Baptista existe o primeiro que á restauração de 1640 se eregia—a egreja de S. João Baptista. Na capela do Colegio é admiravel o estatuario de madeira, como na Sé de S. Salvador, as riquissimas alfaias d'ouro que lá se guardam.

Que a ilha Terceira é a *ilha dos Amores* cantada pelo poeta dos *Luziadas*, ha opiniões aceitaveis.

Da Atlantida opulenta, o genio, as maravilhas,
Estatuas de oricalco e templos de belesa,
Repousam neste mar despendado p'las quilhas
De aventureiras naus da gente portugueza.

Alem, suspira a vaga em rija fortalesa
E vai, a soluçar... atravessando milhas...
Unindo a sua voz aos ecos da devesa,
Os sonhos embalando ao morador das ilhas.

Do Arquipelago lindo, a alma,—as ilusões —
Abriga-as este lar—coração dos Açôres!
Aqui repousa o Gama, aqui passou Camões,

Aguia do pensamento, alada entre condores,
E chamou, o grande vate assombro das nações,
A' terra de Jesus—a ilha dos Amores!

Olimpia Doria, escreveu no seu livro ***Marulhos,*** falando da Terceira:

«Mais grave, como que numa reverencia eterna ao bispado solene—em contradição com o seu passado liberal —aspecto de matrona serena, amando as flores como todas as suas irmãs, orgulhosa ainda das suas belas paginas historicas, das suas mulheres corajosas, triste por vezes quando a fazem carcereira de inimigos, de desorientados— quando não perseguidos pelas ambições dos proprios ou pelas dos outros».

E quem não conhece os seus laticinios, os seus bordados, as mobilias e objectos de vêrga dobradiça e ondulante?»

O dr. Armando Narciso, na sua conferencia realisada na sala Portugal da Sociedade de Geografia, disse:

«Angra foi velha capital e côrte, e é a pequena Roma desta pequena cristandade que os mares rodeiam; mãe de aventureiros que correram todos os oceanos, mãe de heroes que pelejaram em cem batalhas».

SAN JORGE

A ilha que tomou o nome do santo padroeiro de Portugal, o vencedor do Dragão e defensor da Fé.

Dela escreveu o snr. Julio de Castilho: «Estou persuadido de que se Florian ou Fontenelle tivessem conhecido a

ilha de San Jorge, ali é que teriam colocado as suas tão faladas e tão elegantes pastoraes. Aquelas pradarias sem fim que se convertem em ondas de leite, estão mesmo a pedir pastorinhos de chapelinho á banda, cajado com laços de fita e madrigal engatilhado por dá cá aquela palha.

«Para um misantropo, continua o snr. visconde de Castilho, ou para um estudioso, não creio que podesse encontrar-se paragem mais agradavel do que esta ilha de San Jorge, já pelo lado do socego, já pelo da salubridade».

Da vila das Velas, disse o dr. Joaquim Manso: «E' uma linda vila que de longe parece um pombal. Visitámos as suas fabricas de laticinios, contemplámos as suas pastagens onde bois e vacas recitam eclogas seiscentistas».

João de Matos Bettencourt, o poeta suicida, cantou assim a ilha de San Jorge:

A minha terra é branquinha
E parece uma barquinha
Cheia de flores;
O mar embala-a sorrindo
A terra dos meus amores.

Terra d'alegrias sãs
Aonde a côr das manhãs
Treme d'amor;
Na curva aurea do Infinito
E' como um poema escrito
Em honra do Creador.

E' patria de homens notaveis como o dr. João Teixeira Soares, o erudito, Francisco de Lacerda, o grande genio musical, D. Mariana Belmira, a poetisa.

Olimpia Doria disse, ácerca da ilha:

«Muito recatada pelas ondas alterosas e vigilantes,

numa suave vida patriarcal que repele as brilhantes conviveneias estranhas aos seus costumes, sensata como o seu santo padroeiro, cavalheiresca como ele, cercada das espumas puras do leite dos uberes das suas vaquinhas mansas».

Oliveira San-Bento, cantou-a nestes versos do seu livro—*O Poema do Atlantico:*

Era San Jorge o santo padroeiro,
Heroico cavaleiro
Que, junto a Portugal, em mil batalhas,
Fôra sempre dos bravos o primeiro...

E o rei de Portugal pensou em dar,
Para o galardoar,
Uma rica e finissima esmeralda
Que ande agora nas armas a brilhar!

Munificencia antiga, portuguesa:
O rei, por gentilesa,
Dava uma ilha a cada cavaleiro...
—O' tempos saudosos da grandesa!

GRACIOSA

Na Graciosa ha maravilhas, unicas no seu genero em todo o Mundo. Disse o principe de Monaco, que nos mares açoreanos fez os seus estudos oceanograficos.

«O relevo dos seus tres outeiros e a capelinha sorridente como uma prece de criança ao seu anjo da guarda, tem uma delicadesa de oitava camoneana. «Disse o dr. Joaquim Manso, o director do *Diario de Lisbôa.*

Parece que sorri distribuindo graças por entre as neblinas que a circundam.

Foi seu primeiro povoador Vasco Gil Sodré, membro duma raça valente e marinheiro aliado com os Gamas.

«Garça ou gaivota que ficou a flutuar sobre a espuma das vagas, petrificada, surpreendida pela imobilisação eterna entre as outras irmãs do cardume. «Escreveu o dr. Pinto da Rocha.

P. Moura diz dela: «A furna de enxofre é uma maravilha da Natureza que tem causado assombro a quantos a visitam. E' uma caverna para cujo interior mal entra a luz do sol, medindo cento e oitenta metros de comprimento por noventa de largo. Metade desta caverna é ocupada por uma lagôa encontrando-se na outra metade cinzas evidentes de vulcão em actividade, na agua fervente, no ar saturado de enxofre, no piso que rescalda e que serve para banhos sulfurosos. A aboboda, em dias claros, parece-se com um lindo mosaico de estalactites. Dizia o principe de Monaco que esta furna era *maravilha unica no seu genero em todo o Mundo* e que ninguem devia deixar de visitar.

Um poeta seu natural, Antonio Gil, cantou algures:

Eil-a surgindo mimosa
Das aguas do fundo do mar,
Rainha lêda e garbosa
No Atlantico a reinar!
Esmeralda dos Açôres,
Lindo açafate de flôres.

Chateaubriand, o grande genio da culta França, nela passou horas que não esqueceu referir nas suas paginas literarias. O padre Antonio Vieira, o maior orador português, lá arribou, tambem.

As suas aguas termaes do Carapacho excedem em valor medicinal muitas das mais afamadas do Mundo.

Melo e Simas, o matematico, tenente Ortins, o aviador, Brito d'Albuquerque, o jornalista, ali tiveram seu berço.

Oliveira San Bento entôa este hino á ilha Graciosa:

Nautas que desembarcaram
N'aquela ilha deserta,
Todos pasmados ficaram
No dia da descoberta.
Até mesmo o mar que a abraça
Mais lindo nenhum acharam;
E, por ser cheia de graça,
Graciosa lhe chamaram.

Olimpia Doria escreveu, desta ilha:

«Gentil diadema de encantos, ingenua noiva esperando eternamente o principe consorte que ha de surgir duma vaga de anemonas, a qual será encantada numa gruta atapetada de avencas onde poisam avesinhas brancas e onde as nereides vão guardar os seus novelos de busios rosados e repoisam, alternadamente em rêdes de perolas».

FAIAL

Quem nunca aprendeu, numa mirada circular, a estudar a teologia do orbe—o dedo de Deus a traçar destinos e a rasgar estradas para a imortalidade—vá ao Faial. Disse o dr. Joaquim Manso.

Osorio Goulart, o poeta seu natural, escreveu *A Ilha da Ventura:*

Rompendo do misterio a bruma escura
Em frageis barcos de heroismo ufanos,
Ousados nautas cruzam os oceanos
E vencem das tormentas a bravura

E á luz de novos céus, tomando a altura
Desenham os antigos portulanos:

De ignotas ilhas rasgam os arcanos,
Sorrindo entre elas a ilha da Ventura.

De todas a mais linda! O berço meu!
Trecho de lira que do ceu desceu,
Suave e doce estancia virginal!

Sonhou Camões uma ilha dos Amores,
A da Ventura tem mais lindas flores,
Mais deleitosas sombras no Faial.

El-rei D. Pedro IV chamou, á ilha do Fayal, ***um botão de rosa do Arquipelago.***

«O bosque de faias e cedros em cuja sombra se ocultam, conforme resa a lenda, as almas das ondinas que encaminharam para as terras ocultas da America futura os navegadores que foram ao Labrador, ás Antilhas e á Terra dos Papagaios, em busca de gloria para Portugal.

No segredo misterioso desses bosques esconde-se a Caldeira, a ravina morta dum vulcão ha muito silencioso, em cujo fundo, a quatro centos metros d'aresta, em vez de cavernas onde se escondam féras, ha pegureiros apascentando gado, como se no veludo verde dum cofre guardassem joias preciosas. Escreveu o dr. Pinto da Rocha.

Osorio Goulart, canta ainda:

E' linda a minha terra!—a Terra da Ventura—
Falva manhã d'Abril, erguido o sol na altura!

E' linda a minha terra! As noites de luar...
O misterio do Amor na seiva a palpitar...

E' linda a minha terra! Encantado tesoiro
Que a lira de Camões cobriu de rosas d'oiro!

E a minha linda terra, altiva e valorosa,
Será sempre o paiz dos sonhos côr de rosa.

E a minha linda terra—a terra da Aventura—
Será sempre o paiz do Amor e da Ternura...

O major Soares Luna fala assim da ilha do Fayal—a ilha da Ventura—referindo-se ao panorama ridente da Caldeira:

«Na estação das flores é d'ali que, olhando para O. se descobrem os montes da freguesia do Capêlo, povoados de verdes copas; que, virando-nos para o N. e L. se avistam os produtivos campos das freguesias dos Cedros, Salão, e Ribeirinha, matizados pelas douradas e verdes alcatifas da deusa Ceres. E' d'ali que, olhando para L. se descobrem os pitorescos vales da freguesia dos Flamengos, as bem situadas terras da cidade, alem da qual se torna a descobrir o vasto oceano, formando ao N. e a L. o canal entre as ilhas de S. Jorge e do Pico e entre esta e a do Faial, a mais abrigada enseada das ilhas dos Açôres onde quasi sempre se divisam os navios das nações amigas, uns surtos outros bordejando e continuamente povoada de pequenos barcos. D'ali se avista a mais interessante porção desta ilha, o manancial da riquesa faialense; a vila da Magdalena, as vistosas habitações da Areia-Larga, e mais casas do campo que lhes ficam contiguas; pontos aquelles que fazem recordar os saudosos golpes de vista da encantadora Cintra. Virando-nos ao S. igualmente se descobrem os prateados mares e se avistam alegres campos e campestres choupanas, parte ainda pertencendo á freguesia dos Flamengos e parte ás da Feteira e de Castelo-Branco».

O Fayal é patria do duque d'Avila e Bolama, Manuel d'Arriaga, o bandeirante Peixoto e tantos outros homens notaveis que a patria serviram e honraram.

Olimpia Doria, falando do Faial, disse, no seu livro:

«Toucador das hortensias, espelho azul onde as estrelas se veem mirar quando as trevas lhe entregam a chave da noite para abrirem as suas alcovas doiradas, e quando de madrugada vão alumiar os sonhos das noivas apressadas, formados ás vezes dos desejos dum minuto confortavel, bizarramente construido com uma legião das lindas cestas dos seus artistas do genero, cheias de amorzinhos enredados em flores de laranjeira».

Oliveira San-Bento cantou-a assim:

O' ilha das estradas, marginadas
Das hortensias azues!
Que de tão belas fazem-nos lembrar
Caminhos ideaes
Aonde passam reis e passam fadas
Para os paços reaes...

Praia do Norte e estrada da Ribeira!
Eram assim, talvez, lindos caminhos
Aonde passeava
A princesa da Atlantida, á espera
Que a viessem livrar do cativeiro
Que nunca terminava!

Paisagem da Caldeira!
Quem mergulhasse toda a alma inteira
Na doce quietação
Das tuas agues limpidas, paradas,
Como se fosse o seio da ilusão!

PICO

A ilha essencialmente maritima onde a maioria dos seus naturaes se entrega á pesca da baleia, o cetaceo gi-

gante que chega a produzir cerca de vinte mil litros d'azeite. Neste arriscado mistér, talvez unico na Europa, se empregam noventa canôas com quinhentos e sessenta tripulantes, matando annualmente trinta e sete a oitenta cachalotes.

Os seus terrenos produzem o melhor vinho do Archipelago. As videiras foram importadas do Chipre em 1470.

O dr. Joaquim Manso assim fala da ilha maritima:

«Os pescadores são typos de optimo barro, tostados pelas aragens salinas, rijos de musculo e bem portuguêses no olhar. Os barcos airosos, ligeiros, quaes enguias, evolucionam com elegancia.»

O Pico, fumegando constantemente, levemente, como eleva para o ceu, qual turibulo de incenso, o perfume das almas quentes d'amor, escreveu algures um observador illustre.

«A neve eterna a colorir-lhe o cume tal qual um capêllo de theologia descendo em velado lantejoulado de prata pelo sol, sobre a dalmatica clorophylada de um sacerdote celebrando em *Te Deum*.

«Produz a abundancia capitosa do vinho, ao passo que as outras produzem o trigo. Este para a hostia, aquele para o calice, ambos para a missa da mesma fé antiga dos mareantes do seculo XV.

«O Pico! Da altura vertiginosa dos seus dois mil e seiscentos metros, coroado de nuvens, a brancura da neve, doirada pelo sol ou argentada pelo luar, o Pico seduz os nautas e a sua neve eterna parece um lenço branco desfraldado a acenar para o largo oceano, aos galeões antigos que passavam e aos vapores modernos que ainda hoje cruzam por aquellas immediações.

«Parece um púlpito immenso collocado na immensidade do

silencio, para que a alma de Portugal podesse falar com Deus para levar o pendão da Cruz a todas as paragens do Globo, nas velas dos seus galeões.

«A' altura gigantesca, magestosa, do Pico, subiram Herriot, Dabney, Buller, Moreiet e outros».

Armando Narciso, falando desta ilha, diz:

«Nas tardes de verão, quando o sol mergulha lá ao longe, no mar sem fim, o Pico tira o seu chapéu de nuvens, descobrindo reverente o cume escalvado e arido que a ultima luz do poente ilumina dum resplendor de santo.

Quando, com o inverno, veem os primeiros frios, e os nevoeiros se dissipam, o Pico fica coroado de neve como um velho natal de barrête e barbas brancas a olhar-nos, bonacheirão e friorento».

Olimpia Doria admira-o nesta frase:

«Esguia torre com ameias, á qual o sol vai resar todas as tardes um terço de contas feericas, antes de adormecer dolentemente num leito de poentes rubinados, sorrindo á encantadora bahia da Horta, que outr'ora viu lá-va no vulcão hoje arrefecido».

FLORES

O Arquipelago é um jardim; a ilha das Flôres um canteiro de desoito kilometros em pleno oceano. E' opinião manifestada dum escritor, que, dever-se-ia chamar-se-lhe *Flôr das ilhas*. Tão gentil e toucada pela Natureza que até nas escarpas dos seus vulcões extintos, nos covões das suas cratéras ameaçadoras, ha um diluvio de corolas desafiando as estrelas, sobre tapêtes interminos de fetos sempre vêrdes.

As hortenses formam sebes vivas andando, resando orações.

O snr. Visconde de Castilho escreveu, falando da ilha que visitou:

«E' um açafate de boninas a boiar á tona d'agua; um açafate de quatro leguas sobre pouco mais de duas. Do esmalte das suas pradarias lhe veiu o nome.

Alcantilam-se uns sobre outros os precipicios mais fantasticos, num cáos rutilante e magnifico; e as parêdes desses covões enormes, ainda desertos, na maxima parte, revestem-se de mil flores alegres, cujos corymbos doirados se realçam com o tom vêrde perenne dos vastos tapetes de fétos sempre viçosos.

Com que soberba se não ergue o *Morrão grande*, a novecentos cincoenta e sete metros sobre o mar! Com que graça se não sabem ocultar em verduras as seis crateras ainda boquiabertas de esquecidas erupções!

Com que abundancia se não despenham em caudaes as torrentes das ribeiras! Com que arte natural se não ouriçam, no interior da ilha, os bosques de cedros bravos! Com que largueza se não expandem as alcatifas das relvas!

E, sobretudo, com que pudôr se não oculta esta formosa noiva açoreana lá no seu deserto marinho, afastada da maioria do grupo e tornada inacessivel aos mareantes durante meses, já pelas rajadas frequentes das ventanias, já pelos impetos duma cauda do *Gulf-Stream* que ali passa perto, entre as Flôres e o Côrvo.

A ilha das Flôres lembra a Suissa».

Oliveira San-Bento cantou-a assim:

Tantos encantos lhe acharam,
E tantas, tão vivas côres,
Que nem jardim lhe chamaram;
Chamaram-lhe as proprias flôres.

Escreveu, da ilha, um visitante ilustre: «O terreno é acidentado, ravinoso, de aguas abundantissimas, que, despenhando-se de alturas de trezentos metros, formam quédas magestosas como a da cascata da Ribeira Grande. Ha sete lagôas, uma das quaes é tão importante que a sua massa d'agua tem cento e doze metros de profundidade».

Olimpia Doria escreveu nos *Marulhos:*

«Terra onde os amores brincam nos caminhos, nos cêrros, nos matos, nos môrros altos e nos vales humidos, deixando sob os pésinhos nus--que chapinham nas ribeiras, nas caldeiras e nas orlas do mar—tufos de flôres que brilham em todas as estações, perfumando o rincão das florestas adoraveis. E o mar, resmungão, rodeia sempre de afagos o dorso florido e volumoso da ilha, que tem preguiças de tartaruga sabida e tarantadas vivas de moça ávida de sensações, nos seus bocejos que espalham fluidos de beijos leves e no distender dos seus braços enigmaticos, que se recurvam ás vezes sobre um seio velado que páre todos os frutos da sua belesa».

Lanterna que o deus marinho
Utilisa quando vem
Visitar—todo carinho—
As ninfas do seu harem...

CORVO

A ilha mais longinqua e a mais pequenina. Parece uma ilha brinquedo, disse o dr. Joaquim Manso.

«A ilha pequenina onde, diz a lenda encantadora, poisou o corvo que o profeta Noé soltou da arca e não regressou encantado pelas belesas naturaes que o atraiam e prenderam naquele pequenino retalho do Paraizo, com

quinze kilometros quadrados, tão feliz e abundante como a biblica Canaan» escreveu o dr. Pinto da Rocha.

Em 14 de Maio de 1832 foi apresentada pelo ministro legislador da Constituição Liberal, Mousinho da Silveira, e assinada na ilha de S. Miguel, pelo imperador, a carta de alforria dos cem homens que povoavam este rochedo. Mais gratos do que os milhões de portugueses libertados pelas leis do grande ministro, estes se dirigiram pessoalmente a agradecer a el-rei D. Pedro e a Mousinho, o beneficio recebido.

Em reconhecimento por tamanho gesto de gratidão, Mousinho da Silveira recomendou em seu testamento que desejava fosse o seu corpo sepultado na pequenina ilha do Côrvo onde, disse, encontrara *a mais grata e reconhecida gente do mundo.*

Foi cura d'almas nesta pequenina ilha o que mais tarde foi o primeiro bispo da diocese d'Angra—D. Agostinho Ribeiro, religioso de Santo Eloy, e natural de Braga.

Oliveira San-Bento a não esqueceu no seu poema:

De pequeno, faz lembrar
Beijo lindo de verdura.
Um beijo da Formosura
Dado na face do mar!

E ele, para pagar
Tanto carinho e ternura,
Abre as ondas com doçura,
Que são labios a beijar...

E a vida que leva o povo
Lembra a quimera mais pura,
Uma quimera romantica;

Sem inventar credo novo
Descobriram a Ventura,
Uma ventura Oceanica.

Um observador ilustre notou que: Num dos extremos da ilha ha um pedaço de rocha que semelha uma estatua grandiosa voltada para a America como apontando aos navegantes o caminho do Novo Mundo.

«Digna de vêr-se é, tambem, essa cratéra enorme e que se denomina *Caldeirão*. Lá no fundo, a emergir das aguas, ha nove pequenas ilhotas, que a Natureza caprichosa ali collocou, com a mesma forma e a mesma disposição das nove ilhas do Arquipelago».

Raul Brandão, uma vez no Corvo, exclamou:

«*Eu não podia vivêr como estes homens; mas na hora da morte queria ser um destes homens.* O Corvo é uma democracia christã de lavradores».

No Corvo, nota o grande escritor: Não ha ricos nem pobres; e as portas não teem chaves. Nunca houve um assassinato nem um roubo.

Olimpia Doria disse, desta pequenina ilha:

«Quieto, como se as asas inertes dos Açôres, fatigados de tantas creações pelo Atlantico fóra, descançassem, emfim, pelos seculos adeante, numa paz desconhecida, num comunismo maravilhoso, tendo junto a si, numa interessante miniatura, do Arquipelago toda a imagem das graças açoreanas.

E embora o mar rugidor se esfalfe em cóleras inuteis, o Côrvo continua sempre plácido, dormente, quieto nas suas escarpadas, convivendo com a fina flôr dos luares poeticos, ouvindo as prédicas do Apostolo solar e os risinhos infantis das estrelas sorridentes».

Eis delineadas, a traços singelos mas eloquentes, de observadores estranhos, as nove ilhas do Arquipelago—os fragmentos da velha Atlantida de Platão e Aristoteles. A Atlantida que a tradição aponta colocada fóra das *Colunas d'Hercules* e hoje submersa, como afirmam muitos sabios e escreveram P. Kircher no *Mundo Subterranio*, Bruzen no *Dicionario Geografico*, Brisson nos *Elementos de Physica*. Porque o Arquipelago Açoreano—as nove ilhas—são os cumes das montanhas primitivas do Universo que unem as cordilheiras do Novo Mundo aos Alpes do antigo, como afirmam Cook, Pallas e Mawe nas *Viagens*, Swedenburg nas *Maravilhas do Ceu*, Masschonbroeck nos *Elementos de Physica*.

Nove ilhas! Cada uma, isoladamente, simbolisa um pequeno mundo—mundo em miniatura—tal o aspecto multiplo, as perspectivas varias que apresenta, com as suas montanhas, as suas planicies, os seus lagos, bosques, pastagens, algares, grutas, cratéras, aguas frescas cantando e gorgolejando por entre devezas, e aguas termaes salutiferas e temperadas; tudo o que só em grandes continentes se poderá encontrar, precorrendo milhares de leguas, quasi que se divisa, observa e contempla num pequeno redato, sob o mesmo golpe de vista.

A par de monumentos artificiaes, artisticos, que a mão do homem alicerceou e constroiu, a par dos edificios sumptuosos, modelos de arquitectura regional, que honram a arte açoreana, se destacam aqueles outros que a Natureza, a grande mestre muda e fecunda, obreira milenaria, expontanea e generosamente formou, e que constituem, principalmente, o encanto das vistas e dos sentidos.

O solo fertilissimo dos Açôres tudo produz em quantidades e qualidades apreciaveis, desde os primeiros anos,

em que o pastel (*isatis tinctoria*) L. urzela, que de Tolosa se importou, até á laranja, que se exportava em milhões de caixas, ao trigo, ao milho e toda a casta de legumes; até á producção assombrosa do mel doirado e da sêda finissima, como nos transmitiu Gaspar Fructuoso escrevendo que «A ilha Terceira, foi, primitivamente, muito rica de colmeias e de bichos de sêda. No lugar do Posto Santo houve casas que tinham mais de quinhentos cortiços de abelhas; e que no lugar de S. Braz, perto das Lages, houve tantas amoreiras e tantos bichos de sêda que a produziam em nada inferior á de Granada».

Presentemente as ilhas produzem os apreciaveis productos de laticinios, em S. Jorge e Terceira; o chá, assucar, alcool, ananazes magnificos em S. Miguel, que largamente exporta, e todo o genero de culturas, aproveitaveis á alimentação.

Vinhos deliciosos como o verdêlho do Porto Martins; branco dos Biscoitos e dos Casteletes; de cheiro do Pico e verdêlho desta região que chegou a produzir vinte e duas mil pipas; branco da Graciosa e da Maia da ilha de Santa Maria que era considerado o melhor do Arquipelago.

Em S. Miguel ha fabricas de cerveja e de tecelagem, as oficinas das Artes Graficas que rivalisam com as melhores do paiz; e, na Terceira, a mais bem estabelecida fabrica de curtimento que existe na peninsula.

O poeta Amaral canta os Açôres na sua lira inspirada e sentida:

Pelo sol fecundante, acaso, d'antes
Sabe Deus quando!—em convulsões tamanhas,
Rugindo abria-se a terra; e, das entranhas,
Nove estrelas surdiram, coruscantes.

Mais tarde, uma por uma, essas montanhas,
Rubras, de lava... o mar, nos seios arfantes,
Com beijos de volupia, soluçantes,
As condensou em perolas estranhas.

Filhas do sol e noivas do oceano...
—Que entono!—a mesma luz e a mesma vaga,
Em arrulhos de amor, as doira e alaga.

Irmãs gemeas, cada uma é raro arcano
De encantos, de delicias e de flores...
—São nove edens as ilhas dos Açôres!

Como disse o dr. Rodrigues Fernandes: «Falar dos Açôres é reviver o passado mais brilhante da nossa historia de mareantes e milagrosos povoadores. E' comprender na sua paisagem docemente estranha, idilica e grandiosa, meiga e titanica, prolongamento da terra-mater que um oceano une—mas não separa—o espirito português, tragico, fatidico, patético, adorando a dôr, mas cultivando no coração uma resignação desesperada ou uma resignada desesperação a que muitos chamam saudade».

O AÇOREANO

O Açoreano

Um povo montanhez e heroico, á beira-mar
Sob a graça de Deus a cantar e a lavrar

GUERRA JUNQUEIRO

SÃO, os filhos dos Açôres, das maiores glorias de Portugal. Escreveu o grande dramaturgo D. João da Camara.

Quem tiver estudado, pela observação, a alma açoreana, terá reconstituido, etnologicamente, o passado historico de Portugal.

Os açoreanos não só soubéram recolher e guardar, religiosamente, a belesa perfumada da raça laza, como a transmitiram longe, conduzindo-a a toda a parte. Assim o notam observadores e psicologos estrangeiros.

«Os cantos populares do Brasil são veios tradicionaes levados pelos açoreanos», escreveram Celso de Magalhães e Romero.

O povo açoreano, descendente dos melhores cavaleiros d'Africa, dos heroicos portuguezes que, nas regiões selvaticas e barbaras, ganharam seus titulos de nobreza, combatendo, filhos desses ousados marcantes e aventureiros que não recusaram, ante as oscilações trementes da terra convulsa; que não temeram o fogo subterraneo que surgia, impetuoso, devastador, soterrando povoados, engulindo corpos, derrubando edificios; que suportaram os assaltos traiçoeiros da pirataria audaz, armada e aguerrida; o povo açoreano deu, em todas as epocas, os mais altos exemplos da sua fé patriotica, do seu arrojo indomavel, da sua valentia heroica.

Trabalhador e crente, laborioso e honesto, respeitador e simples, ele edificou, confiante e persistente, sobre os restos palpitantes dum colosso submerso, sobre as ossadas ainda quentes dum cadaver—a Atlantida—um paraizo, para encanto de poetas, um escrinio para guarda de preciosidades, onde recolheu e conserva ainda as virtudes ancestraes da raça, as qualidades amantissimas da velha alma portuguêsa que num pedaço de terra, o Promontorio Sagrado, construiu um ninho gigantesco d'aguias que assombraram o Mundo, desvendando misterios.

Desbravando as matas, arando os campos, profundando o terreno, cortando as rochas, traçando rumos, sulcando as aguas, estendendo as rêdes ou apascentando os rebanhos, o povo rude, mas bondoso, singelo e rustico, mal dormindo nas cabanas toscas cobertas de vêrde colmo, foi navegador e guerreiro, cavador e asceta, pastor e artista, pescador e poeta, heroi e santo!

«Em choças colmadas de pastores moram poetas de

profundo e mistico pensar e em muitas cabanas, viradas ao largo, onde pescadores velhinhos curtem saudades da onda, podiam florir pedras armorisadas de bôa fidalguia», disse Jaime Brazil.

Com um naco de pão de milho e uma melaguêta curtida, uma laranja, um fruto, o camponio ilhéu trabalha o dia inteiro, de sol a sol, na tarefa extenuante e esforçada de rasgar a terra, abrir-lhe o ventre uberrimo e fecundo para nele depositar a semente germinadora, trabalhando a leira donde extrae o pão para a prole, onde alimenta e cria o seu gado.

O animo açoreano, nado no constante perigo do proprio berço, se fortalecia no apêgo natural da terra-mater, que closamente amava e defendia; os musculos se arrijavam no treino constante das lutas em defesa da ilha, de continuo assaltada pelos corsarios e piratas, caçadores das armadas que da India vinham com as riquesas fabulosas a caminho da metropole. Adestravam-se os homens no combate bravio com a pirataria invasora dos lares para o saque, para a rapina, o rapto de donzelas, a deshonra e a morte.

Perigos de toda a sorte arrostaram e venceram nossos avós, desde os primeiros anos e sempre: o abalo sismico estremecendo repetidamente o solo, arrazando povoações inteiras; os corsarios estrangeiros, armados em desenas de vélas, acometendo, sedentos como chacaes; o abandono neste isolamento tenebroso do Atlantico; tudo supportou o ilhéu, d'animo forte, corajoso e bravo, sem desfalecimento; e, não contente ainda, não satisfeito, como se esses perigos não bastassem para a prova de seu animo aventu-

reiro e forte, eil-o que parte em frageis lenhos mal seguros, abrindo confiadamente aos ventos as velas brancas primitivas, lendo nas estrelas e observando as miragens, seguindo o vôo dos passaros; e lá vão os filhos dos Açôres... longe... milhares e milhares de leguas, aonde a terra careça de braços e a patria implore a sua defesa ou o dominio da sua bandeira; e lá levam o vigôr do seu corpo, o esforço do seu braço, desbravando, edificando, colonisando...

O açoreano vai a toda a parte: com a enxada ao ombro para desbravar ou com a arma na mão para a defesa na luta territorial, eil-o que parte para as terras causticantes do Brazil, para as regiões frigidissimas da America, e ahi edifica povoados, traça vilas e cidades, semeia e inocula os seus costumes.

Combate em Ceuta, em Calecut, em Gôa, em Chaul, em Cochim, em Damão, em Diu, em Tanger, em Çafim, em Azamor, em Mazagão; suporta o calor mortifero dos tropicos, vence os desertos frigidissimos do norte, sofre os perigos constantes e multiplos das solidões, das florestas virgens semeadas de feras, salpicadas de pantanos: as regiões insalubres onde a vida periga.

Tudo arrostaram, domaram, venceram! Terras de Vera Cruz, terras do Novo Mundo, terras da Asia, terras da Africa, a Maghreb dos cronistas, tudo palmearam, regando de suor, baptisando de sangue, sagrando de lagrimas, pulverisando de cinzas.

Ele luta em todas as crises nacionaes, ao lado dos melhores portuguêses, contra mouros e gentios, arabes, persas, turcos, indios, hespanhoes, francezes, alemães; vence bijagós, papeis e mandingas, na Guiné; bantús, hotentotes, ca-

bindas, bangalas, bailandos, cuanhamas, dembos, cuamatas, em Angola; vátuas, landins e cafres em Moçambique; malaios e papuas em Timor.

Não era só a ambição de riquesas que animava a maioria dos que partiam, aos milhares, para terras distantes e incultas, como se prova e demonstra com a acção de tantos, no decurso deste livro; era, tambem, como veremos, o zelo inato do amor patrio—herança atavica—era a ambição inoculada de conquistas, era a avaresa herdada de dilatar dominios para a bandeira sagrada das quinas—o mais alto pendão que atravessou, impavido e glorioso, todos os pontos do Globo!

Como o aroma subtil e casto de rescendente flôr, subsiste, revive e como que se perpetúa, por longo tempo ainda, após o viço, a frescura, o mimo, até á dissecação completa, assim, tambem, assim, talvez, a velha alma portuguêsa—a rescendencia heroica que emana da fina flôr—se respira aqui, ainda, embalsamando os corações e perfumando as almas.

Nas cumiadas da Atlantida submersa, são como vasos sagrados—os Açôres—. Justo era que conservada fosse, como particula divina, a alma do maior povo nos restos do maior colosso. Depositarios dela, os açoreanos a levam a toda a parte, como um perfume maravilhoso, rescendendo e alimentando outros povos.

«O tipo português, anterior á conquista da India, á introdução da escravatura, á exploração mineira do Brazil, á dominação dos Filipes, encontra-se nestes rochedos». Escreveu algures um observador sabio.

Aclimatam-se a todas as regiões os portuguêses das

Açôres. Caracter de cosmopolitismo e de eclectismo étnico.

Quando as febres dizimavam as populações brazileiras, devastando como ciclones, os açoreanos partiam, á aventura, á mercê da Providencia, empenhados na tarefa que se impuzeram de colonisadores.

Nas sciencias, nas artes, nas letras, nas lutas da colonisação e da conquista, nas batalhas da independencia e da integridade nacional, em toda a obra açoreana, sobrepuja o ideal da Patria, a preoccupação maxima e constante da sua grandesa e do seu progresso.

Pois se foram braços robustos de açoreanos que receberam e ampararam Portugal no seculo XVII, quando ele agonisava, estrangulado e oprimido, sob a garra esmagadora do Leão Castelhano que lhe rompeu o coração, ensanguentou o solo e desbaratou o patrimonio... Se, ainda no seculo XIX foram eles, os açoreanos, que ofereceram guarida á mocidade academica que pela Liberdade combatia, só encontrando abrigo e auxilio nestes rochedos patrioticos e livres como o bramir das vagas que os circundam!

Era açoreano aquele diplomata austero e sabio, vinte vezes ministro, e embaixador algumas, sempre ouvido e considerado em todas as côrtes da Europa. Chamava-se Antonio José d'Avila e foi o duque d'Avila e Bolama.

Açoreano era aquele explorador celebre, apostolo da Sciencia, que atravessou a Africa abrindo caminho commercial de Loanda a Moçambique, num precurso de oitocentas leguas por plagas ignoradas e sertões mortiferos. Chamava-se Roberto Ivens.

Era tambem açoreano aquele outro caminheiro, apostolo da Fé, que, trocando a cota do guerreiro pela sotaina

do missionario, a espada pela cruz, parte para a India; e, de Lahore, no Pendjab, vai até Socheu, oitocentas leguas, ensinando a esteira terrestre desconhecida que conduz ao Cataio. Chamava-se Bento de Goes.

Açoreano era aquele capitão da ilha do Faial que ao cavaleiro Gonçalo, quando este lhe intimava a entrega da ilha a Filipe II, vencedôr, respondeu com uma bofetada, atravessando-o em seguida com o fio da sua espada. Era Antonio Guedes de Sousa.

Era açoreano aquele martir do Cristianismo que, na evangelisação dos povos, vai a Meaco e Faximo no Japão, ás ilhas de Gotto, e succumbe, inabalavel na sua fé, sob o alfange do algoz, ás ordens do imperador Hogum. Chamava-se João Baptista Machado.

Era bem açoreano aquele bispo que ao general Junot devolveu o oficio que o convidava a fazer parte da comissão que á França ia a escolher rei para Portugal, respondendo, altiva e patrioticamente, que ***só reconhecia o principe regente D. João.*** Era Frei Alexandre da Sagrada Familia.

Açoreano era aquele estudante de medicina que, num repto de eloquencia tribunicia, desafia a força publica, ali em guarda, a que vá arrancar os crépes com que ele acabava de cobrir a estatua de Camões, pela afronta do ultimatum inglês. Chamava-se Eduardo Abreu.

Era açoreano aquele corajoso e destemido mancebo que, na ansia patriotica de devassar os mares e conquistar o desconhecido, atravessou os gelos e penetrou em terras d'America precorrendo duzentas leguas de costa ao longo desse continente imenso. Chamava-se Gaspar Corte-Real.

Era das nossas ilhas aquele fingido D. Sebastião que, no intuito nobre de redimir a sua patria, não recusou fazer-se rei para concitar e unir todos os portuguêses á inde-

pendencia nacional e dizer-lhes depois: *Estaes livres! Eu não sou D. Sebastião. Escolhei, agora, o rei que quizerdes!* Chamava-se Mateus Alvares.

Era açoreano aquele escritor octogenario que foi o decano dos jornalistas portuguezes em 1927. Chamava-se Alfredo de Matos Angra e exerceu a sua profissão na cidade do Porto.

Era das ilhas aquele bravo militar que, vendo-se vencido, no alto mar, pela superioridade do inimigo, prefere fazer em estilaços a sua nau *Rosario*, a vêl-a em mãos de estrangeiros. Chamava-se Diogo Pereira de Lacerda.

Era açoreano aquele leal companheiro do grande D. Francisco d'Almeida, vice-rei da India, esse gigante que fez render Mombaça e Quilôa, Passane e Dabul e destroçou a armada do sultão do Egipto, e foi terror de indios e turcos, arabes e persas; que o acompanhou sempre, desde a sua viagem para o governo da India até á sua partida para a eternidade. Chamava-se Pedro d'Ornelas.

Era açoreano aquele Miguel Corte-Real que foi morrer entre os indios como rei deles, indo em procura do irmão Gaspar perdido nos gelos polares; como açoreano era aquele outro Manuel Corte-Real que nos areaes esbrazeados d'Alcacer-Kibir caiu ao lado do rei *Desejado*.

Descendia de açoreanos o ex-presidente da Republica do Uruguay, Dr. Baltazar Brum; de origem Fayalense.

Açoreano é aquele audacioso rapaz que, num bote de papel, atravessa noventa milhas a levar um afectuoso cumprimento de confraternisação á ilha de S. Miguel. Chama-se Francisco Barrêto Corte-Real e vive na America do Norte.

E' açoreano aquele maestro que, nas cidades de Italia e França, rege orquestras de quatrocentas figuras, com aplauso de mestres. Chama-se Francisco de Lacerda.

E' das nossas ilhas aquele celebre pintôr que, nas exposições internacionaes, arranca o primeiro premio, em concursos d'elite. Chama-se Sousa Pinto e tem o seu atelier em Paris.

E' açoreano aquele sabio cirurgião que ao Egito foi, escolhido d'entre os primeiros do mundo scientifico, para operar o Kediva. Chama-se Raul Bensaude e trabalha em Paris.

Açoreanos eram aqueles dois membros da Regencia de 1820—José Nunes da Silveira e Francisco de Lemos Bettencourt.

E' açoreano o director da Escola d'Aviação Naval Gago Coutinho, e chama-se Ortins de Bettencourt.

Filho de Manuel Corte-Real, primeiro alcalde-mór do Castelo de S. Sebastião d'Angra, era Jeronimo Corte-Real, o pintor, o soldado, o poeta que cantou o *Naufragio de Sepulveda* e deu á tela *Almas, Mocidade e Velhice*, considerado, por alguns, emulo de Camões.

Pois se até Camilo, o grande Camilo,—*o genio*—era açoreano pela ascendencia picoense, e Garret—o *divino*—pelos paes fayalenses...

Nos Pereiras dos Açôres gira sangue do Santo Condestavel D. Nuno. Em muitas familias açoreanas corre sangue dos melhores cavaleiros d'Africa.

Que orgulho para o nosso coração ilhéu, podermos dizer que destas ilhas sairam e nelas tiveram seu berço: o cerebro mais potente dum seculo literario—Teofilo Braga; o poeta filosofo, cuja obra, traduzida em todas as linguas e dialetos europeus, é admirada do mundo inteiro—Antero do Quental! Dois nomes que abalisam um seculo, enchem uma literatura, honram uma patria e valem um paiz.

E se falarmos do emigrante e colono açoreano! Quem ha que fosse maior do que ele, na humildade da sua pequenez, no esforço anonimo do seu braço incançavel, no anonimato heroico da sua vida laboriosa e productiva?... Quem o egualou, jámais, em desinteresse e abnegação?...

Pois se o taquigrafo que conseguiu, por um sistema de sua invenção, gravar trezentas e setenta palavras por minuto, é açoreano e chama-se o padre Antonio Maria de Simas!

Se o velho marinheiro Jacinto, pai do presidente do American Woolen Company, o maior industrial textil da grande America do Norte, William M. Wod, que reunia sessenta fabricas com quarenta mil operarios, é açoreano!

Se Joaquim da Silveira, o milionario, vice-presidente do Trust American Bank é filho dos Açôres!...

John C. de Matos, o vice-presidente do Banco de Italia, a terceira instituição bancaria dos Estados Unidos, é açoreano.

Açoreanos, bem açoreanos, eram os que primeiro ocuparam a presidencia da Republica Portuguêsa, quer no governo provisorio, quer na primeira eleição!

Os açoreanos não só indicaram a esteira maritima das Americas e das Indias, navegando para o poente, como os Corte-Reaes, Barcelos, Labrador; eles ensinaram, tambem, a estrada interior dos grandes continentes: oitocentas leguas de Lahore ao Cataio, como Bento de Goes; oitocentas leguas de Angola a Moçambique, como Roberto Ivens; quatrocentas leguas alem do rio do *Registo*, como o bandeirante Peixoto!

E' que o tipo açoreano se distingue e se insinua, pelo seu caracter, e pela sua conduta; e se eleva sobresaindo

em toda a parte, destacando-se nas varias modalidades da ocupação humana, quer nas campinas rusticas, arando, amanhando as terras, quer nos salões diplomaticos, traçando, dirigindo, governando nações e povos.

Foram labios açoreanos que proferiram as primeiras frases da doce lingua portuguêsa em terras virgens do Novo Mundo. Foram as suas vozes de comando as primeiras imprecações que ouviram os mares gelados do Norte. Foram as suas preces as primeiras orações, os primeiros hinos que aos novos céus subiram em linguagem cristã.

No Massachusset, nota Antonio Ferro, ha uma frase americana que bem traduz o esforço português: *Se queres vêr crescer uma batata, fala-lhe em português.*

O açoreano, como diria Alves Mendes se á nossa historia se referisse, é esse povo unico, valente, energico, firme e leal, que reinou com o sceptro do Prior do Crato, que domou com o braço de Ciprião de Figueirêdo, que triunfou com a espada do conde de Vila Flôr, que redimiu a liberdade com o auxilio de Theotonio d'Ornelas; é esse povo ousado que navegou com a balestilha dos Côrte-Reaes; é esse povo mistico que sentiu com o peito de Bento de Goes, e amou com o coração de Teresa da Anunciação, que filosofou com a lira de Antero e cantou nas quadras de Amaral; que prégou na lingua evangelica de Frei Antonio do Presepio e discursou com a palavra eloquente de Eduardo Abreu; é esse povo diplomata que pensou com o cerebro do duque d'Avila e Bolama, e dirigiu com o pulso de Hintze Ribeiro; que narrou na simplicidade erudita de Gaspar Frutuoso e historiou com a paciencia heroica de Ernesto do Canto; que escreveu com a pena de Aristides; que ensinou com a sciencia de Teofilo e educou com os ensinamentos do padre

Jeronimo; que ajoelhou com Catarina de Cristo e orou com João Baptista Machado; que musicou nas toadas do padre Borba e riu nas ironias de Camara Lima.

O açoreano é esse povo maleavel, indomito e docil, que solaça trovas nas notas dolentes duma viola, improvisa nos serões e arraiaes; mas ruge e troveja nas horas indecisas ou ameaçadoras da patria e da liberdade.

Alma pura de cisne deslisando mansamente sobre um lago argenteo de bondade; genio de leão desafiando impavido as montanhas altivas da afronta. Vai desde a bravura valorosa de Antonio Figueirêdo Ultra, o *terror dos arabios*, até á bondade excelsa de João Baptista, o *martyr do Japão*.

Identificado com o mar, adormecendo e despertando ao ritmo variado e multiplo do canto das suas vagas, o açoreano tem qualquer coisa d'aqueles impulsos e convulsões na directriz natural da sua orientação, do seu procedimento e, até, da sua fantasia.

Que encantadora analogia! Que notavel coincidencia! Como D. Sebastião, *o rei desejado*, D. Antonio, *o principe desditoso*, e seu *honrado primo*, por ele feito governador de Tanger nas vesperas da jornada d'Alcacer onde a seu lado combateu valentemente, este principe, tão infeliz como aquele rei, foi da ilha Terceira bem querido e amado como admirador e amigo dela fôra o monarca.

A' Terceira, coração do Arquipelago Açoreano, foi oferecido, pelo proprio, o unico retrato autentico de D. Sebastião. No coração dos terceirenses, na alma generosa do povo dos Açôres, viveu bem nitida a imagem real do principe desditoso, D. Antonio.

Dois grandes portuguêses, onde estuava fremente a alma pura da raça, primos no sangue, irmãos na desdita— como se a infelicidade fosse apanagio das almas nobres— ligaram estreitamente o seu nome á historia destas ilhas.

Se foi um terceirense, Manuel Fernandes, o piloto-mór do galeão *S. Martinho* a branco e ouro pintado, com pavilhões e galhardêtes multicôres e flamulas de sêda, que conduzia pela ultima vez D. Sebastião á Africa... e foram açoreanos que acompanharam D. Antonio, na sua ultima viagem, á terra do exilio!...

Que interminavel cadeia de afectos liga intimamente o nome açoreano a todos os grandes factos da vida nacional! Enumeral-os, completamente, seria tarefa para aturado estudo e dilatado espaço.

A MULHER AÇOREANA

A mulher Açoreana

Tudo o que é puro e nobre e fugitivo e suave
Desde o colo dum cisne ao canto duma ave.

GUERRA JUNQUEIRO

ESCREVEU algures um literato contemporâneo: «Nenhuma ha no mundo que exceda a mulher portuguêsa em sentimento, em ternura, em dedicação».

Que dizer, pois, da mulher açoreana, se ela, em todos os sentimentos, iguala, se não excede, a mulher portuguêsa...

Ela, a companheira fidelissima do lar, a esposa desvelada, a mãe carinhosa, a educadora admiravel, dedicada e santa, trabalhadora incançavel; a mulher açoreana, toda consagrada ao mister caseiro, familiar, é admiravel no auxilio que dispensa ao homem: ajudando-o no serviço alpestre, no amanho rude das terras, medindo-se com o campo-

nio na labuta quotidiana, extenuante, cavando a leira, arando, mondando, gradando, semeando; ora empunhando a enxada, na cava funda, ora brandindo a foice no corte certeiro das loiras messes sazonadas; apascenta os rebanhos, tosquiando-os, mungindo-os; lava as roupas na ribeira e tece o pano para os enxovaes, fabrica as redes para a pesca e cultiva o linho para os panos; cardando, fiando, costurando, ela canta, satisfeita e sadia, robusta e alegre, ciosa do seu amor e temente do seu Deus.

Que lindos e preciosos são os bordados a palha executados sobre filó de sêda, os preciosissimos trabalhos de miolo de figueira, mais puros que a neve, os bordados executados com teias d'aranhas e casulos de bichos de sêda que são especialidades da ilha do Faial!

Que variedades de trabalhos de efeitos deslumbrantes a mulher açoreana não executa: em ouro, prata e missangas! Bordados de crivo a matiz, a Richelieu, a branco, renda de bilros renascença, veneziana, inglesa, *guipure*, *crochet*, *macramé*, *filet*, aplicações a ponto de Bolonha, ponto Gobelin, ponto de Hespanha, ponto russo, etc.

Rendas finissimas e bordaduras extravagantes que elas executam!

Flôres de papel, de escamas e de penas, dam efeito surpreendente.

As lindas colchas de lã, tecidas na Serrêta da Terceira; e as expessas camisas de malha fabricadas em S. Mateus do Pico. Os chapeus de palha canudo, especialidade da mulher dos Cedros no Fayal. As linhagens frescas da ilha de S. Miguel, rivalisando com o melhor fabrico...

Elas vão, as bondosas, as submissas e trabalhadoras

mulheres açoreanas, até ás grandiosas fabricas de tecidos da grande America onde dão o maior exemplo de dedicação e de esforço, que as torna preferidas d'entre todas.

Da devoção civica, do sentimento patriotico da mulher açoreana, ha paginas fulgurantes, dum brilho colossal e intenso que iguala, se não excede, tudo que se conhece praticado pelo elemento feminil nos varios lances da vida nacional, transmitidos pela historia de todos os tempos.

Brites d'Almeida, a celebre *padeira d'Aljubarrota*, empunhando a pesada pá de ferro, mata os hespanhoes que encontra refugiados no seu forno e corre sobre os demais que fogem em debandada ante as hostes aguerridas e valorosas do mestre de Aviz.

Filipa de Vilhena, armando os filhos, creanças de dose anos, para a restauração de 1640, entrega ao mais velho, D. Jeronimo, a espada que servira ao pai, o conde de Atouguia, dizendo a ambos, num gesto altivo de patriotismo: *Ide, meus filhos, libertai a patria; se as forças e o meu sexo m'o permitissem, de bôa vontade vos seguiria para vencer ou morrer comvosco, pelo bem do meu país.*

Mas uma mulher açoreana fez mais; porque, esquecendo o seu sexo, se armou e convidou para a luta homens e mulheres a quem estimulava, exemplificando, para que defendessem a patria do dominio castelhano, e conseguiu. Foi ali, no extenso vale da Salga, na ilha Terceira, em 1581, quando os soldados de Filipe II de Castela invadiram a terra para render pela força um povo que firme permanecia no juramento de fidelidade ao rei portuguêz repelindo a invasão dominadora, Brianda Pereira, esposa do lavrador Bartolomeu Lourenço, distribue pelos servos e visinhos, de ambos os sexos, dardos e piques, e consegue demorar o

avanço dos mil de Hespanha que, sob o comando de D. Pedro Valdez, marchavam por terra dentro. Em taes perigos se lançaram as mulheres, que foi necessario recolhel-as na ermida de S. João, fechando-as para obstar ao arrojo temerario em que se envolveram na luta contra os castelhanos, expondo a vida na defesa da independencia e integridade nacional. E a intromissão patriotica e ousada de Brianda Pereira influiu eficazmente no triunfo da luta, ficando a ilha Terceira depositaria unica da bandeira das quinas que conservou durante dois anos sob o reinado efemero de D. Antonio Prior do Crato. E os mil de D. Pedro Valdez engoliram-nos os poços e valas da beira-mar, sepultaram-nos as ondas espumantes do Porto Judeu.

Trepando nos penhascos pela praia
Caminha irosa a gente de Castela;
Chocam-se ferros, vibra a azagaia
N'aquele fragôr soturno da procela.

Brianda arma então seu braço forte,
E ao vêr marido e filho a lutar,
Nascida p'r'o amor, semeia a morte
Nos que a vida dos seus q'riam levar.

E o mar, beijando
A rocha brava,
Ficou lembrando
O que ela chorava.

Assim a cantou o poeta terceirense Frederico Lopes Junior, sob o pseudonimo de *João Ilheu.*

D. Violante do Canto, filha do grande João da Silva do Canto, general do mar das ilhas, senhora duma enorme fortuna, coloca-a francamente á disposição da causa do

principe português D. Antonio, e sustenta, á sua custa, as tropas francêsas e inglêsas que na Terceira auxiliavam o partido do Prior do Crato, o inditoso principe.

Foram ainda as mulheres açoreanas que, no norte da ilha Terceira, quebraram e queimaram os barcos onde se dizia que pretendia fugir o conde Manuel da Silva, corregedor das ilhas, aterrorisado pela invasão hespanhola de 1583.

A mulher açoreana! Quantos nomes ignorados, escondidos na obscuridade da sua modestia se poderiam colocar, sem desdouro, ao lado de Joana Fernandes que, com pedras e agua a ferver, dizimava o inimigo; de Maria de Sousa, que com uma partazana derriba D. Alvaro Gonçalves Sandoval, quando ia a ferir o rei português e atravessou o peito do renegado Gonçalo Nunes irmão de D. Nuno Alvares Pereira, da *Pisqueira* d'Aljubarrota, da velhinha de Santarem, a profetisa, de Barbara Fernandes que se orgulhava de ter dado dois filhos á morte por amor da patria, de Ana Fernandes, a velha de Diu, de Helena Pires no cerco de Mazagão, de Antonia Rodrigues vestida de soldado para combater, de Izabel Vaz morrendo ás lanças mouriscas na sortida de Tanger, da Maria da Fonte, e de tantas outras!

Luiza de Gusmão decidiu D. João IV a aceitar o trono; mas Brianda Pereira decidiu todas as mulheres da Salga á luta pela conservação dum rei português e conseguiu!

Basta citar este facto, caso estupendo, em contraste admiravel de heroicidade e valor:

Nos montes Herminios, Viriato, o pastor selvagem da Serra da Estrela, abate, no seu vôo prepotente e audacioso, a *Aguia Romana!*

No vale da Salga, Brianda, a camponesa formosa da ilha Terceira, esmaga a audacia agressiva do *Leão Castelhano!*

Um pastor beirão abate uma aguia; mas uma camponesa açoreana esmaga um leão!

Açoreana é aquela virtuosa senhora, esposa e martyr, a quem os *soviets* assassinaram o marido, o principe russo Meschersky, cujo enlace havia presenceado a Horta.

Dos sentimentos caritativos da mulher açoreana apresentamos como espelho clarissimo de tão excelsa virtude: Margarida de Chaves, fundadora do *Albergue Noturno* de Ponta Delgada, Maria Guilhermina, da *Cosinha Economica d'Angra do Heroismo,* Maria Cristina Arriaga da *Sopa Economica* da ilha do Faial; dentre tantas que omitimos.

Nas letras, nas artes, no romance e na poesia, no jornal e no livro, que pleiade enorme de nomes distintissimos a estrelar o ceu azul do Arquipelago da Bruma! Desde soror Maria do Espirito Santo, a freira erudita do convento de Santa Clara da Praia da Terceira (1650) até Catarina de Cristo, a filha de Vital Bettencourt egressa do convento de S. Gonçalo d'Angra, poetisa que escreveu as *Contemplações Espirituaes,* quantos espiritos cultos se abrigaram em habitos talares e expandiram seus sentimentos em folhas manuscritas que o tempo varreu ou jazem escondidas em fundos impenetraveis de arcaria de cedro e pau santo!

De Catarina de Cristo escreveu o conego Pacheco de Aguiar: "Se a Italia se gloria com a sua Laura, a França com a sua Madame Sévigné, Portugal com Joana Vaz, tambem a ilha Terceira se ufana de ser patria da virtuosa e

sabia D. Catarina de Cristo. Fôra ela convidada pela infanta D. Izabel, filha d'el-rei D. Manuel (de quem Duarte Nunes de Leão diz que o seu palacio era uma academia das musas) para ser dama do Paço; porem a nossa ilustre patricia, nobre pelo nascimento, ainda mais pelo estudo das letras e nobilissima pelas suas raras virtudes, agradecendo, numa discreta *carta* o regio convite, não aceitou, para não faltar ao voto que havia feito».

Não só ao lado de heroinas, como tambem ao lado de eruditas, podemos colocar nomes açoreanos, como o de Catarina de Cristo e outros que bem ficam juntos dos de Joana Vaz, Paula Vicente, Angela Sigêa, Publia Hortensia e da infanta filha de D. Manuel que escrevia em latim, grego, hebraico, syriaco e arabe.

Ainda hoje se cultiva a literatura entre o espirito feminil e vemos fulgurar nomes apreciaveis de talentos que honram as letras e a terra açoreana. E' que, á sombra das grandes arvores, tambem vicejam e se nutrem os arbustos.

Hermenegilda de Lacerda, poetisa, romancista, dramaturga, oradora, que escreveu dezenas de volumes e folhetos, honra do Fayal. Amelia Ernestina d'Avelar, a poetisa picoense, Philomena Serpa, jorgense de quem D. Antonio da Costa disse: *As suas poesias ensinam,* Alice Moderno, um astro, Maria Cristina, Olivia Soares da Silveira, Mariana Belmira d'Andrade, Anna Adelina Costa Nunes, Beatriz de Lacerda, Francisca Cordelia de Sousa, Maria Joaquina de Mesquita Rocha, Maria Alice Goulart, Maria Matos, Aurora Moraes, Adelaide Sodré, Mercês Cardoso, Maria Evelina, Maria Izabel da Camara, Maria Guilhermina, Maria Dewander, e tantas...

A mulher açoreana!

Nenhuma, como ela, sabe expressar, na musica cadenciosa e dolente da *Saudade*—canção original das ilhas—a magua do coração amante, o sentimento afectivo da alma popular ilhôa.

Parece que a alma açoreana, a alma feminil do Arquipelago, se ensaiou e aprendeu com o mar, estudando-lhe a toada sentida, no ritmo misterioso das ondas, na caricia repetida ás areias das praias e aos basaltos das margens, no cicio soluçante como um gemido profundo do abismo, evocação imensa dum coração enorme—a oração do mar—vozes melodiosas de ondinas resando ajoelhadas sobre alvos lichens, por entre as algas exquisitas de coral brilhante.

Aprenderam com o mar, talvez, na transmissão chorosa das sereias e das ondinas do encanto e da lenda...

Em parte alguma do mundo o labio humano jámais soube igualar a expressão sentida do canto açoreano, na melopêa doce dessa canção dorida, como o proprio nome—a *Saudade*—palavra essencialmente portuguêsa, que nenhum povo conhece e que ninguem melhor glosa e suspira como o peito feminil açoreano, que ninguem melhor profere que o labio fresco e vermelho da mulher, no tom monotono, cadenciado, das violas, nos bailados e descantes populares, nos terreiros e nas salas.

Musica lutuosa e triste como a côr das petalas veludineas da flôr que a simbolisa.

A saudade é um luto,
Uma dôr, uma paixão;
E' um cortinado rôxo
Que me cobre o coração.

Tenho tantas saudades,
Como folhas tem o trigo;
Não as conto a ninguem,
Todas consumo comigo.

Albino Forjaz de Sampaio, o brilhante prosador, escreveu, das quadras populares: «Dá-nos, a poesia popular, poemas em quatro versos onde ha toda a filosofia dos sabios e toda a ironia dos filosofos, carinho e imprecações, amor e desdem, risos e tristeza, coisas que nunca ninguem disse tão bem e que ninguem saberia dizer melhor. E' a alma do povo, é a alma da raça no seu desafogo lirico».

A *saudade* parece ter nascido nestas ilhas solitarias, tão longe do bulicio das nações, estudada na cadencia dormente das ondas segredando os queixumes das almas que a nostalgia afagava.

Antero de Figueirêdo, o artista da palavra, assim a interpreta:

«A alma da saudade parece ter sido gerada nas curvas das estradas em que, na partida, se deixou de vêr a aldeia natal que deu os primeiros brinquedos de ilusões ás nossas pupilas infantes; na ultima volta do caminho sobranceiro ao vale onde, na colina, entre arvores, branqueia o casal que sempre foi nosso e dos nossos...

Oh curvas das estradas, oh curvas da vida, para traz das quaes nos ficam almas queridas e amadas ilusões!...

A saudade é um longinquo aceno que vem do passado; uma voz de sangue a sangue, de animo a animo,—voz distante dos nossos vivos, voz profunda dos nossos mortos...

Será a saudade portuguêsa uma nostalgia antiga que as nossas almas ternas herdaram dos marinheiros que iam

nas caravelas da India e deixavam os seus em aldeias distantes?...»

A *Saudade* açoreana sahiu, sem duvida, dos primeiros colonos que ás ilhas abordaram.

A poesia nostalgica, cantada na doce lingua portuguêsa! A lingua do pequenino Portugal, como disse um filólogo brazileiro: «Foi essa e não outra a que primeiro praguejou com a tempestade oceanica; e a primeira que traduziu a alma das imensas distancias—a saudade...»

A mulher açoreana! *Ela é bem a digna companheira do ilheu trabalhador e sobrio.*

«Ela é o vinho forte, que o entontece nos arraiaes do Espirito Santo, o sorriso enlouquecedor que premeia a sua galhardia nas toiradas, a musa inspiradora das suas canções, ora dolentes ora alacres. Ela a bem-amada fiel que o espera annos emquanto ele, exilado, troca as suas canceiras pela paga que lhe permite ter um lar onde faça ninho para os seus amores e um campo onde cumpra o simples ritual pagão de adorar a terra.

Virtuosa e culta, a mulher açoreana congrega em si todas as graças dos povos d'onde provém. Loira e formosa como as virgens flamengas, tem o donaire das filhas da Andaluzia e a soberana gentileza das castelãs de França. De Portugal herdou, com a lingua, na qual sabe dizer, cantando, palavras de bem querer, a ternura do coração, o culto do lar, o amor dos filhos». Escreveu Jayme Brazil.

NAVEGADORES

Navegadores Açoreanos

Oh, quem fôra, atravez de ventos e procelas,
Numa barca ligeira, ao vento abrindo as vélas,

GUERRA JUNQUEIRO

AVENTURA audaciosa do mar despontou, sedutora e risonha, no animo balbuciante dos primeiros que a luz viram nestes rochedos que a onda embala cantando e constantemente debrúa com seu colar espelhante, caprichosamente rendilhado de alvas espumas.

Escreveu o snr. visconde de Castilho. «Era maravilha que os filhos destes rochedos não emigrassem, quando contemplamos em volta de nós essa tentação constante que se chama o mar. Naqueles horisontes marinhos ha o quer que seja de convidativo para o espirito, ha a atracção do desconhecido, e dentre as brumas luminosas dum sol poente,

sobre o mar, sorriem a estes bons insulanos, filhos de peninsulares, todos os sonhos da fantasia oriental, todas as opulencias do possivel».

Nos Açôres estabeleceram residencia navegadores experimentados e famosos, como Afonso Gonçalves Baldaia, o companheiro de Gil Eanes na dobragem do Bojador, João Vaz Corte-Real, *tão esforçado e temido que nunca deu batalha no mar nem na terra que não vencesse,* Vasco Annes, seu irmão, que em Africa venceu e domou o temivel chefe mouro *Ali Barraxo,* senhor de vinte e dois mil homens de cavalo, os irmãos de Nicolau Coelho, companheiro dos Gamas, Diogo de Teive e Alvaro Martins Homem, na ilha Terceira; Martim Behain, o sabio de Nuremberg, habitou o Faial e Gonçalo Velho Cabral edificou a sua casa em Santa Maria.

Da Terceira os primeiros filhos se embrenharam na esteira tenebrosa do mar:

E' Gaspar Gonçalves, da Ribeira Seca, o primeiro cujo berço bafejaram auras terceirenses, entregando-se, em tenra idade, á tarefa dominante da epoca — procurar terras para a Patria —; é João Fernandes Labrador, associado a uns negociantes de Bristol; é Pedro de Maris Barcelos, da vila da Praia, João Martins, os Côrte-Reaes e tantos outros que vão, ousadamente, a abrir caminhos ignorados, na estrada tormentosa das aguas, navegando para o *berço do sol,* e encontrando terras a que deram seus nomes; é João da Ponte, mariense, gastando a fazenda em busca de novos territorios; é Manuel da Silveira, faialense, acompanhando os navegadores na derrota da Terra-Nova; é Pedro Vaz, micaelense, mandando construir navios para as descobertas; Sebastião Gago, Jorge Camêlo, Pedro Camêlo Pereira, André de Navaes comandando navios de alto bordo...

Ainda, dos terceirenses, Aires Fernandes, com seus filhos, vai *vinte vezes á India sem nunca arribar,* Manuel Fernandes foi o piloto-mor que *descobriu a derrota de Portugal a Malaca sem tocar na India* e conduzia o galeão *S. Martinho* em que D. Sebastião passou pela ultima vez á Africa. Manuel Pacheco vai á descoberta d'Angola, Gomes Pacheco de Lima, capitão-mór duma grossa armada, vai, á ordem de D. João, *despojar as ilhas de Buam* na costa da Guiné, Manuel Pacheco de Lima, que foi o embaixador de D. João III ao reino do Congo, descobre o d'Angola, João Fernandes foi o primeiro que sahiu do Pacifico pelo Estreito de Magalhães, Antonio Dutra Figueirêdo foi o almirante das esquadras de alto bordo na India; João Alvares Fagundes descobriu uma parte da Costa da America do Norte. Rodrigo Alvares, *homem principal e generoso,* da ilha do Pico e seu povoador, figura, seu nome, numa armada de seis caravelas que fôra á continuação dos reconhecimentos da costa africana para alem de Cabo Vêrde, cuja expedição descobriu as ilhas de Nar e Tidore.

Quando, em 1519, Fernão de Magalhães sahiu de S. Lucar de Barrameda, no intento de circumnavegar o Globo, com cinco caravelas cuja tripulação composta de 265 homens, ficou reduzida a 28, levou consigo dois açoreanos, Gaspar Dias, dispenseiro da nau *Santiago,* e João Silva, marinheiro da nau *Conceição,* ambos da ilha Graciosa; como no primeiro vôo audacioso de Coutinho e Cabral, á ilha da Madeira, vôo que foi o ensaio, o inicio da grande travessia a terras do Brazil, foi companheiro um açoreano—o tenente Ortins, da ilha Graciosa.

Aos Açôres vieram e dos Açôres partiram Pedro Velasco, Fernão Dulmo, Diogo Gomes, Colombo, Nicolau Coelho, os Gamas e tantos outros navegadores.

Nos Açôres repousam, afinal, Paulo da Gama, Americo Vespucio, Pedro de Barcelos, João Vaz Côrte-Real, Alvaro Martins Homem, na Terceira; Gonçalo Velho Cabral na ilha de Santa Maria.

As maiores glorias do passado, os lazeiros que iluminaram os mais belos capitulos da epopeia dos mares!

Taes serviços prestaram as esquadras açoreanas, logo no primeiro periodo da colonisação, que, em 1551, el-rei concedia aos vereadores angrenses o privilegio de cidadãos do Porto ou das Infanções.

Das viagens nauticas dos açoreanos, falam Henri Harrisse, Alberto Cantini, Varnhagen, Pietro de Pasqualigo, Humboldt, Marino Sanuto, Hakbey, os arquivos de Ernesto do Canto, as gavêtas da Torre do Tombo, e os manuscritos das bibliotecas.

O rumo dos navios na esteira ignorada da America e das Indias, traçaram-no as minusculas caravelas açoreanas, ligeiramente construidas no *Porto de Pipas* d'Angra; á custa de açoreanos, quantas!

Foram as pandas velas, sagradas com o sinal de Cristo, saindo empavonadas das praias da Terceira, as primeiras asas que sulcaram mares do Novo Mundo. Foram as suas ancoras rudes, primitivas, os arados audaciosos que primeiro morderam as areias virgens que circundam regiões do Norte; foi o sangue precioso d'açoreanos, vermelho como a cruz das suas caravelas, que deu tinta que farta para epigrafar os mais brilhantes capitulos da assombrosa odisseia maritima de Portugal!

E, por tal forma se enraizou e se mantem no Arquipelago Açoreano — vedêta avançada da Patria — a tradição ra-

cica: a coragem, a audacia, a valentia, o despreso do perigo, o espirito aventureiro; de tal forma ele se arrijou na musculatura dos açoreanos que, ainda hoje, se espelha, vivido, palpitante, luminoso, na sua acção trabalhadora e audaz.

Não havendo mais terras para desvendar, porque, por toda a parte fluctuou já, ha muito, o pendão glorioso das quinas, os açoreanos partem ás mais arriscadas empresas, praticando, por vezes, atrevidos cometimentos, quer nos *Bancos* da Terra Nova, na pesca constante do alto-mar, quer nas ilhas de Sandwich, quer nas proprias aguas que banham as suas praias, rochas e recifes—os canaes açoreanos—na caça extenuante, perigosissima, unica no mundo, ao cetaceo gigante—o *Cachalote*—o monstro dos mares, chegando alguns a medir mais de vinte e seis metros de comprimento. Os valentes e destemidos pescadores da ilha do Pico, tripulando frageis embarcações onde a vida, mal segura, a cada passo vacila e treme, arpôam, perseguem e matam o monstro marinho, extraindo riquezas das suas entranhas formidaveis.

A ultima prova de que revive em nós, filhos dos Açôres, a alma ousada dos valentes marinheiros, deu-a, ha pouco, um descendente dos Côrtes-Reaes, que ainda vive: Francisco Moniz Barrêto Côrte-Real, que, destemidamente, se embarca num pequenino bote de papel (jornaes justapostos) e vai, noventa milhas além, até á cidade de Ponta Delgada!

Festejava-se, na visinha ilha, a ideia, o plano duma confraternisação açoreana; e Moniz Barrêto foi representar a ilha Terceira, sua patria, nesse abraço amigo que foi a evocação assombrosa da nossa tradição historica.

Em 1535 Diogo Botelho, para dar primeiro a el-rei D. João II a nova da tomada de Diu, se embarcou para Portugal numa *fusta* de quatro metros e oitenta e quatro centimetros de comprido por dois metros e sessenta e quatro de largo, chegando ao reino apenas com um tripulante. Francisco Moniz, em 1895, mete-se num bote de papel com tres metros de comprido por um metro de largo e parte, sósinho, a levar aos irmãos isienos a saudação da sua terra natal—a Terceira.

> Pedro Alvares Cabral, se ressuscitasse agora,
> O Gama, Pero Cão e eguaes navegadores,
> Veriam com orgulho que o nauta d'outras eras
> Não excedia, em genio, os filhos dos Açôres.

A embarcação de Diogo Botelho foi queimada em Santarem, pelos hespanhoes, para apagarem o facto heroico; o barquinho do Moniz está na ilha de S. Miguel, requisitado e guardado como reliquia...

A nossa grande epopeia maritima, concebida no pinaculo escarpado de Sagres, o altar civico da Patria, gerada no espirito empreendedor do grande Infante, foi traçada nos rochedos açoreanos desvendados por Frei Gonçalo Velho e finalisada com os imperios deslumbrantes da India e do Brazil!

Sessenta anos depois da descoberta destas ilhas, quando devassado o Atlantico e dobrado o Cabo Tormentoso, aperfeiçoados os instrumentos nauticos que conduziram as rudes embarcações do comando de Gonçalo Velho, é que Colombo, o avisado, sai para as Indias.

Gaspar Côrte-Real, navegador que proseguia na esteira traçada pelo pai nos mares do Norte, predecessor de

Colombo, esse genio empreendedor e forte que não repousava um instante na sua missão voluntaria de descobrir terras para a Patria, após varias partidas para os mares do Norte onde já tinha visto a Terra-Vêrde, ficou ignorado e morto a julgaram os portuguêses nos mares de Bafin, estreito de Davis ou bahia de Hudson. A' sua busca parte o irmão Miguel e lá fica; quer partir outro irmão e el-rei não consente. Surge agora, passados quatro seculos, uma noticia da vida e acção de Miguel Côrte-Real em terras do Novo Mundo. Edmundo Delabarre, o professor da Universidade de Bronn, acaba de decifrar, entre as inscrições gravadas no rochedo de Dighton, nas margens do rio Taunton, Estado de Massachussete, em frase portuguêsa e latina, a seguinte prova:

Miguel Côrte-Real, pela vontade de Deus,
chefe, aqui, dos Indios. 1511.

Esta inscripção está autenticada pelo escudo de Portugal, para maior certeza.

Desde a Africa adusta e longinqua, onde o navegador-guerreiro Gaspar Machado, o primeiro naseido na Terceira, batalhou, quantos açoreanos partiram, derramando sangue, perdendo vidas, ganhando louros, vestindo honrarias?...

E' em Ceuta, a mais bela cidade da Mauritania, em Alcacer, em Azamor, em Çafim, em Mazagão, na Mina, em Armuz, em Diu, em Damão, em Gôa, em Cochim, em Malaca, em Bornéo, em Timôr; das praias de Vera Cruz ás florestas do Novo Mundo, á China, ao Japão... a toda a parte emfim...

Tribus selvagens, na primitiva barbaria, campinas agrestes, incultas, eriçadas de perigos, ameaçadoras de

febres, pasto de animaes ferozes, tudo dominaram, supportaram, venceram, com a coragem, a perseverança e o vigôr, a energia da velha alma portuguêsa, os açoreanos, os navegadores e guerreiros, soldados da Patria e apostolos da Fé.

Selvas americanas, desertos da India, florestas da Africa, regiões da China, ilhas da Oceania... a toda a parte iam os navegadores do Arquipelago!

Foram açoreanos os primeiros a romper a virgindade das aguas para além das suas ilhas, caminhando na esteira desconhecida d'além, semeando de cadaveres os turgidos vagalhões do Tenebroso.

Abraçados ás algas marinhas, dormindo o derradeiro sôno, quantos corpos de açoreanos, no abismo insondavel do Oceano, quando, impávido e altivo, Colombo passeou, triunfante, colhendo os louros do alheio esforço?!...

A esteira da India foi uma estrada maritima que contribuiu grandemente para o enriquecimento e progresso do Mundo; porque não só se desvendaram novos mercados, como novos ramos, novos mares, novos céus, novas estrelas.

Antes de 1496, João Coelho, saiu da Terceira, ofendido do capitão João Vaz Côrte-Real, e, em um navio que preparou á sua custa, foi em descoberta de novas terras, imitando os irmãos Nicolau Coelho, Egas Coelho e Duarte Coelho, segundo refere o *Espelho Cristalino,* manuscrito de Fr. Diogo das Chagas.

Companheiros de Gaspar Côrte-Real na primeira viagem ao norte em que se descobriu a Terra Vêrde, fôram João Martins, escudeiro e juiz dos orfãos em Angra e Manuel da Silveira, faialense.

De João Vaz Côrte-Real, pai duma geração de navegadores que figura ao lado dos maiores do Mundo, disse o dr. Gaspar Frutuoso, que ele foi tão esforçado cavaleiro e temido capitão que nunca deu batalha no mar nem na terra que não vencesse, e tão bem afortunado que sempre tomou aos castelhanos as maiores presas que neste reino de Portugal se tomaram a eles. Que, vindo do descobrimento da Terra Nova do Bacalhau, que por mandado d'el-rei foi fazer, lhe foi dada a capitania d'Angra e de S. Jorge.

Narra o investigador dinamarquez dr. Sofus Larsen, o sabio director da Biblioteca de Copenhague, que, em 1472, dois almirantes dinamarqueses, Pining e Pothorst, com o piloto Scolvus, norueguez, foram, acompanhados dum português, que, naquele tempo, empreendia viagens nesse rumo, ao Novo Mundo; o que é confirmado pelo padre Cordeiro na *Historia Insulana* referindo a viagem de João Vaz naquela epoca.

Num atlas português, de 1534, se encontram, nos territorios do Labrador, diversos lugares chamados João Vaz, Terra de João Vaz, bahia de João Vaz, segundo afirmação do dr. Larsen. Num globo terrestre de 1537, e que actualmente se encontra em Zerbst, no ducado de Anhalt, obra de dois celebres geografos Gemma Frisius e Gerhard Mercator, se confirma esta opinião.

De Gaspar Côrte-Real, diz Antonio Galvão, que sahiu da Terceira com dois navios, á sua custa, e descobriu a Terra Vêrde. As cartas de Pietro Pasqualigo, o embaixador de Veneza e padrinho de D. João III, e Alberto Cantino e os portulanos de Maggiolo e de Harrisses, confirmam.

«No genio audacioso da navegação, disse um escritor,

revelam, os açoreanos, aquela grandesa d'alma que lhes é tipo tão peculiar, aquele grande animo que sentem palpitar. Que nobre e justificavel ambição e amor do progresso e perfeição pessoal esporêam e que sabem levantar-se, remontar o vôo e disputar, com o presente, a vitoria do futuro! Não é o refugo da plebe, não são vádios nem mendigos os que emigram, mas almas que sentem aspirações para o grande, artifices, camponezes, operarios inteligentes e activos».

«Na audacia genial das descobertas, escreveu outro, que extraordinarios homens eram os d'aquele tempo! Que feitos singulares praticavam! Com a maior singelesa d'alma se arrojavam num fragil lenho sobre mares desconhecidos, e, voltando á patria, dada conta de seus trabalhos, nem mais se ocupavam deles. Quando muito, nas longas noites de inverno, ao crepitante clarão da fogueira do seu lar, contariam aos seus descendentes ou visinhos algumas peripecias ou episodios dessas portentosas odysseias, cem vezes mais terriveis e cortadas de perigos do que a do famoso grego!»

Se por todos os oceanos passeou triunfante a bandeira sagrada das quinas, desde os gelos trementes do Norte ás ardencias causticantes do Sul, mãos açoreanas a empunharam gloriosamente; porque, da viagem dos descobrimentos dos Côrte-Reaes até á da circumnavegação de Fernão de Magalhães, açoreanos tomaram sempre parte que não é ignorada nem foi esquecida.

Foram açoreanos que primeiro pescaram o bacalhau nos bancos da Terra-Nova, que eles descobriram.

Se eles eram os mais arrojados e valentes baleeiros, especialmente os picoenses, ainda hoje considerados os fenicios do Arquipelago!

Os primeiros actos da colonisação portuguêsa em terras da America praticaram-nos os açoreanos, na pesca da baleia, labor que foi substituido em consequencia da utilisação do petroleo. Como recordação historica desse arrojado trabalho, se conserva uma canôa baleeira *Charles Morgan,* na quinta do milionario Green, em New-Bedford, segundo refere Antonio Ferro.

«No mar estão as nossas tradições, no mar está a nossa origem. Foram homens do mar nossos avós que á descoberta de novas terras mandou o infante de Sagres. Já sobre as nossas rochosas costas se levantou sobranceiro o esqueleto dos galeões. Ainda hoje os barcos de Vila Franca do Campo são os descendentes directos das velhas caravelas em que os portuguêses antigos faziam a derrota da costa da Mina e em que Bartolomeu Dies dobrou o Cabo Tormentoso, inicio das glorias e das miserias da Patria.

Ao mar está ligada toda a nossa historia de açoreanos, desde João Labrador e dos Côrtes-Reaes que descobriram a America do Norte, até aos miseros aventureiros que, nos meados do seculo passado, foram em navios açoreanos demandar terras da Australia. No mar está a solução das lutas mais terriveis de que os Açôres foram testemunha e teatro, desde as rapinas dos piratas ao norte d'Africa aos do norte da Europa, até á batalha de vila Franca e á da Praia da Victoria. E' o mar que nos recorda os antigos tempos das nossas prosperidades, quando centos de veleiros, de grandes paineis, singravam, entrando e saindo das nossas bahias e portos levando os preciosos carregamentos de laranja, os bojudos cascos de vinho, os abundantes moios de cereaes, a ir transformal-os, pelo mundo fóra, em ouro ratilante, em abundancia, em rique-

sa.» Disse o dr. Armando Narciso, na conferencia da Sociedade de Geografia.

Os açoreanos cruzaram os mares em caçadas dificeis e aventuras temerarias.

E quantos pereceram nessas arriscadas viagens! Quantos foram semeados pela imensidade do oceano, cujos nomes serão sempre ignorados, porque os não arquivaram os diarios nem relataram seus cometimentos as cronicas.

Devia ser açoreano aquele cosmografo celebre, Ruy Faleiro, que se propunha acompanhar Fernão de Magalhães na sua viagem á roda do Globo, onde foram dois açoreanos; mas que enlouqueceu em Hespanha, antes da partida. E devia ser açoreano porque, na cidade de Angra do Heroismo, ainda se conserva o seu nome numa rua velha d'onde se desfruta o panorama maritimo da bahia.

João Fernandes que, segundo Cordeiro, foi o primeiro a sair do Pacifico pelo Estreito de Magalhães, cujo nome deu a uma ilha fronteira ás costas do Chile—ilha de João Fernandes—entrou ainda, ao lado de Dinis Dias, no reconhecimento das costas da Senegambia.

Embalada repetidamente pelas oscilações arteriaes da terra, muitas vezes acalentada pelo fogo dos vulcões, adormecida no canto do mar, convivendo com o perigo, de continuo, a alma açoreana se temperou para as aventuras e se arrijou para a luta.

E', o marinheiro açoreano, um verdadeiro homem do mar! Despresador de perigos, afronta os elementos, desfazendo as lendas, vencendo as traições, a fome, a deficiencia de instrumentos nauticos; suportando os mares revoltos,

os vendavaes rijos, as cerrações negras; o gelo dos polos, o sol dos tropicos; ele foi a toda a parte, ora acompanhando os grandes capitães, ora capitaneando as pequeninas naus; acompanhado ou sósinho, fitando o céu alto, medindo a posição das estrelas, devassando o vôo dos passaros, eles foram, pioneiros humildes e obscuros, talhando, na terra e no mar, os limites, as fronteiras de Portugal.

Como podiam temer o oceano, recear a morte, os nossos avós, se, ainda hoje, em nossos dias, ha quem se aventure, em barquinhos de papel, atravessar noventa milhas sobre o profundo Atlantico!

COLONISADORES

Apostolos e colonisadores

A epopeia d'outr'ora, a bíblia do passado,
Que lagrimas de fogo em sec'los tem gerado.

GUERRA JUNQUEIRO

LOGO com os primeiros colonos que aos Açôres aportaram, vieram frades da ordem de S. Francisco que iniciaram uma larga sementeira de Fé edificando os alicerces gigantescos duma civilisação cristã, ensinada e defendida na prégação e exemplificada pela sua vida de trabalho e abnegação admiraveis. Eram, então, os conventos, fócos de instrução, asilos de mendigos, escolas e albergues, templos e hospitaes, onde, a par dos remedios e curas, se dispensavam todos os auxilios necessarios aos povos.

E, como fructo colhido, rapido e benefico, dessa prodigiosa sementeira civilisadora, vemos, logo nos alvores da

colonisação açoreana, exemplos salutares dela, nas legiões que partiam, de continuo, para longe... para o Desconhecido; abandonando a tranquilidade, o conforto de seus lares, a patria, a familia, para se envolverem nos perigos e lutas da barbaria, domando selvagens, vencendo a ferocidade humana nos primitivos tempos, desbravando terrenos e almas, edificando templos e casaes, acendendo o facho evangelisador do Cristianismo na escuridão pavorosa da noite social.

Bento de Gaes, filho da ilha de S. Miguel, abrasada o coração na chama ardente dum amor imenso, deixa o nome de familia, Luiz Gonçalves, despe a cota dura de guerreiro que troca pela estamenha grosseira do apostolo, a armadura d'aço pelo burel de lã, a espada da luta pelo crucifixo da paz, e lá vai... missionario da Cruz, desde Lahore, no Punjab, até Sou-Tcheou, na China, atravessando perigos sem conta, vencendo obstaculos sem numero, de Kaboul a Talikhan, a Yarkand, a Khamil, rompendo o temivel Afghanistan, Boukara, Badakhchan, Kachgaria, o Turkestan Oriental, os desertos imensos de Gobi, as abruptas faldas do Pamir, os seus cumes ou planaltos de cinco mil metros d'altura onde a respiração é dificil, as asperesas de Takarik, as margens insalubres do Tanghetar, rio, os precipicios de Tengi-Badakhchan, as neves de Tchitchiklik, e tudo vence, para entrar no seio desejado do Turkestan Oriental—no Cataio, emfim!—evangelisando, difundindo o raio civilisador, em pleno seculo XVI.

Foi tamanha a audacia que, só passados dois seculos, a repetiram, já quando todos os recursos da civilisação proporcionavam meios de transporte facil.

João Baptista Machado, terceirense, despresa a riquesa herdada de seus paes, enverga a roupeta grosseira do

missionario, faz a sua aprendizagem no colegio de Arima, e vai, com a cruz de Cristo, emblema da Fé, sinal com que seus ascendentes haviam partido para o mar mostrando-a ao Céu e ás novas estrelas, agora a planta-la na terra e ensinal-a aos homens. Entra nas cidades de Meaco e Fuximo; de Nangazaqui, vai ás ilhas de Gotto, á cidade de Omura, prégando a fé de Cristo, exemplificando o amor dos homens, e morre no carcere de Cori, sorrindo de bondade e esperança no Céu.

Antonio Ferreira de Neiva Brum, da ilha do Faial, é feito arcebispo de Gôa e lá vai a pastorear o povo, com tamanho exemplo d'amor e abnegação que morre em fama de santidade. Os seus pobres e desvalarisados moveis são disputados como reliquias preciosas, tamanho foi o exemplo de suas virtudes (1720).

Bartolomeu do Pilar, da ilha de S. Jorge, recebe, das mãos do Cardeal Conti, nuncio apostolico que mais tarde foi coroado com a tiara do Vaticano e o nome de Innocencio XIII, as insignias doutoraes de teologo; e, sendo examinador synodal do bispado de Pernambuco, é elevado, por seus merecimentos, á mitra do Grão-Pará e sagrado nesta dignidade pelo patriarca D. Thomaz d'Almeida. Deixou publicados varios sermões.

Afonso Benevides, em 1629 eleito custodio do Mexico, caminha pelas Indias Ocidentaes, com quarenta e nove religiosos, na tarefa civilisadora do gentio; e, um ano após, contava em sua volta, para o cristianismo, quinhentas mil almas. Eleito bispo de Meliapôr, vai em companhia do arcebispo de Gôa D. Francisco dos Martyres e morre em viagem (1639).

Cristovam da Silveira, terceirense, em 1614, reitor do Colegio de Coimbra, nomeado arcebispo de Gôa, Primaz

da India, lá partiu na armada de que era capitão-mór Correia d'Eça, e jáz sepultado na catedral de Gôa sob inscripção honrosa que bem demonstra os seus assinalados serviços. Escreveu e publicou algumas obras.

Bartolomeu de Quental, micaelense, prégador eminente, sabio e bondoso, regeitou sempre, com humildade, a mitra de Lamego, deixando uma riquesa de eloquencia dispersa em seus sermões modelares.

Duarte Tavares, feito voto religioso em S. Vicente de Fóra, parte para estranhas terras, missionando povos, vindo a falecer em Genova, numa aureola de santidade.

Manuel Pinheiro, micaelense, enverga, aos desesete anos, a roupêta de apostolo e parte para a India, 1598; entra no reino de Mogor e em 1617 evita o ncometimento de Damão e Diu pelas armas, poupando muitas vidas. Foi embaixador do vice-rei D. João Coutinho.

Antonio Bettencourt, micaelense, aos quinze anos vai para a India, entra nas missões evangelisadoras, reside em Gôa, pastoreando os povos, prega em muitos pulpitos e deixa publicadas varias obras.

Antonio d'Araujo, micaelense, vai aos sertões da joven America, 1632, e lá passa a vida evangelisando, edificando. Dele existem publicadas varias obras em latim.

Francisco Furtado de Mendonça, faialense, vai ao Japão onde viveu trinta e dois anos pastoreando o povo e convertendo milhares de creaturas. Homem sabio e de grande actividade, escreveu e publicou muitas obras, entre as quaes, uma em seis volumes, intitulada—*Hoan yu civen* e *De mundo y coelo,* na lingua synica. Morreu em Macau.

Antonio Taveira Brum e Frias, faialense, foi arcebispo primaz de Gôa em 1764.

Frei Alexandre da Sagrada Familia, faialense, foi bispo de Malaca, de São Paulo de Loanda, e, por fim, bispo d'Angra do Heroismo. Foi o educador de Garrett, seu sobrinho, com quem conviveu alguns anos. Estando em Brancanes, Junot, que então dominava em Portugal, lhe enviou um oficio por dois ajudantes d'ordens, intimando-o a vir a Lisbôa para fazer parte da comissão que á França ia pedir rei para Portugal. Aos missionarios respondeu que levassem o oficio, que nem chegou a abrir, sabendo o conteúdo, porque *só reconhecia o principe regente D. João.* O mesmo não fizeram os demais a quem foi intimado o cumprimento desta missão.

Luiz de Figueirêdo e Lemos, da ilha de Santa Maria, foi deão da Sé d'Angra, em 1504 e bispo do Funchal onde conquistou muita estima deixando de si fama honrosa.

João Estacio, terceirense, foi lente da Universidade de Salamanca, distinção raramente concedida a um estrangeiro. Abandona, comtudo, as suas cadeiras de professor, enverga o habito de missionario, e eil-o partindo para as Indias de Castela, na tarefa apetecida de apostolisar, civilisando aquelas terras havia pouco descobertas. Discipulo do grande luminar que foi San Thomaz de Vila Nova, João Estacio se embarcou, penetrando em climas estranhos, nocivos, entregando-se devotadamente á conversão de milhares d'almas (1539-1553). Filipe II de Hespanha, reconhecendo o seu grande serviço á causa da Civilisação, o nomeia bispo da cidade de *Los Angelos,* no Mexico, cargo que, mui constrangidamente, aceitou, morrendo na vespera da sua posse. O povo bradava, na sua linguagem expressiva de sentimento pela morte do seu pastor e amigo: *Não foi bispo de Los Angelos, na terra; mas sel-o-ha dos Anjos, no Céu!*

Manuel Faria, terceirense, professor de retorica na

Universidade de Coimbra, em que foi eloquentissimo, embarcou para Angola, no intuito de pastorear os etiopes a quem converteu para a religião do Crucificado.

O padre Carlos Silveira, faialense, vai para o Maranhão, empenhado na sua tarefa propositada e expontanea de converter gentios, e lá morre entre eles, em meio de suas prégações.

Nicolau Teixeira, jorgense, parte para o Maranhão com uma leva de portuguêses, no empenho de colonisar aquele territorio imenso, carente de civilisação.

João Teixeira, parte para a India Oriental, em 1673, a evangelisar o gentio.

Pedro Cordeiro Spinosa, terceirense, foi deão da Bahia e desembargador dos agravos, recusando a prelazia do Rio de Janeiro. No seu espolio se encontraram muitos manuscritos versando assuntos varios; mas desappareceram.

São tantos os nomes de açoreanos que, em todos os tempos, se teem empenhado na missão civilisadora do apostolado e da edificação social, que os não comporta um simples capitulo; porque encheriam volumes.

Pois se, ainda em nossos dias, surge, lá fóra... nos confins do Mundo, onde Portugal conserva sua bandeira e dominio, no Padroado Luzitano do Oriente, uma figura de Açoreano, o dr. João Paulino, filho da ilha do Pico, elevado, por merecimento proprio, a bispo de Macau, e que tanto iluminou a sua passagem pela terra. Vai a Singapura e edifica o grande monumento, esse templo magestoso de S. José da Missão Portuguêsa, amplia e desenvolve as escolas de ensino em Malaca, em Timor, em Coloane; estende a sua ação civilisadora e faz progredir Siack-Key, Shin-Hong, Sui-Hang, Yan-Peng, Hoi-Peng, Oe-San, etc. criando

escolas, ampliando-as, desenvolvendo a civilisação e estendendo o dominio português.

E, continuador da sua obra, e grande auxiliar dela, outro bispo picoense, D. José da Costa Nunes, ainda na pujança da vida e do talento, fundador da revista *O Oriente;* escritor, orador distintissimo, missionario tão considerado do Vaticano, que o proprio papa lhe concedeu a honra de ofertar a sua fotografia em grande formato com palavras traçadas por seu proprio punho e que são o maior elogio da sua obra de missionario.

Diogo Pereira, faialense, o grande amigo de S. Francisco Xavier, foi o primeiro português que entrou no Japão. Dele refere Fernão Mendes Pinto, que, viajando com S. Francisco, de Sanchão para Malaca, em 1551, se ofereceu para as despesas necessarias á pastorisação da China onde o santo pretendia estabelecer sua acção civilisadora. Diogo Pereira não só poz, imediatamente, á disposição de Francisco Xavier, trinta mil cruzados, como contribuiu, do seu bolso, com o valor da oferta ou presente que o vice-rei da India mandaria ao rei da China, segundo a praxe, e almiscar e sedas para presentear entidades de posição chinesa, etc. Não completou, o santo, a sua viagem; pois que partindo a 9 de Novembro de 1552, a 2 de Dezembro falecia. Diogo Pereira presta ainda ao seu cadaver a homenagem merecida, bem honrosa para o nome açoreano: manda fazer uma tumba *forrada de damasco e coberta com um grande pano de brocado,* para trasladação do corpo, desde Malaca para o seu tumulo.

Antonio Silveira Peixoto, o *bandeirante,* era faialense. Nas levas de açoreanos que continuamente partiam para terras estranhas, se embarcou para São Paulo e estabeleceu-se no Paranaguá onde conseguiu enriquecer. Porque

não era a ambição de dinheiro o que ali o levara, não voltou á sua terra natal; alista-se nos exercitos da exploração sertaneja, e parte ousadamente para a conquista do Tibajy, comandando, elle proprio, uma expedição arriscada. Vai, do Rio de Janeiro ao Pitinga, atinge o porto do Salto, onde estabelece os fundamentos duma povoação a que chama N. S. da Victoria e hoje denominada União da Victoria; caminha mais avante, na esteira da corrente do Registo, com doze soldados, cortando matos, vencendo perigos, desbravando terrenos, colonisando, emfim; pois que o intento de uma grande parte dos que partiam para as terras desconhecidas, não era a ambição da riquesa, mas o zelo civilisador da colonisação.

Imitando os navegadores antigos na desfloração das aguas, o *bandeirante* Peixoto, como tantos outros açoreanos, se embrenha por matos e florestas na desvirgação das terras, caminhando pelo interior temivel desse Brasil imenso, ora subindo ao cimo das arvores seculares para observação da esteira a seguir, ora atravessando despenhadeiros, gargantas de rios onde não passava a sua embarcação, tendo que construir lenho especial para ir ávante, cortando troncos para tal, dando combate, algumas vezes, sem nunca desistir do seu proposito de exploração.

Em treze mezes de marcha, o *bandeirante* Peixoto conquistou, para os dominios da corôa de Portugal, quatrocentas leguas de terreno, asseguradas no tratado de limites com a corôa de Hespanha; á sua custa, sustentando-se durante a viagem com caça e pesca, chegando por vezes a comer postas de cobra!

Foi uma odysseia assombrosa de heroismo, coragem e bravura a do *bandeirante* açoreano, cujo nome merece uma epopeia de gloria, em monumento erguida.

Francisco do Canto, terceirense, taes serviços prestou no Brazil que o governador geral em 1549, Thomé de Sousa, escrevendo ao pai, dizia: «Eu não sei como falar dele a v. mercê, senão que saibaes certo que tendes o mais honrado filho e mais para tudo, do que tem homem neste reino. Se lá ouvirdes dizer que eu cá fiz uma cidade, ele a fez».

Miguel d'Arriaga, faialense, o ouvidor de Macau, funda escolas, colegios, desenvolve o comercio, fomenta a emigração de chinezes para o Brazil, á cultura do chá; arma navios, á sua custa, com setecentos homens a quem paga, e cento e vinte peças; submete, na embocadura do rio Hiang-San, o chefe dos piratas *Cam-pau-sai*, o *tigre dos mares* que, com duzentas e setenta embarcações, mil e duzentas peças e sete mil espadas, invadia os mares e dificultava o transito comercial.

Desesete mil homens se rendem ao seu mando e se submetem ao dominio português. A paz se estabeleceu então e os mares se varreram do terror permanente em que estavam desde muitos anos.

Miguel d'Arriaga era a personificação do altruismo e da bondade. O povo o denominou o *Pombal de Macau*, vestindo qesado luto durante um mez, pela sua morte.

A colonisação do vastissimo territorio brazileiro, *a mais vasta e mais perfeita colonia de todas as nações do Mundo*, foi obra de açoreanos, na sua maior parte; foi obra de portuguêses na sua totalidade. Afonso Celso, a gloria literaria da grande Republica Brazileira, disse: «A historia não regista noticia dum povo que, com menos recursos, mais fizesse do que o português. Larga é a sua contribuição para o progresso humano que nunca empeceu. Subjugou o mar tenebroso, dilatou o perimetro aproveitavel do

planeta; e, sendo um dos mais diminutos e menos povoados reinos da Europa, formou esse colosso—o Brasil. Onde quer que os portuguêses fixem domicilio, na Asia, na Africa, na Oceania, dão belos exemplos de união, patriotismo, amor ao trabalho, filantropia; elevam monumentos á caridade e á instrução. Em parte nenhuma é infecunda a sua passagem.»

Das nove ilhas do Arquipelago partiam constantemente casaes para a grande obra da colonisação desse grande imperio. Um decreto de D. João autorisa a partida de quatro mil casaes para terras de Santa Cruz. E eles lá partem, amontoados em frageis navios veleiros, á mercê dos ventos.—*Jesus Maria Joseph, S. Francisco Xavier,*—capitaneados por Manuel Rodrigues e Francisco Ribeiro da Costa, cruzam amiudadamente os mares na tarefa condutora de colonos.

Cerca de deseseis mil açoreanos, homens, mulheres e creanças, se embarcam e se estendem pelas praias desertas, e pelas florestas espessas, pelos sertões agrestes e pelas montanhas alcantiladas, onde a vida periga no contacto das gentes e dos animaes bravios, nas febres palustres arremessadas pelos pantanos e pela insalubridade do clima.

Sessenta casaes para cada lugar, indicado pelos governadores, e a cada casal se entregava um quarto de legua, em quadro, á sua guarda, e arroteamento, duas vacas, uma egua, dois alqueires de sementes, uma espingarda, uma foice, duas enxadas, um machado, uma enxó, um martelo, um facão, duas facas, duas tesouras, duas vassouras, uma serra. Para cada lugar quatro toiros e dois cavalos.

Não ha, em todo o vastissimo territorio brazileiro, povoado algum, cidade ou vila, edificação, monumento, tudo quanto exija trabalho, esforço, energia, que não tivesse a construil-os, a cimental-os, braços rijos de açoreanos, suor, sangue, ossadas, cinzas de laboriosos filhos do Arquipelago.

Pelo Pará, Maranhão, Pernambuco, Espirito Santo, Bahia, Porto Seguro, Rio de S. Francisco, Rio Grande, ilha de Santa Catarina, das Guianas ao Rio da Prata, a toda a parte foram, em toda a parte semearam religião e costumes, edificaram, combateram, deram sangue, suor, lagrimas, ossos, cinzas—alicerce indispensavel da Civilisação.

Quantos milhares das familias que hoje habitam e povoam as terras de Santa Cruz, tiveram berço nas ilhas Açoreanas!

Em 1648 partem, da pequenina ilha de Santa Maria, a pedido do Conde de Castanheda, do conselho d'el-rei, cem casaes de quinhentas pessôas para o Maranhão.

Em 1677 é o padre Carlos d'Andrade quem acompanha os colonos que Jorge Goulart Pimentel, capitão-mór da ilha do Faial, mandára ao Grão-Pará.

Foram trinta e quatro casaes açoreanos os primeiros povoadoras e colonisadores do Rio Grande do Sul, o *Jacuby* brazileiro, o *Iguassú* dos aborigenes, entre os quaes iam faialenses, terceirenses e jorgenses, com apelidos de familias que ainda lá existem a atestar a colonisação açoreana.

E foi tal a corrente emigratoria, especialmente da Terceira, que originou o alvará de 4 de Julho de 1758, prohibindo expressamente a saida de pessoa alguma sem motivo justificado.

A emigração açoreana foi a maior riquesa das terras que a receberam!

Em 12 d'Abril de 1617 se publicou a carta regia dando a Jorge de Lemos Bettencor permissão para meter, á sua custa, na conquista do rio Pará, duzentos casaes, de gente açoreana, ao todo de mil pessoas, com promessa da nomeação de capitão-mór de Pernambuco. Efectivamente em 11 d'Abril de 1619, chega ao Maranhão a expedição de Jorge de Lemos Bettencor que partira da ilha de S. Jorge a 13 de Dezembro de 1618, para colonisar o Pará. Comandava-a o capitão Simão Estacio da Silveira que em 1618 havia publicado uma memoria *Intentos da Jornada do Pará — Relação sumaria das coisas do Maranhão.*

Em 1748-1750 chegaram á ilha de Santa Catarina quatro mil quatrocentos sessenta e um açoreanos. Era governador o brigadeiro José da Silva Paes. Sujeitaram-se a um verdadeiro regime de caserna, dizem as cronicas coevas. — *Foram ignobilmente oprimidos, explorados e expoliados.*

O padre Lazaro Nunes de Sousa, da Calheta de S. Jorge, e que foi vigario do Cabo da Praia na Terceira, numa viagem que fez a Jerusalem, em 1704, foi aprisionado por turcos que o martirisaram no cativeiro que lhe deram no Chipre.

Em 1675 enviou Jorge Goulart Pimentel, cincoenta casaes de duzentas trinta e quatro almas para o Grão Pará. Em 1676 envia mais cincoenta casaes, no navio de que era capitão Manuel Rodrigues. Em 1677 outros cincoenta casaes. Neste ano Francisco Ribeiro da Costa, da Terceira, mandou as suas charruas *N. S. da Penha de França* e *S. Francisco Xavier*, á sua custa, na condução de colonos.

Por decreto real de 1648, datado de 12 de Setembro e assinado pelo Conde de Castanheda, se ordena a condução de cem casaes da ilha de Santa Maria para o Maranhão.

Em 1674 os navios *N. S. da Palma* e *S. Rafael,* capitão Manuel do Vale, sendo governador do Maranhão Pedro Cesar de Menezes, conduzem cem casaes para o Pará, enviados por Jorge Goulart Pimentel.

Roberto Ivens, o explorador da Africa, que, de braço com Brito Capelo, devassou os pontos ainda não conhecidos das terras africanas, indo de Loanda a Moçambique, era açoreano, natural da ilha de S. Miguel. Desta viagem escreveu o geografo alemão *Winchamam:* «Nenhum documento enriqueceu tanto a costa d'Africa como a exploração de Capelo e Ivens».

Frei Antonio Pires do Canto, terceirense, taes serviços prestou nas lutas contra os infieis, que, em 1557, recebia a comenda de S. Cosme d'Azera.

O padre Francisco Furtado, faialense, que, partindo a evangelisar as gentes, em 1539, entra no Japão onde durante trinta e dois anos pratica a caridade entre povos ignorantes, finando-se em meio da luta civilisadora, é citado por muitos autores como um grande apostolo. Dele existem algumas obras entre as quaes umas escritas na lingua chinesa.

O padre Antonio Araujo, micaelense, que em 1560 partiu para sertões inhospitos das grandes Americas, a converter gentios, lá passou a vida trabalhando e escrevendo um livro que foi traduzido em varias linguas—*O Catecismo brasilico.*

Frei Braz Soares, micaelense, parte para as Filipinas

em 1610, em missão de pastor d'almas, recebe o habito da ordem dos prégadores; e, enviado a Roma, em missão espinhosa, é preso na Curia, victima das intrigas de colegas que a inveja aconselhou.

O padre Manuel Teixeira, jorgense, entra na companhia de Jesus e pede para ir ao Maranhão em tarefa civilisadora. Em Coimbra havia sido professor de filosofia.

O padre Francisco Ribeiro, faialense, morre, heroica e gloriosamente, missionario do Oriente.

D. Francisco de Lemos Pereira Coutinho, o reitor da Universidade, em 1772, e reformador dela, bispo de Coimbra e Conde de Arganil, era filho dos faialenses Antonio Pereira Sarmento e D. Jacinta Clara Xavier Lemos Coutinho.

Filho de Gaspar Côrte-Real, o descobridor da Terra Verde, precursor de Colombo na descoberta do Novo Mundo, era o bispo de Lora que usava o cognome paterno.

Frei Francisco de Mont'Alverne, o grande orador brazileiro do seculo XVIII, era filho de naturaes da ilha do Pico, como diz a *Revista Contemporanea de Portugal e Brazil*, tom. II. num. 9 e seguintes, como nota o dr. João Teixeira Soares.

O padre Antonio Alvares, faialense, que foi conego na Catedral do Grão Pará, onde evangelisou, entregando-se tambem ao estudo da lingua, compondo nela — *Vocabulario ou Dicionario*, muito se distinguiu.

O dr. Manuel Bernardo de Sousa Enes, professor dum colegio, conseguiu a sua formatura em teologia, e foi lente catedratico passando á Bahia onde recebeu a nomeação de

bispo de Macau. 1873. Era filho do Topo da ilha de S. Jorge.

Manuel Corte-Real de Sampaio, terceirense, taes feitos praticou na India que chegou a ser governador de toda ela; e, sendo nomeado vizo-sei, morreu antes que do cargo tomasse posse.

São tantos os nomes d'açoreanos que figuram ao lado e ás ordens de Afonso d'Albuquerque e de D. Francisco d'Almeida, que encheriam um capitulo; Deles disse a *Historia da Colonisação:* «Capitães da Asia, fidalgos de maior ou menor gerarquia, veteranos das campanhas do Malabar e de Malaca, que haviam pelejado sob as ordens de Afonso d'Albuquerque e sob a autoridade de D. Francisco d'Almeida, ocupam o primeiro plano do prefacio historico da colonisação».

Hontem como hoje; ha tres seculos como em nossos dias: O dr. Jorge Monjardino, terceirense, medico-cirurgião distintissimo, no Brasil, exerce a sua clinica proficientemente, publicando artigos e volumes sobre curas dificeis, como o *Cancro do Utero,* fundando na grande capital brasileira instituições grandiosas e de elevado sentimento humanitario e patriotico, como a *Obra de Assistencia aos portuguêses desemparados,* (1921) o *Hospital Visconde Moraes* (1927); e, em projecto, outras instituições de incontestavel merito que tanto enaltecem o seu nome e a sua terra.

Mgr. Henrique Ribeiro, da ilha das Flores, que na grande California desenvolve a sua actividade civilisadora, fundou esse grande monumento que é a egreja de S. José.

E se podessemos para aqui trasladar toda essa obra

de colonisação e arroteamento, agricola, industrial, que por açoreanos tem sido empreendida e sustentada na California, esse mundo que um português desvendou e que açoreanos, principalmente, teem edificado!

São estreitos os limites dum capitulo para assunto que exige volumes.

Apresentaremos apenas dois nomes de açoreanos: Wiliam M. Wod, o grande industrial que reunia sessenta fabricas onde trabalham quarenta mil operarios e é o presidente do *American Woolen Company;* e Joaquim da Silveira, vice-presidente do *Trust American Bank,* que é o português mais rico da grande California, possuindo mais de dois milhões de dolares.

Francisco de Paula Borba, o medico terceirense que em Setubal assentou a sua vida clinica e tem dispensado a sua energia admiravel de dedicação e bondade, fundando hospitaes, azilos, balnearios e toda a sorte de conforto e amparo aos desvalidos e enfermos, que exemplo de abnegação!

Francisco Machado Vieira, o eremita terceirense, o solitario do Monte da Gruta, em 1894 parte, da Praia de Nazareth, a pé, para Valencia, Alcantara, Toledo, Madrid, Alcalá, Saragoça, Barcelona, e vai até aos Pirineus Orientaes, Marselha, La-Salete; entra na Italia, atravessando os Baixos Alpes, sobre neve, chega a Genova, Civitta-Véechia, penetrando, finalmente, na cidade do Papa —Roma. Durante a longa travessia pedestre se alimenta simplesmente de pão e agua, calça umas alpercatas de corda, e embrulha-se num chale de lã em que se envolve durante o sono, dormindo as noites sobre a relva e sob o tecto das estrelas.

O dr. Pinto da Rocha, falando de açoreanos, na saudação que dirigiu aos irmãos Monjardinos, filhos da ilha Terceira, disse:

«Ha, por isso, uma ligação intima das vossas almas. Vós sois açoreanos eu sou rio-grandense; quem poderá asseverar que não corre nas minhas veias sangue de algum dos vossos antepassados; quem sabe se não foi das vossas ilhas que saiu o velho fundador da minha familia, se um dos quarenta casaes açoreanos embalou no exilio o berço d'algum d'aqueles emigrantes e sonhadores que vieram fundar nas cochilas do Tampa o lar dos seus avoengos?»

Vespucio d'Abreu, falando no Congresso Nacional dos E. U. do Brasil, na sessão de 26 de Junho de 1924, assim se exprime:

«Como brasileiro, amo o meu Rio Grande do Sul, pelos exemplos de civismo que sempre tem dado em todas as emergencias, em todas as fases da vida nacional. Amo o Rio Grande do Sul, rememoro a sua exploração pelos *bandeirantes,* seu povoamento por açoreanos e a conquista de quasi dois terços do seu territorio pelos bravos descendentes de seus tenazes colonisadores».

Dum bandeirante açoreano falámos; mas não foi, decerto, o unico filho dos Açôres que a taes aventuras se arriscou; muitos e muitos, como ele, iriam, sem duvida, nessas romagens audaciosas de aventuras, nos territorios inhospitos do Brasil a cuja colonisação démos o maximo do nosso esforço; mas a historia só fala dos que vencem esquecendo os tantos que dão a vida, que se perdem, nessas lutas, ingloriamente.

Os bandeirantes! deles escreve o grande brasileiro sr. Conde Afonso Celso:

«Ha poesia, e grandesa imensas, indomavel energia, tenacidade incomparavel, nesses bandos de aventureiros, que, sem itenerario, sem bussola, sem abrigo, guiando-se pelo curso dos rios, pelas altas montanhas ou á lei do acaso, alimentando-se dos produtos da caça e da pesca, dormindo ao relento, navegando em jangadas, transpondo cachoeiras, paues, abismos, florestas invias, sitios quasi inacessiveis, arrostando féras, reptis, selvagens, antropofagos, astutos e vingativos, debelando perigos mil vezes mais formidaveis que os do Oceano desconhecido, atravez febres, naufragios, desastres, ferimentos, guerras, sacrificios constantes, lá se iam á conquista do remoto sertão misterioso!

«Não os detem ou amedrontam barreiras e contratempos: chuvas, secas, frios. Se nada encontravam para comer, roiam raizes que, não raro, toxicas, os matavam no meio de sofrimentos atrozes. Disputavam o terreno palmo a palmo. Mascavam ervas, sugavam o sangue de animaes mortos, quando a agua faltava. Não paravam para tratar dos enfermos ou feridos. Os que não podiam seguir ficavam abandonados nas matas. Expedições inteiras, compostas de centenas de pessoas, partem e não voltam: desapparecem, sem deixar o minimo vestigio. A partida efectua-se sempre sem esperança de regresso. Impossivel para os que partem mandar noticias aos parentes e amigos que os não acompanham.

«Uma ou outra vez acampam; semeiam cereaes; fazem a colheita, e proseguem na aspera jornada, sem destino certo. E' uma cidade que viaja, observa um escritor: homens, mulheres, crianças, animaes domesticos, formando uma comunhão erratica, segregada do resto do mundo, passando mezes e anos nas selvas, totalmente livre,—comunhão, onde não se observa lei alguma escrita, afeita á resignação e sobriedade extremas, descuidosa e imprevi-

dente; que não conta o tempo ou perde a noção dêle; que ás vezes adopta os costumes e as crenças dos indios, e em cujo seio ocorrem tragedias obscuras e horriveis.

«E, obstinados, sem desanimar ante inumeras catastrofes, percorrem o interior do Brasil, durante um seculo inteiro, descortinam regiões enormes, realisam excursões, difficeis ainda hoje, com todos os recursos da civilisação, fazem vêr a face dos brancos onde ela jámais aparecera e nunca mais apareceu. Atravessam o continente, chegam aos Andes, ao norte do Paraguay, ás cordilheiras do Perú, quebrando extraordinarias resistencias, reduzindo os indigenas á escravidão, expulsando os hespanhoes do territorio português, sustentando longas e sanguinolentas campanhas, descobrindo o ouro e os diamantes.

«Minas Geraes, Goyaz, Mato-Grosso, e oeste de S. Paulo foram explorados, sem intervenção do governo, graças á audaz iniciativa deles.

«Quantos uteis roteiros não organisaram! A quantos lugares, montes, rios, não deram nome! Que de formosas lendas, provenientes das suas façanhas, não ataviam a imaginação popular!

Os bandeirantes!—eis a nota galharda e rubra dos nossos anaes».

Avalie-se, d'aqui, o sacrificio açoreano na desbravação do Brasil.

Quantas lutas não foram necessarias para contêr os avanços, dominar os impetos, vencêr os instintos, domar a ferocidade, reprimir as maldades, perceber as traições de tamoios, guainazes, tapinambás, tapiniquins, aimorés, goiatacases, carijós, todas essas hordas selvagens, bravias, habitantes das florestas e senhoras de brejos e montanhas —reis das selvas!

«Entre os abismos do mar e das florestas, aqueles centos d'homens: santos, criminosos, martires, guerreiros da Asia, degradados, aventureiros, lutam contra a Natureza adversa, o clima devorador, o antropogafo ascoroso, e domam o canibal e dominam a selva. Sangue, lagrimas, fome, suplicios, martirios». Escreveu algures um alto espirito.

Da America ao Brazil, do norte ao sul; onde os raios solares carbonisavam seres e onde os gelos do polo petrificavam almas! Ahi foram batalhar, edificar, colonisar, os filhos dos Açôres, como bons portuguêses, operarios da Civilisação, ao lado dos maiores que o mundo viu!

Formaria altas montanhas, colossos d'altura, o ossoario açoreano espalhado por esse mundo, como alicerce civilisador!

Interior e margens desse Brasil imenso, do Amazonas ao Rio da Prata, do Cabo Frio aos campos de S. Paulo; da America virgem; da Africa adusta; da Asia longinqua, tudo palmilharam açoreanos, quer envergando a cota de guerreiros, quer vestindo a estamenha de apostolos, quer rompendo a blusa de marinheiros; ora empunhando a enxada, a picarêta, o malho, de operarios, ora manejando o cinzel e o escopro de artistas, ora erguendo a cruz da religião de seus paes, ora brandindo a espada dos seus triunfos, traçando com ela os limites duma patria que ao mundo deu leis e ensinamento.

PATRIOTAS

Patriotas Açoreanos

Cavaleiro e pastor, lavrador e soldado,
Seu torrão dilatou, inhospito montado.

GUERRA JUNQUEIRO

OS açoreanos não foram, simplesmente, os guardas, vigilantes e atentos, nestes rincões — postos avançados de Portugal — defendendo as riquesas tentadoras que da India vinham e aqui esperavam o comboio auxiliar das armadas que á capital as levavam. Aqui, na Terceira, se forneciam, provendo-se do necessario, chegando, por vezes, a despovoar as manadas, a enfraquecer os rebanhos e esvasiar os celeiros, para que nada faltasse aos navios portuguêses, como ainda se enviavam mantimentos para os exercitos que, longe, nas Africas e nas Indias, combatiam para dilatar os dominios de Portugal, onde nunca faltou o braço e o esforço de açoreanos.

Não era só o sangue dos filhos do Arquipelago que partiam, a regar terras selvaticas, domando e vencendo povos barbaros, era, tambem, o suor dos que ficavam, regando, por sua vez, o proprio solo, para alimento de guerreiros e indispensavel auxilio da sua manutenção nos logares arriscados onde levavam o nome e o simbolo da Patria.

O patriotismo açoreano não se limitou, nunca, á fidelidade devida pelo amor natural á patria-mãe; ele se manifestou, cada dia e sempre, na luta porfiosa, na terra e no mar, com corsarios de varias nacionalidades que infestavam nossas praias e enseadas, quaes lobos sedentos de sangue, uivando como chacaes, á caça das naus. Legiões enormes e aguerridas atacavam os povoados, para o saque, para a rapina.

Em 1566 gastou a ilha Terceira cerca de novecentos kilos de polvora para repelir destas aguas o famoso pirata Caldeira. Em 1597 estiveram sobre a ilha cento e quarenta velas inimigas. Os corsarios registavam, como façanhas valorosas, os assaltos, os roubos que praticavam.

Em 1708, o pirata francez Du Guay-Trouin, mandou saltar em terra o conde de Arquion, com setecentos homens, na vila das Velas, roubando tudo que encontraram nas casas abandonadas pelo terror. Cumberland, o famoso conde inglez, cae sobre as ilhas com as suas naus, atacando S. Jorge, Graciosa e Flores (1589). O conde Essex, com Roleigh e Haward, numa armada de cento e cincoenta velas, assolando Flores, Faial e Pico.

Então os Açoreanos se armavam, á sua custa; e, á custa do seu sangue e com sacrificio da propria vida, defendiam e comboiavam as grandes naus onde as riquesas deslumbrantes do Oriente eram levadas a caminho da me-

tropole, conduzindo-as a guarda açoreana, ciosamente, até ao regaço ambicioso da Patria que perdulariamente as dissipava em faustos e prodigalidades.

No fim do seculo XVI, logo após a sua descoberta e colonisação, os Açôres deram a primeira e maior prova da sua lealdade patriotica, da sua fé inquebrantavel, na luta pela independencia e integridade nacional, não consentindo, a ilha Terceira, então cabeça e séde do governo das demais ilhas, que Filipe II de Hespanha aqui governasse como rei, recusando, altivamente, todas as promessas sedutoras de dinheiro e honrarias, *por nada trocando a honra e o dever jurado.* E viu-se, então, uma coisa espantosa, colossal, ingente, uma pequena ilha, isolada e desprovida, desajudada, em pleno Atlantico, resistir e vencer, num lance audacioso e arrogante que assombrou o Mundo, mantendo como rei o principe português D. Antonio, desbaratando ali, no campo da Salga, os terços valorosos do almirante D. Pedro Valdez, que em nome de Filipe II pretendia subjugar o unico ponto da Patria Portuguêsa que lhe resistia. No vale da Salga, que, como lençol macio de verdes esmeraldas, se estende até á pequenina bacia d'aguas onde ancorou a esquadra hespanhola, ficaram sepultados os que o arrogante e poderoso Senhor da Casa d'Austria enviara a este pequenino rochedo.

O heroismo duma mulher, a sua coragem e abnegação patriotica, contribuiram, grandemente, para a victoria, animando serviçaes e pastores, homens e mulheres, á defesa da leira abençoada, ao ataque dos invasores que a honra pretendiam macular. Essa mulher, maior que Filipa de Vilhena e que Brites d'Almeida, a *padeira d'Aljubarrota,* foi, nunca será demasiado repetir—Brianda Pereira.

Ao sobrinho do duque d'Alba, que a esta pretendia raptar, matou-o um tiro certeiro do lavrador Bartolomeu Lourenço, o marido valoroso.

E a bandeira esplendorosa das quinas, que fôra retirada de todos os edificios portuguêses, d'aquem e d'aiemmar, com orgulho era mantida num pequenino torrão, centro do Arquipelago Açoreano, fluctuando triunfante num periodo de dois anos em que a Terceira soube vencer, resistindo heroicamente, ao lado do maior português do seculo—Ciprião de Figueirêdo.

No vale da Salga, como em Aljubarrota:

A sublime bandeira castelhana
Foi derribada aos pés da luzitana!

N'esta batalha, em dia de S. Thiago, um monge de Santo Agostinho, Frei Pedro, aconselhou o povo que lançasse toiros sobre os assaltantes; e eles imitaram os elefantes de Pyrrho nas regiões dos romanos.

Quando em 1640, Portugal sacudia o jugo hespanhol, acorreu ao continente muito açoreano, a auxiliar a patria na ansia libertadora; entre eles se destacaram Diogo e Gonçalo Pereira de Lacerda, dos Cedros, que, expontaneamente, se oferecem á luta da restauração. Diogo Pereira, depois de se ilustrar na campanha do Alemtejo, vai para o Brasil, pelejar em prol da integridade portuguêsa; e, com seus companheiros, da nau *Rosario*, prefere fazer ir pelos ares o navio, a cair em mãos de inimigos holandêses. O irmão Gonçalo, após graves ferimentos, em campanha, onde recebe deseseis golpes, é encontrado, desfalecido e exangue, debaixo de numerosos cadaveres.

Antonio Silveira de Lacerda, é dos raros que á Terceira vem a auxiliar a causa da restauração, e em 1658 si-

tiou Badajoz, distinguindo-se nas Linhas d'Elvas em 1659. Com uma guarnição sob seu comando fortifica Assomar, socorre Jorumenha. Combate na Galisa em 1662, entra no Alemtejo e toma parte no combate de Goião, na batalha do Ameixeal, na ocupação d'Evora, 1663; invade a Galisa, socorre a provincia da Beira, desaloja os hespanhoes do forte de Zamora e rechaça-os em Castelo Rodrigo, 1664, após rijo combate. Entra na batalha dos Montes Claros, ganha o forte e vila da Guarda e fortifica Chaves. Serve a patria vinte e seis anos e acaba governador de Montalegre, o valoroso faialense.

Sebastião José d'Arriaga Brum da Silveira, outro faialense, quando os exercitos do Corso estendiam seus passos avassaladores por toda a Europa, ele, na idade primaveril, desenove anos apenas, se offerece para combater nas alas libertarias, e fal-o em Campo-Maior, 1811, sob o comando d'Hamilton; entra na acção de Santos, em Badajoz, Albuhera, Arroyo-de-Molinos, onde é louvado pelo quartel general; toma a ponte de Almaraz e destroe todas as fortalezas de Mirabet. Ferido em Salamanca, entra, ainda, na grande batalha de Arapiles, na ocupação da Segovia em 7 de Agosto, na tomada de Madrid em 13, no forte do Retiro a 14; assiste ao assalto de Burgos, 1812, entra na memoravel batalha da Victoria, em Bnions e Salvaterra, no ataque de Tolosa, 1813, e do reduto de S. Bartolomeu, no assedio da praça de S. Sebastião que se rendeu em 1813; protege a esquerda do exercito na passagem de Bidassoa a Fuenterrabia sob o comando do general Hay, atacando S. João da Luz onde penetrou. Sob o comando do general Freire, 1814, se junta ao exercito hespanhol e entra no bloqueio de Bayona, na passagem de Garonne, no ataque de Tarbes e Arles, 1814, e, finalmente, na batalha de Tolo-

sa em França. Só depois de esmagado e derrotado o genio que dominou a França, volta ao reino, com o peito constelado de medalhas e morre em 1826, governador da Torre de S. Julião da Barra.

Ostentava sobre o peito as medalhas portuguêsas do comando de seis campanhas, a cruz hespanhola, ganha na batalha da Victoria, a medalha britanica e as fivelas de Albuhera, Salamancá e S. Sebastião, de cavaleiro das ordens da Conceição e da Torre e Espada.

Jorge Goulart Pimentel, capitão-mór do Fayal, faz, á sua custa, a fortificação da ilha.

Tristão Pereira e Guilherme Pereira, servem, patrioticamente, na India, deixando fama honrosa.

Luiz Diogo Forjaz de Lacerda, terceirense, quando, em 1808, soube a nova da sublevação do reino, parte para a defesa da Patria. Entra no Porto, então invadido por Soult, vai para Cadiz onde se acolhera a regencia de Hespanha; vai á ilha de Leão, em março de 1811; está no campo de Chidana onde ninguem o egualou; bate-se, corpo a corpo, com oito dos inimigos, matando tres e aprisionando cinco, incluindo tres officiaes. Foi para a Extremadura, achando-se sempre em todas as acções até á tomada do Castelo do Retiro em Madrid. Em Salamanca, comandando no deposito de convalescentes, despe a sua camisa para que a vista um soldado. Combate em Pinhel, em Lamego. Desde a batalha da Victoria até Pamplona, não houve uma só acção em que ele não entrasse e se não distinguisse. Na tomada do Castelo de S. Sebastião da Byscaia ainda se encontra. Entra o exercito aliado na França e Luiz Diogo participa de todas as assinaladas victorias, desde os Pirineus até Bayona onde cai, finalmente, varado, após prodigios assombrosos, de heroicidade e va-

lentia, depois de ter rompido em dois pontos as linhas inimigas abrindo caminho aos seus cujo trianfo presenceou ainda. Entrou combatendo e saiu vencedor em mais de cincoenta acções!

Pedro d'Ornelas, terceirense, acompanhou D. Francisco d'Almeida para a India e lá se achou sempre nos mais notaveis feitos d'armas d'aquele vice-rei, entrando na batalha em que perdeu a vida o heroico D. Lourenço d'Almeida. Continuou, na India, ao serviço do grande Afonso d'Albuquerque, *o maior capitão do Mundo, depois de Cesar e Napoleão*, na frase de Herculano; o vencedor de Ormuz, o conquistador de Calecut, o dominador do Malabar.

Manuel Inacio Martins Pamplona Côrte-Real, terceirense, general conde de Sub-Serra, gentil-homem da Camara de D. João VI, seu ministro e conselheiro de Estado. Como voluntario foi á Russia onde se distinguiu na guerra de 1788, tomando parte no assalto de Ismael; fez parte do exercito aliado sob o comando do duque de York, estando no sitio de Valenciennes; foi ajudante general da Divisão Auxiliar Portuguêsa na guerra do Rossilhon; foi comandante de cavalaria na Legião Portuguêsa em França e da primeira brigada da Primeira Divisão do segundo corpo do exercito francez na Russia; acompanhou Luiz XVIII a Gand; foi governador militar do Departamento de Loire e Cher e de La Cotte d'Or, 1815; foi ministro da guerra, presidente do conselho, 1823; embaixador de Portugal em Hespanha, 1825; e, por tantos serviços dispensados á patria, dentro e fóra dela, recebeu as maiores honras que um português podia conquistar: Gran-cruz da Legião d'Honra de França, gran-cruz da ordem de Torre e Espada, granada de ouro pelas campanhas da Catalunha e Rossilhon,

gran-cruz da ordem de S. Alexandre Nwski e cavaleiro de S. Waldimir da Russia, gran-cruz da ordem de Carlos III em Hespanha, cavaleiro de S. Luiz, Barão de Pamplona. Foi marechal de Campo e chefe de Estado-Maior, general das tropas que sairam para Hespanha e França em 1806, soldado de Napoleão e amigo de Luiz XVIII. Preso e perseguido pelas suas ideias liberaes, veiu, finalmente, a morrer na prisão em 1832.

Francisco do Rego e Sá, micaelense, a quem el-rei chamava o *grão-capitão*, recebe, em 1586, o habito de Cristo por serviços prestados, armando e mantendo, á sua custa, tres navios nos mares açoreanos, em defesa das ilhas.

Gaspar Vaz de Sousa, micaelense, presentela a sua terra natal ofertando-lhe as tres bandeiras que arrancára aos moiros nas muitas victorias alcançadas sobre eles nas alas do imperador Carlos V. Voltando a Portugal ensinou a milicia de guerra, nomeando-o el-rei coronel-mór.

Miguel Correia Drumonde, micaelense, combate na India, está no cerco de Idalcão e em muitos recontros, havendo-se sempre por tal forma que o vice-rei D. Luiz d'Atayde, levantando-o nos braços disse: «*Hei por bem de vos levantar por cavaleiro com toda a solenidade que se deve a taes cavaleiros e el-rei vos está devendo mercês.*

Pedro Anes do Canto, terceirense, organisou esquadras para a defesa das ilhas; e é seu filho, Antonio Pires do Canto, que, em companhia de Jorge de Lemos, Francisco Dias Carvalhal, Manuel Côrte-Real e outros, rondam o Arquipelago defendendo-o dos ataques de piratas, salvando os moradores, e as naus da India, que, tantas vezes, comboiavam até ao Tejo.

João da Silva do Canto, terceirense, faz, á sua custa,

o caes do Porto de Pipas e repara o castelo de S. Luiz, 1551. No largo peito onde batia um coração forte de leal português, ostentou a comenda de Cristo por serviços prestados nas lutas de Ceuta.

Manuel Côrte-Real, o alcaide-mór do Castelo de S. Sebastião, em Angra, senhor da Terra Nova que os seus haviam descoberto, acompanha D. Sebastião na jornada de Alcacer e morre com ele no desastre fatal. Seu filho Jeronimo Côrte-Real, pintor, poeta e artista, escreveu varios poemas, entre eles o celebre *Naufragio de Sepulveda.*

Vasco Anes Côrte-Real, terceirense, sucessor de João Vaz, parte para a Africa onde presta assinalados serviços á Patria derrubando e prendendo o famoso chefe mouro *Ali Barraxo,* senhor de vinte e dois mil mouros de cavalo.

Tristão de Sousa Gusmão se achou em todas as ações de nomeada que na India se praticaram desde o começo do governo de Martin Afonso de Sousa, seu parente.

Gaspar Machado da Ribeira Seca, o primeiro que nasceu na ilha Terceira, foi, na frase do padre Antonio Cordeiro, o *melhor cavaleiro d'Africa* como seus irmãos João e Diogo, que foram armados cavaleiros por serviços á Patria.

Francisco d'Ornelas da Camara, filho da vila da Praia, da ilha Terceira, é o escolhido por el-rei D. João IV para trazer aos Açôres a nova da Restauração, sendo ele mesmo o primeiro a soltar, em terras açoreanas, o grito da *Liberdade! Viva D. João IV! Abaixo a tirania hespanhola!* pregão com que os conjurados de 1640 abalaram o trono de Filipe III. Francisco de Ornelas sustenta, durante um ano, luta contra os soldados castelhanos refugiados no cas-

telo de S. João Baptista. Foi, este grande patriota, o restaurador da Patria Insular para a corôa portuguêsa.

Braz Soares de Sousa, 1594, sucede ao pai na capitania da ilha de Santa Maria e distingue-se no cerco de Mazagão, na conquista de Pinhão, na jornada de Tunis acompanhando o infante D. Luiz, filho d'el-rei D. Manuel. Distingue-se ainda na defesa de Santa Maria, sua terra-natal, pelejando contra francêses e inglêses.

Sebastião Corrêa de Lorvela, terceirense, que assistiu ao cerco do Castelo de S. João Baptista, 1641, e pelejou em Alcoachel e Vila Nova del Fresmo, terras castelhanas, ao lado do capitão Manuel de Figueirêdo, na Praça d'Elvas sitiada pelo marquês de Torre Chico. Em 1657 é capitão de mar e guerra do galeão *S. Gonçalo;* em 1658 mestre de campo para ir ás ilhas levantar um *terço* de mil e duzentos infantes com que entra em Lisbôa. Assiste e combate nas campanhas de Arronches, Juromenha, nos recontros de Estremoz e no Dejebe, na batalha de Ameixeal e na recuperação d'Evora. No Brasil, ao lado do Conde da Torre, com oitenta e cinco soldados terceirenses, bate-se com a armada holandeza. Um assombro!

Ruy Gonçalves da Camara, micaelense, parte para a Africa a pelejar, levando comsigo homens da terra em socorro d'Arzila que estava cercada por mouros e lá ganha o titulo de cavaleiro.

Gonçalo Tavares, micaelense, á sua custa vai á Africa acompanhado de seus irmãos Ruy e Henrique, em serviço do rei e da patria e é feito cavaleiro.

Manuel da Camara e Sá, micaelense, foi a batalhar em Montijo e Valença d'Alcantara em 1641.

Manuel da Camara, micaelense, filho de Ruy Gonçalves, foi á Africa em defesa de Cabo Gué, sustentando um cerco de quatro mezes onde ganhou o titulo de conde da Lagôa.

Hercules Barbosa, micaelense, lutando em Africa, morre-lhe o cavalo no ardor da peleja; mandam-no recolher, recusa e continua a batalhar a pé, praticando heroismos.

Antonio Figuerêdo Utra, terceirense, foi tão grande guerreiro que o denominaram o *Terror dos arabes.* Foi general do Estreito de Ormuz e Mar Roxo, almirante das esquadras d'alto bordo na India onde prestou relevantissimos serviços.

Belchior Machado de Lemos, fidalgo cavaleiro da Casa Real, capitão de ordenanças na vila da Praia, combate contra os castelhanos, na Salga, onde lhe chamavam o *Viriato Terceirense.*

Que legião enorme de açoreanos parte, mar fóra, arrostando perigos de toda a sorte, suportando febres, vencendo obstaculos, para firmar longe, em terras adustas e bravias, o nome querido de Portugal!

Era em troca de serviços, em paga de dedicações sem conta, que eram concedidos esses titulos de gloria que tanto honravam nossos avós; porque a fidalguia e os brazões eram ganhos em combates, disputavam-se nas lutas sangrentas pela patria. Assim receberam seus titulos Gabriel da Rocha e Nuno Fernandes em Mazagão, Sebastião Thomé em Alcacer, Alvaro Lopes de Santo Antonio, Diogo Nunes e Thomé da Camara em Tanger, Manuel Fernandes Cabral, Gonçalo Dias, Pero Nunes, Tristão Pires, João Dias Ximenes, em Azamor, Tristão de Sousa d'Ornelas, em

doze anos apenas, Manuel Botelho Cabral, na India, Pedro Anes do Canto, Manuel Gonçalves, Gaspar Manuel Pavão em Arzila, Lopo Dias Cabaço, Pedro d'Evora, Thomé Rodrigues e Alvaro Pires em Çafim, Fernão Lourenço Ramos em Ceuta, Pedro Alvares, Pedro André Pavão, Thomé da Camara filho de João Nunes Velho de Santa Maria, em Africa, Afonso Anes da Costa em Cabo Gué, Bartolomeu Afonso em Diu. E tantos que seria lista demasiado extensa para tão acanhados limites.

No seculo XVII o capitão Manuel de Medeiros Costa, micaelense, arma, á sua custa, navios para combater os hespanhoes, então senhores de Portugal, nas costas da Terceira; no seculo XIX, um seu descendente, o barão das Larangeiras, hospeda em sua casa o rei libertador D. Pedro IV.

Nas muralhas d'Azamor, nas areias de Morbeya, no Cabo Branco, em Tanger, cujas muralhas portuguêses edificaram e onde teve cativeiro o Infante Santo, nos portos e terras de Arzila, nos muros de Ceuta, a Abyla do Baixo Imperio, a Sebtah dos Arabes, nos cercos valorosos de Diu atacada por terra e por mar pelas forças do rei de Cambaia incitado por Coge-Çofar e armadas de Solimão Baxá; em Mazagão, ao lado de Camões o poeta guerreiro, em Alcacer ao lado de el-rei D. Sebastião, ahi combateram centenares d'açoreanos, valorosos e destemidos, com patriotismo e arrojo.

A medida do patriotismo açoreano se aquilata e completa no exemplo apresentado por Mateus Alvares, quando da invasão hespanhola do seculo XVI. O desapparecimento misterioso de el-rei D. Sebastião nos campos d'Alcacer, fez conceber a muitos, que com ele se pareciam, o

proposito de o substituir, como a Gabriel Espinosa, Marco Tulio e outros, preparados e industriados por fidalgos e frades; um, porem, se apresentou, de *motu-proprio*, com o proposito unico de salvar a sua patria—Mateus Alvares—filho dum pedreiro da vila da Praia na Terceira. Vencido, supportou com animo os maus tratos e a sentença de morte, confessando aos juizes: «Era tenção minha entrar em Lisbôa na noite de S. João, quando todos tocam, cantam e bailam. Aclamado pela multidão, daria um golpe de Estado. Em seguida, falaria assim: Amigos, olhai-me bem: eu não sou o rei D. Sebastião, mas sim um homem de fé e coragem, um bom português que vos livrou do pejo castelhano. Agora, libertos, escolhei e proclamai o vosso rei».

Que formosa atitude a deste sacrificado! exclama o sr. Antero de Figueirêdo no seu livro *D. Sebastião*.

Quando a poderosa armada de Filipe II procurou vencer o reducto açoreano, resistente na ilha Terceira, foi necessario empregar uma força quasi tão numerosa como aquela com que venceu os continentaes. Foram quinze mil guerreiros sob o comando geral do grande Marquez de Santa Cruz, com cerca de cem velas e soldados de varias nacionalidades: hespanhoes, alemães, italianos e portuguêses, com o mestre de campo D. Lopo de Figueirôa, D. Francisco de Bovadilha, D. Juan de Sandoval, o coronel dos alemães Jeronimo de Lodron, dos italianos Lucio Pignatelo e dos portuguêses D. Felix Aragão. E conseguia pela cobardia e pusilanimidade do conde Manuel da Silva, governador que viera substituir o valoroso Ciprião de Figueirêdo. Mas a resistencia ofereceu ainda lances de valor que a historia regista:

No forte de *Santa Catarina*, na vila da Praia, cento e trinta combatentes, em cujo numero se contavam cincoen-

ta açoreanos, defenderam a invasão resistindo, durante tres horas, na defesa dum fôsso, contra mais de doze mil assaltantes.

E já quando vencidas as ilhas, que os vencedores se dirigiram ás d'Oeste, ao entrar na Faial, o cavaleiro Gonçalo se dirigiu ao capitão da ilha, Antonio Guedes de Sousa, intimando-o a que se entregasse, a el-rei Filipe, teve por resposta imediata uma bofetada e em seguida foi atravessado pela espada valente do capitão Guedes, que mais tarde pagou na forca a sua devoção patriotica, a sua valentia guerreira.

Em 1616 foi a Calheta de S. Jorge atacada por sete naus da armada inglesa que nestes mares andavam á caça de presa que das Indias esperavam. A exigencia, repetida e persistente, de viveres, vinhos e gados, exgotou a paciencia destes povos que, um dia, reunidos e armados, desceram, em som guerreiro, a receber com dardos e piques os assaltantes que apressadamente se embarcaram deixando prisioneira uma bandeira, e lá não voltaram.

Animando-se contra as perseguições amiudadas de arzelinos e saletinos, cantavam os jorgenses, nos seus bailes e folias populares:

Justa pares, justa pares,
justa pares não é assim.
Justa, justa com cuidado
Que ahi vem o Saletim.

O patriotismo, a lealdade açoreana, estão provadas em varias paginas da historia patria, documentadas em muitos dos principaes capitulos dela.

D. Pedro IV, o rei liberal, descendo do trono de impe-

rador do Brasil e de rei de Portugal e dos Algarves, trocando o sceptro pela espada, o manto da realesa pela farda do soldado, para se bater pela Liberdade, esse democrata admiravel que comia entre os soldados, dormindo sob o solo, armando trincheiras, encartuxando polvora, fazendo do peito muralha, ao lado dos açoreanos, teve, ao despedir-se deles, estas frases reconhecidas:

Deixo-vos, pois, fieis açoreanos, mas levo comigo uma viva lembrança da vossa fidelidade e do vosso patriotismo; levo o importante conhecimento da fecundidade do vosso solo e do caracter e espirito industrioso dos seus povos.

Ficai-vos embora pois, bravos açoreanos; se um intento glorioso me separa hoje, de vós, acompanha-me a certeza de que o vosso amor á causa da justiça, porque vos tendes sacrificado e a vossa adesão ás novas instituições, de que já começaes a sentir os beneficios, hão-de conservar ileso e digno da gloria que tem adquirido este nobre arquipelago, terra classica da Liberdade portuguêsa, berço ilustre da regeneração da mãe-patria.

De facto, desde as praias arenosas dos Açôres até ás margens esverdeadas do Douro, os açoreanos acompanharam o rei liberal, seguindo, até ao triumfo, a causa que defendiam.

Desde o capitão Francisco d'Ornelas, da Praia, o restaurador da Patria Insular para os dominios da corôa de Portugal em mãos de D. João IV, desde este ilustre açoreano descendente do primeiro capitão donatario Jacome de Bruges, até aos descendentes João d'Avila e Theotonio d'Ornelas, o espirito liberal anima uma legião valorosa de heroes que, em todos os tempos, sacrificaram vidas e haveres pelo engrandecimento da Patria em defesa da Liberdade.

Ciprião de Figueirêdo, o grande português, governador destas ilhas, assim falava, ao rei de França, em carta de 12 de Junho de 1581:

Doei-vos, senhor, dos gemidos de Portugal que está chorando pelo seu rei: ajude-nos V. M. nestas ilhas, pois somos leaes e estamos todos apostados a morrer pela honra de Deus, do nosso rei e defensão da patria.

A Filipe de Castela, rei de Portugal, falava assim, em resposta ás promessas oferecidas:

«As coisas que padecem os moradores desse afligido reino, bastavam para vos desenganar que os que estão fóra desse pesado jugo, quereriam antes morrer livres que em paz sujeitos: nem eu darei aos moradores desta ilha outro conselho; porque não perca minha alma, nem minha honra, que trocarei quantas vidas tivera e podera possuir por morrer leal a meu rei que jurei; porque um morrer bem é viver perpetuamente; d'aqui me veiu ter mais conta com preservar até ao fim da vida nesta lealdade que temer os vossos apercebimentos de gente, navios, e munições com que V. M. na sua me ameaça; porque, confiando em Deus, que peleja por nós, para os navios está o mar, e portos desta ilha, aparelhados, para as munições as fortalezas e muitos poços para meter neles toda a gente que nos vier buscar; a que se não perdoará; pelos males que resultam de perdões. Não me ponha V. M. culpa, porque jurei a D. Antonio por meu rei e senhor, e de defender esta corôa, que tambem fizera o mesmo por vós se vos tivera jurado (posto que não com tanto gosto) porque basta ser rei português: e se a desventura me chegasse a estado que ficasse com vida sujeito, e por fazer o que devo me mandassem matar; perdendo a vida pelo senhor D. Antonio, então a ganhava, e tambem não perderia a memoria

de minha lealdade, nem se perderia a fama de vossa crueza e sem justiça. Eu não sirvo a el-rei D. Antonio por interesse; mas sirvo-o com a pureza de minha obrigação, de que resulta não me moverem mercês prometidas; que foi o laço em que caiu Portugal; porque fóra do que nenhuma coisa me poderá mover a troco de vender a honra e lealdade, que não tem preço, nem ha nenhum que eu tanto estime: lição *que a muitos fidalgos esqueceu.*»

Para as lutas da Independencia nacional que na Terceira se travaram em 1580, Diogo Botelho de Vasconcelos, micaelense, organisou, á sua custa, uma companhia que embarcou para Angra onde prestou valioso auxilio, trazendo peças de bronze, polvora e bala.

Manuel Corrêa de Melo, da Graciosa, serviu D. João IV na sua aclamação. Foi o capitão-mór da armada da ilha Terceira. Foi ele que levou, atraz do palco, o retrato de D. João IV, na procissão solene que, em 8 de Março de 1642, se realisou no Castelo de S. Filipe, dois dias depois da sua tomada.

Pedro Corrêa de Melo, filho deste, militava em Flandres no posto de capitão de cavalaria quando soube da aclamação de D. João IV. Destacou imediatamente com uma companhia de duzentos homens; passou a França, e veiu apresentar-se a el-rei a quem serviu entrando em muitas sortidas.

Antonio Soares, das Velas, militou na Flandres, com distinção e prestou bons serviços na aclamação de D. João IV; renunciando sempre varios cargos que lhe ofereceram, alem do titulo de cavaleiro fidalgo.

Constantino Paes Sarmento, graciosense, foi quem, na sua ilha, aclamou D. João IV.

Antonio Pires do Canto, filho do grande Pedro Eanes, o vencedor do forte de *Tombelalon*, toma o comando duma esquadra açoreana para limpar o mar dos corsarios que esperavam as naus das Indias; e, comboiando-as, acompanhava-as até Lisbôa.

Sebastião Gago e Jorge Camelo, micaelenses, comandam navios de alto bordo e morrem na India em serviço da sua patria.

Diogo Leite, micaelense, foi capitão de ordenanças que á Terceira veio com alguns soldados, servindo nas trincheiras até á rendição dos castelhanos.

O padre Manuel d'Oliveira, terceirense, no reducto de Santa Luzia combateu pela restauração até cair mortalmente ferido duma bombarda castelhana arremessada do Castelo de S. João Baptista.

Na batalha da Praia, 11 d'Agosto de 1829, uma criança de onze anos, por nome Manuel Joaquim da Cunha Jr., vendo morto, no areal, o voluntario José Custodio Alves, levantou a arma que junto dele encontrou e fez fogo como qualquer soldado dos mais destros.

Nos fortes, Manuel Caetano, do Cabo da Praia, guardava a porta para que seus filhos não saissem, aterrorisados, deixando de se bater pela liberdade nesse glorioso dia 11 d'Agosto. Um deles cai morto pelas balas miguelistas; e o velho volta-se para o outro e diz, resolutamente: *Anda lá. Desvia teu irmão que já pagou a sua divida á patria; agora... vamos vingal-o!* E, tomando o lugar do filho, continuou disparando a artilheria. Finda a batalha, o conde de Vila Flor o abraçou e quiz que, a seu lado, assistisse ao solene *Tedeum* celebrado na Sé d'Angra pela victoria das armas liberaes.

O voluntario José Peixoto da Silva e o artilheiro Manuel de Melo, não tendo munições, aproveitavam as balas que do inimigo vinham para lh'as devolverem pelas bocas das peças.

Na Terceira se adquiriu, com o produto de um dia de vencimento de todas as classes de officiaes e empregados publicos, da terra, um brigue a que deram o nome de *Liberal;* e serviu de comando da flotilha que d'Angra partiu a 30 de Julho de 1831, com as forças expedicionarias que a outras ilhas foram a restaurar o dominio de D. Maria II.

Francisco Duarte, terceirense, achou-se na restauração da Bahia; e, desde 1624, serviu Portugal, no Brasil, nas varias lutas como a guerra de Pernambuco onde foi ferido e ganhou o habito de Cristo. Em 1641 veiu á Terceira, como almirante duma armada, a auxiliar a restauração, achando-se ainda na tomada da fortalesa de S. Sebastião.

João do Canto de Castro entrega-se ao mestér de provêr as naus e armadas da India, de mantimentos e de gente. Agraciado com o habito de Cristo e cavaleiro de el-rei.

Manuel Alvares, micaelense, punha á disposição de el-rei, para serviço da patria, em 1541, trezentos infantes cavaleiros.

João d'Avila, terceirense, que em 1665 era o defensor das naus da India que bastas vezes salvou da pirataria. Já em 1645 assistia á partida da leva de duzentos infantes que para o Brasil iam em serviço da patria, fazendo ele as despesas dessa expedição. Foi cavaleiro de Cristo e de S. Bento d'Aviz, fidalgo cavaleiro da Casa real.

João d'Avila se achou sempre nos mais arriscados

postos nos combates frequentes contra os castelhanos refugiados no Castelo de S. João Baptista.

Quando os soldados de Filipe de Hespanha, tornando prisioneiros dois terceirenses, os despojaram de suas vestes e nus colocaram os seus cadaveres, por escarneo, nos muros da fortaleza que dominavam, atitude provocadora que não permitia ser tolerada pelo animo patriotico dos portuguêses, é o capitão João d'Avila que assalta as muralhas, sob uma chuva de balas, e retira os cadaveres desviando-os á barbaridade dos inimigos. Tomou parte muito activa e valorosa na restauração dos Açôres em 1641.

José Francisco da Terra Brum, o coronel de voluntarios, vulgarmente conhecido pelo *Morgado Terra*, do Faial, que recebeu e hospedou em sua casa o rei D. Pedro IV, ofereceu, para a subscrição publica da epoca guerreira, vinte pipas de vinho da sua lavra. Foi dos sete mil e quinhentos bravos que acompanharam D. Pedro ás praias do Mindelo; e se encontrou sempre em varios lances da grande luta.

Theotonio d'Ornelas, terceirense, o primeiro conde da Praia da Victoria, descendente dos capitães donatarios da Terceira, que exemplo vivo de patriotismo e abnegação! Na flôr dos anos, dispondo duma enorme fortuna, pois que reunia mais de vinte e cinco vinculos, foi a alma e o braço, o esteio do movimento liberal açoreano. Foi o João Pinto Ribeiro dos Açôres. Ao seu lado, contribuindo para as grandes despesas da revolução, teve Duarte Borges, depois visconde da Praia, Jacinto Inacio Rodrigues, depois barão de Fonte Bela, Manuel de Medeiros, depois barão das Laranjeiras e Pedro Homem, barão de Noronha.

Deste grande patriota escreveu um historiador da epoca: «Foi um vulto sobre que se ergue a causa da Liberda-

de, quando no reino ela cafa de todo. Abraçou a ideia quando a patria estava só.»

João Soares d'Albergaria, o espirito sagaz e culto que iluminou a sua patria, S. Miguel, foi um dos martires da Liberdade nas lutas que nos Açôres se travaram.

Em 28 de Janeiro de 1821, o tenente João Soares de Albergaria reuniu em sua casa importantes elementos de força armada e resolveu acompanhar o movimento liberal de Lisbôa. O alferes Noronha, com uma força de vinte praças, apenas, depõe o governador militar da ilha, Sebastião d'Arriaga, e é formado o governo interino sob a presidencia do coronel Antonio Francisco de Chaves e Melo, vice-presidente André da Ponte de Quental da Camara e Sousa, vogaes o capitão-mór Antonio Francisco Botelho de Sampaio e Arruda, padre Dr. João Bento de Medeiros Mantua, Jacinto Inacio Rodrigues da Silveira, dr. Verissimo Manuel d'Aguiar.

Sob a pressão esmagadora e sufocante de Stockler, os terceirenses se revolucionaram; e, em Abril de 1821, proclamam a constituição elegendo uma junta provisoria assim organisada: Francisco Antonio d'Araujo, capitão-general, João Bernardo Ribeiro Borges, Alexandre Gambôa Loureiro, José Leite de Teve, José Maria Osorio. Stockler, que se refugiou na vila da Praia, prepara uma contra revolução e o general Araujo é morto quando assoma á varanda do seu palacio no castelo de S. João Baptista, para falar aos amotinados.

Foi a primeira victima que nos Açôres se imolou á causa da Liberdade!

Segue-se o Faial, acordando, civis e militares, num movimento que colocou á frente do governo: José Rebelo Pires de Miranda, presidente, coronel Estacio Machado

d'Utra Teles; vogaes capitão-mór Francisco da Terra Brum, padre Francisco Xavier da Silva, João Manuel da Camara Berquó, Sergio Pereira Ribeiro, dr. José Francisco de Medeiros.

Stockler, que não suporta a deposição humilhante do seu alto pedestal, consegue ser reconduzido ao governo geral dos Açôres, e com titulo de barão da vila da Praia. D. João VI havia publicado a carta de lei de 18 d'Agosto de 1823 restabelecendo o governo militar dos Açôres pelo regimento de D. José I de 2 d'Agosto de 1766.

Os terceirenses não se conformam com o estado de governo nem toleram o governador Manuel Vieira d'Albuquerque Tovar. Morto D. João VI, D. Miguel exige o trono. Estabelece-se a luta de sucessão entre D. Pedro, então imperador do Brasil. Em Angra se dá o movimento liberal de 1828, nomeando-se um governo interino representativo da constituição liberal: João José da Cunha Ferraz, José Jacinto Valente Farinha, José Rodrigues d'Almeida, dr. Manuel Joaquim Nogueira, Fratuoso José Ribeiro, Francisco José Pacheco, D. Inacio Castelo Branco do Canto; substituidos, os ultimos tres, por José Quintino Dias, Theotonio d'Ornelas Bruges Avila Paim da Camara.

Após um encontro com as tropas miguelistas, na Praia, se nomeou novo governo em substituição d'alguns membros: Deocleciano Leão Cabreira, presidente, João José da Cunha Ferraz, José Antonio da Silva Torres, nomeando-se tres ministros: Alexandre Martins Pamplona, interior e tesouro, Theotonio d'Ornelas Bruges guerra, Pedro Homem da Costa Noronha estrangeiros. E assim ficou Angra a séde do governo português.

Uma esquadra miguelista composta de vinte e dois va-

sos de guerra, vem aos Açôres e ancóra na bahia da vila da Praia onde foi derrotada no celebre dia 11 d'Agosto de 1829, pelas tropas fieis á constituição e sob o comando do conde de Vila Flôr. Nos extensos areaes se debateu a fina flôr da mocidade portuguêsa, como Herculano, José Estevam, Luz Soriano, Garret e tantos entre os academicos que constituiam o batalhão de voluntarios de D. Maria II.

Em 15 de Março de 1830 veem a bordo da escuna inglesa *Jock*, varios emigrados e o governo fica assim constituido: Marquez de Palmela presidente, José Antonio Guerreiro e Conde de Vila Flôr, como vogaes, sendo Luiz da Silva Mousinho da Silveira, ministro com todas as pastas.

D. Pedro IV abdica os direitos em sua filha D. Maria, e a bandeira azul e branca, simbolo da Constituição vencedora, é arvorada no castelo de S. João Baptista; primeira bandeira que se viu com tal simbolo. Assim, ficou a Terceira séde do governo geral do paiz submetendo a metropole, com uma expedição de sete mil e quinhentos bravos que dos Açôres partiram e desembarcaram nas praias do Mindelo, batendo-se em varios recontros, terminando pela convenção d'Evora-Monte.

Praticaram-se verdadeiros actos de bravura que a historia assinalou e outros que nem sempre encontram lugar nas paginas dela.

Pedro Homem da Costa Noronha, terceirense, que foi um dos apostolos da Liberdade, com Theotonio de Ornelas, em Lisbôa aderiu á revolução de Setembro e foi o comandante do batalhão das guardas nacionaes da capital. Tomou parte na revolta de Almeida em 1844 e foi do conselho de S. M. barão, visconde de Noronha, com a comenda de Cristo.

Militão Pamplona Côrte-Real, terceirense, que foi dos elementos valorosos do movimento liberal de 1828, no batalhão de caçadores 5, fez toda a campanha das Liberdades até á convenção d'Evora Monte, indo até á Hespanha na divisão auxiliar de 1835, assistindo ainda ás acções de Ruivães e da Chã da Feira em 1837. Foi ele que, ao entrar nas praias do Mindelo o batalhão dos 7.500 bravos, empunhava a bandeira que D. Maria II oferecera, bordada por suas proprias mãos.

Julio Pamplona Côrte-Real, terceirense, voluntario do grande batalhão de caçadores 5 sob o comando do capitão José Quintino Dias, tomou parte em varios combates e batalhas na defesa da causa liberal: combate na Calheta, Ladeira da Velha, nos Açôres; no reconhecimento de Valongo, em 1832, na batalha de Ponte Ferreira, no reconhecimento de Souto Redondo, na acção sobre a estrada do Cativo e Valongo, sobre Lordelo e Campanhã, nas ações de 5, e 25 de Julho, nas linhas interiores do Porto, no combate de Leiria e Torres Novas, na ação de Pernes e Almoster. Tinha o habito de Aviz e a medalha n.° 7 das campanhas da Liberdade.

Candido Gonçalves Rosa, da vila de S. Sebastião, da Terceira, entrou como voluntario na legião combatente das Liberdades, em 1829, tomando parte activa em toda a campanha até Evora Monte. Foi-lhe concedido o grau de oficial de Torre e Espada de valor, lealdade e merito, de cavaleiro da ordem militar de S. Bento d'Aviz, a medalha n.° 9 das campanhas. Coronel d'artilharia, foi o governador interino do Castelo de S. João Baptista.

João Moniz Côrte-Real, terceirense, que se bateu valorosamente na guerra peninsular, onde ganhou a cruz d'ouro n.° 6 e o habito de cavaleiro de Cristo e d'Aviz.

Jacome de Bruges, segundo conde da Praia da Victoria, fidalgo cavaleiro da casa real, comendador da ordem de N. S. da Conceição de Vila Viçosa, e da de Cristo, official da Academia de França, grã-cruz da ordem de Francisco José da Austria, antigo deputado, governador civil, entre varios gestos de patriotismo e benemerencia, fundou os Asilos de Mendicidade da Praia da Victoria e de Ponta Delgada.

No movimento liberal que em Angra rebentou em 1828, ao lado do primeiro conde da Praia da Victoria se viram os conspiradores José Quintino Dias, de caçadores 5, Antonio Borges Leal Côrte-Real, Antonio da Fonseca Carvão Paim da Camara, dr. João José da Cunha Ferraz, major Joaquim de Freitas Aragão, José Jacinto Valente Farinho, Luiz Manuel de Moraes Rego, Manuel Homem da Costa Noronha, dr. Manuel Joaquim Nogueira, Pedro Homem da Costa Noronha, Theofilo Rogerio d'Andrade. Eram doze. Um apostolado da Liberdade!

João Carvalhal da Silveira, aos 18 anos, como voluntario, toma parte na revolução liberal de Outubro de 1828, na ilha do Faial, sendo preso e remetido ao Limoeiro. Condenado á morte, seguia para a ilha de S. Miguel, local da execução. Quando lá chegava, desembarcava a expedição libertadora da Terceira que o salvou da forca. Era terceirense.

João Moniz Barrêto do Couto, terceirense, cavaleiro de Torre e Espada, de N. S. da Conceição de Vila Viçosa, e de S. Bento d'Aviz; comandou a artilharia do forte de Santo Antonio da vila da Praia no dia 11 d'Agosto de 1829. Fez parte da expedição libertadora encontrando-se em toda a campanha das Liberdades onde praticou actos de valentia. Morreu marechal de campo.

José Maria de Bettencourt Vasconcelos e Lemos, terceirense, fez parte do bravo batalhão de Infanteria 23 do Porto, cuja bandeira tinha a legenda *Vencerei não só estes adversarios, mas quantos a meu rei forem contrarios.* Fez as campanhas de 1826-1828; esteve no deposito dos emigrados de Plymouth, assistiu, na França, á queda de Carlos X do trono; prestou serviços no exercito liberal da Terceira, foi um dos officiaes que tomaram parte na revolta de 1846 no Porto. Tinha o habito de Aviz, a medalha n.° 9 das campanhas da Liberdade e as d'ouro e prata de exemplar comportamento.

Manuel Bernardo d'Abreu Lopes, terceirense, prestou relevantes serviços á causa liberal no batalhão de caçadores 5, na companhia de voluntarios d'Angra, na legião nacional e no ultimo batalhão de voluntarios da rainha. Foi condecorado com a medalha n.° 6 das campanhas da Liberdade.

Francisco da Fonseca Carvão, terceirense, fidalgo cavaleiro da casa real, seguiu na expedição liberal entrando em todas as lutas, sendo ferido nos combates das linhas do Porto. Era condecorado com a Torre e Espada, valor, lealdade e merito.

Dr. João José da Cunha Ferraz, um dos vultos mais proeminentes do movimento liberal do dia 22 de Junho de 1828, e que foi o presidente interino que substituiu o governador general Touvar, e escolhido para o lugar de chanceler da Relação da Provincia dos Açôres, e presidente da Junta da Justiça, era da ilha Graciosa.

João Inacio de Simas e Cunha, graciosense, coronel de milicias, foi um dos mais activos promotores do movimento liberal na sua ilha.

Francisco Pereira de Bettencourt Lopes, micaelense, porque auxiliou devotadamente o movimento liberal na Graciosa, D. Pedro o fez coronel de milicias em Ponta Delgada.

Antonio da Cunha Silveira Bettencourt, graciosense, pelos relevantes serviços prestados ao movimento liberal, na ilha Graciosa, com sacrificio da propria fazenda, foi-lhe concedido o titulo de Barão de Fonte do Mato, em 1860.

Manuel da Cunha e Simas, graciosense, foi um dos mais devotados promotores da revolução liberal na sua terra, sendo condecorado com a comenda de N. S. da Conceição.

José Soares d'Albergaria, jorgense, que foi voluntario do batalhão de caçadores 5, tomou parte na batalha de 11 d'Agosto e seguiu na expedição liberal fazendo todas as campanhas, notabilisando-se em Valongo e na Ponte Ferreira. Foi cavaleiro da Torre e Espada e de N. S. da Conceição de vila Viçosa.

André José Apolinario, jorgense, fez a campanha liberal e foi condecorado com a medalha de Izabel a catolica, de Hespanha, e o grau de cavaleiro de Torre e Espada.

José de Sousa Sequeira, jorgense, tomou parte em todas as lutas liberaes merecendo, por seus serviços, o grau de cavaleiro da Torre e Espada.

Jorge Pereira Gato, jorgense, fez as campanhas da Liberdade e foi condecorado com a Torre e Espada.

Francisco Nunes Ataíde, jorgense, fez toda a campanha liberal ganhando o grau de cavaleiro de Torre e Espada.

Antonio de Medeiros da Costa, micaelense, que em 1641 se apresentou na Terceira com cincoenta homens para a restauração dos Açôres, foi fidalgo cavaleiro da casa real.

O dr. Antonio José d'Avila, duque d'Avila e Bolama, filho da ilha do Fayal, que exemplo magnifico de trabalho, honestidade e amor patrio! Tal conjunto de virtudes fez, do filho dum modesto trabalhador, o mais elevado titular dum paiz. O duque d'Avila e Bolama, nome que era conhecido e considerado em todas as côrtes do Mundo, ostentava sobre o peito as insignias da gran-cruz de Torre e Espada, de N. S. da Conceição, da ordem de Cristo, de cavaleiro do Elefante da Dinamarca, da Legião d'Honra de França, da Rosa do Brasil, de Carlos III de Hespanha, com colar, de Pio IX, de S. Mauricio e de S. Lazaro, da corôa de Italia, de Leopoldo d'Austria, de Leopoldo da Belgica, do Leão Neerlandês, de S. Alexandre Newsky, da aguia Vermelha da Prussia em diamantes, dos Guelfos de Hanofre, de Alberto o valoroso, de Saxe, de Nichen Iftiker de Tunis, de Guadelupe do Mexico e de cavaleiro do Santo Sepulcro. Foi por varias vezes ministro de Estado e embaixador de Portugal.

Manuel de Medeiros da Costa Canto e Albuquerque, micaelense, que foi o barão das Larangeiras, prestou assinalados serviços á causa da Liberdade, arriscando a vida e a fortuna ao serviço da Patria. O duque de Bragança o agraciou com a carta de conselho, 1832, a rainha D. Maria II lhe conferiu o titulo de barão das Larangeiras em 1836 e em 1842 ascende ao pariato.

O padre Jeronimo Emiliano d'Andrade, alem de escritor e pedagogo, o mais notavel dos Açôres, prestou assina-

lados serviços á causa liberal, sendo perseguido, e por tal classificado — *o prégador dos constitucionaes.*

Duarte Borges da Camara Medeiros, primeiro visconde da Praia, par do reino, do conselho de S. M. nasceu em S. Miguel e prestou relevantes serviços á causa liberal, recusando sempre qualquer recompensa. Deixou de si saudosa recordação pelo bem que espalhou.

Jacinto Inacio Rodrigues da Silveira, barão de Fonte Bela, manifestou os seus principios liberaes em 1821; fez parte do governo interino da ilha de S. Miguel, aclamado pela revolução. Fez importantes emprestimos para as despesas da guerra da Liberdade. D. Pedro concedeu-lhe o titulo de conselho em 1830, de barão em 1836, comendador de Cristo e par do reino.

José Freire d'Andrade, micaelense, distinguiu-se nas lutas da Liberdade, partindo da Coruuha ás ilhas, para defender a causa de D. João IV. Achou-se em muitas batalhas da restauração. Em Alcantara, Fonteguinaldo, Sarça, Guaté; fez parte da companhia de aventureiros do conde de Vila Franca, e esteve no assalto do forte de Solimão no rio Guadiana.

João de Bettencourt Vasconcelos, terceirense, ganhou a comenda de Santa Maria de Tondela por muitos serviços dispensados á causa da Restauração. Quando D. Alvaro de Viveiros se rendeu, foi a este fidalgo, filho do capitão-mór d'Angra, que entregou as chaves do Castelo.

Francisco de Meneses Meyreles do Canto e Castro, visconde de Meyreles, terceirense, que foi director da Alfandega principal de Moçambique, ministro plenipotenciario na India, governador de Manica, Sofala, fundou escolas de oficios, bibliotecas, hospitaes, etc.

Roque Francisco Furtado de Melo, picoense, foi voluntario na Companhia de Artilharia do Faial. Fez parte da divisão liberal que submeteu as ilhas dos Açôres em 1831, entrou na acção da ladeira da Velha, fez parte do exercito libertador que sob o comando de D. Pedro desembarcou no Mindelo, entrou na batalha de Ponte Ferreira ganha sobre as tropas do general Póvoas, tomou parte em toda a defesa do Porto comandando por vezes os redutos do Covelo e das Medalhas. Era cavaleiro de S. Bento d'Aviz e tinha a medalha de D. Pedro e D. Maria, n.º 9.

Simão Gato, o velho, da Calheta, de S. Jorge, foi o que tomou a bandeira aos invasores ingleses, 1607, facto este que originou a creação da capitania-mór da Calheta, premiando-se, assim, com aquele posto, o capitão Thomé Gregorio que com Manuel d'Azevêdo se distinguiram heroicamente.

Amaro Soares, da ilha de S. Jorge, distinguia-se na Flandres, no seculo XVI, onde militou; foi sargento-mór de toda a ilha e prestou altos serviços na aclamação de D. João IV e cerco do Monte Brasil, dirigindo os trabalhos de intreicheiramento.

Melchior Machado de Lemos, o capitão denominado *Viriato Terceirense* era filho de Paulo Lopes Machado, um dos valentes militares que fôram ás guerras do Brasil e á restauração de Pernambuco, em 1638, capitão da gente recrutada na jurisdição da vila da Praia para a leva dos mil infantes que nestas ilhas veiu recrutar D. Diogo Lobo e da qual fôram deputados Agostinho Borges de Sousa e o corregedor Diogo Marcham Themudo.

Feliciano da Silva Leal, faialense, coronel de Infanteria, que serviu desoito anos na Africa onde se distinguiu

sempre, principalmente na campanha do Niassa; foi governador de Quelimane alguns anos, comandante do regimento de Infanteria 22, delegado especial do governo da ditadura do general Carmona, conquistou para o Arquipelago Açoreano, no diminuto espaço de um mez, regalias que constituiam aspiração de meio seculo. Tem a cruz de guerra e é oficial da ordem de Torre e Espada.

Diogo Pereira de Lacerda, faialense, que foi um brioso e valente militar, em cujo peito o amor da patria tinha altar sublime, depois de prestar relevantes serviços na expulsão dos hespanhoes do Castelo de S. João Batista, se embarcou para o continente onde necessario era o auxilio dos açoreanos, para a consolidação da Independencia, e lá batalhou. Enviado ao Brasil, parte na nau *Rosario,* com outros açoreanos, quando, em alto mar, sôa um tiro que atinge a embarcação. Ele responde dando combate, e rija peleja se trava contra um inimigo mais poderoso. O perigo ameaça os açoreanos que se veem perdidos, irremediavelmente. Então Diogo Pereira, chamando os companheiros, lhes propõe uma resolução—salvar a bandeira portuguêsa de cair em mãos inimigas, fazendo voar em estilhaços a *Rosario.* Aprovado o seu intento, desce ao paiol, destampa as barricas da polvora, acende o rastilho; e, no convez, de mãos postas, prece nos labios e olhos no Infinito, esperam resignadamente a morte aqueles valentes patriotas. O inimigo, em vista deste silencio, mais se aproxima, para o saque; nesta altura voam pelos ares, um e outro. E a bandeira das quinas portuguêsas, em vez de ir parar a mãos inimigas, foi envolver-se nas algas marinhas na profundidade dos abismos, sepultura de heroes.

Ao lado de D. João de Castro, vice-rei da India, vencedor dos turcos, esse simbolo magestoso de bravura, pro-

totipo da honra; que, em penhor de sua palavra, arrancou as proprias barbas, esteve um açoreano, que o acompanhou até á morte nos braços de S. Francisco Xavier, era o terceirense Antonio Monis Barrêto.

D. Lourenço d'Almeida, sucessor de seu pai no governo da India, ao morrer, combatendo na sua nau, avariada já, tem a seu lado um açoreano, amigo e companheiro de seu pae, Pedro d'Ornelas, terceirense.

Tristão de Sousa Gusmão, outro terceirense, combatendo durante doze anos na India, se achou em todas as acções valorosas de Martin Afonso de Sousa seu parente, acompanhando-o desde o começo do seu governo.

Braz Pereira Sarmento, faialense, batalhou na India pelo engrandecimento da sua patria; e, ao regressar, teve que bater-se nas aguas açoreanas contra uma flotilha de corsarios piratas em 1525, vencendo-os denodadamente.

Teodoro Pamplona, faialense, que foi governador militar do Fayal, em atenção aos muitos serviços prestados nas campanhas do sul, Rossillon e Catalunha onde praticou heroismos que lhe mereceram ser condecorado em campo de batalha. Tinha varias distinções e medalhas concedidas por nacionaes e estrangeiros.

Manuel Alves Guerra, faialense, formado em Direito e com o curso diplomatico, foi condecorado com a comenda de N. S. da Conceição, da ordem de Cristo, com a cruz da Corôa de Carvalho, dos Paizes Baixos, o grau da ordem do rei Leopoldo, a ordem de S. Mauricio e S. Lazaro, do rei de Italia, a comenda da ordem da Corôa de Ferro, de Austria, ganhas por serviços prestados nas legações; foi plenipotenciario junto da Republica Americana e comis-

sario regio na exposição de Filadelfia; primeiro secretario da legação de Londres. Foi o iniciador da fundação da doca faialense.

Eduardo Laemert Bulcão, fayalense, é um patriota e benemerito que muito tem feito pela sua terra e pelos necessitados, distribuindo grandes parcelas da sua enorme fortuna, generosamente. E' representante da Dinamarca, Belgica, Grecia, Russia, Suecia e França, e ostenta no peito as condecorações de cavaleiro da Legião d'Honra, e a medalha de Verdun, cavaleiro de Danebroy e outras.

Gomes Pacheco de Lima, graciosense, foi o provedor das fortificações e capitão-mór do mar, comandando uma companhia de aventureiros. Provedor-mór do campo e aposentador-mór de D. Antonio Prior do Crato. Guarneceu a ilha de fortificações, á sua custa. Viajou por Hespanha, França e Italia. Fructuoso diz que ele foi poeta.

Francisco Corrêa Garcia, faialense, capitão de navios, praticou no mar ousados cometimentos de bravura de que colheu repetidos triunfos, comandando o seu brigue *Margarida Julia*. Um dia, porem, um brigue francês, de maior tonelagem e melhor armadura, intima-o, no alto-mar, a que se renda e se lhe submeta. Não lhe consentiu tal vexame o seu animo corajoso de português e de açoreano; e, imediatamente, lhe responde com uma descarga. Trava-se rijo combate: o inimigo, mais poderoso, chega á abordagem, e, em luta corpo a corpo, uma cutilada lhe decepa a mão esquerda que mal presa fica por frageis tendões. Com a propria espada a separa e arremessa bruscamente á cara do inimigo, continuando a batalhar. Este gesto impressionante, revelador dum nobre animo, demoveu o comandante francês que imediatamente recomendou lhe poupassem a vida e aos seus. Com os quinze tripulantes que lhe

restavam, o capitão Garcia, abandonado em alto mar, foi, num lanchão, vogando á mercê das aguas. Como homenagem á sua valentia lhe ofereceram, os inimigos, uma espingarda, que ele empregou como remo e da qual jamais se separou, levando-a até pará a sepultura. Um navio inglês os tomou e conduziu até Cuba. D'ali passou o nosso heroi ao Brasil onde o monarca o honrou com o titulo de tenente da Armada Real, 1814. Não parou ainda a sua acção patriotica, e vai para a India. Em 1820 é nomeado ajudante do mar da ilha do Faial. Em favor da causa liberal ainda Corrêa Garcia presta assinalados serviços comandando a escuna de guerra *Duque de Glocester*, depois o brigue *Liberal* com a capitania da esquadrilha que partia para S. Miguel a acompanhar o exercito libertador. Comandou a corvêta *Amelia* entrando na primeira batalha ao sul do Douro, em Setembro de 1832, onde, debaixo dum tiroteio intenso, vai a terra buscar polvora e bala que faltavam para proseguir a luta até final triunfo, e continuou praticando prodigios assombrosos.

Diogo Pereira, faialense, que na India viveu tão faustosamente, foi por embaixador de Portugal ao rei da Persia; e como considerasse de pouco valor a oferta oficial que levava, a acrescentou, á sua custa, com joias no valor de seis mil cruzados.

Guilherme Pereira, faialense, duas vezes é enviado á China como capitão, em serviço da sua patria. Na India possuia o maior e mais belo e rico palacête que lá se via, alem da morada do vice-rei. Servido com baixelas d'oiro e prata, sustentava trezentos servos ao seu serviço, um mestre de capela e musicos de frautas e charamelas.

Francisco Xavier da Cunha Aragão, micaelense, foi o tenente de cavalaria, organisador e comandante do *Esqua-*

drão de Dragões que tantos heroismos praticou em Naulila, em Nangula e Caloeque, na temivel luta contra os exercitos aguerridos e disciplinados da Alemanha, quando da grande guerra. Dele escreveu Augusto Casimiro: «Aragão não é só a mocidade ardente e guerreira, por si só, irreflectida, é a intuição inteligente, clareada de paixão patriotica». Tem a medalha militar de prata da classe dos bons serviços, a cruz de guerra de terceira classe, é oficial da ordem militar de Torre e Espada do valor, lealdade e merito, medalha de prata da classe do valor militar e foi promovido por distinção ao posto imediato.

Mateus Alvares, filho da vila da Praia, na ilha Terceira, de quem havemos falado em precedentes capitulos, tomando o habito de monge no convento de S. Miguel, proximo da vila d'Obidos, de lá passou para o da Cortiça, na serra de Cintra, e, abandonando a vida claustral, foi habitar um eremiterio de S. Julião, na Ericeira. Debatendo-se Portugal na luta com Castela, para a sucessão do reino, pela morte do cardeal-rei, Mateus Alvares aproveita a sua semelhança fisica com el-rei D. Sebastião desaparecido nos areaes d'Alcacer-Kibir, e pretende passar pelo monarca português. Muitos fôram os intrusos que tal pretensão manifestaram; neste, porem, o seu ideal era unicamente patriotico. Os que o auxiliavam neste proposito respondiam ás duvidas apresentadas: «Pouco nos importa que esse homem seja ou não o rei, basta saber-se que é um homem disposto e resolvido a libertar o reino do jugo dos castelhanos, para o auxiliarmos com todas as forças».

Preso e condenado á morte, não desanima; e, quando interrogado em presença doz juizes, responde serenamente: «Eu não sou o rei D. Sebastião. O meu intento era concitar todos os portuguêses contra o jugo castelhano e di-

zer-lhes, após o triunfo: *Agora estaes livres. Escolhei o rei que quizerdes!*

«A simplicidade, a grandesa desta confissão, diz Pinheiro Chagas, gelaram de terror os juizes que então presenceiaram talvez que era imorredoira a causa que podia inspirar taes palavras».

Na *Historia de Portugal*, Pinheiro Chagas o compara ao heroico e popular tribuno de Napoles, Masaniello, da seguinte forma: «e com efeito parece-se bastante com o tipo do heroi napolitano o tipo de Mateus Alvares. Faltou-lhe, como a ele, uma cultura de espirito que lhe permitisse dirigir negocios diplomaticos e guerreiros e uma elevação de nascimento sem a qual nada se fazia nos seculos XVI e XVII, para atingir o nobre fim a que aspirava—a restauração da independencia portuguêsa».

Pedro da Costa, micaelense, cavaleiro armado em Africa, para sustentar o cerco d'Arzila e o defender se atirou corajosamente ao mar.

Gaspar do Rego de Sousa, micaelense, quando estudante, na escola de esgrima, matou em duelo um alemão que desafiára toda a escola a bater-se com ele.

Manuel Botelho Cabral, micaelense, acompanhou para a India o vice-rei D. Luiz d'Ataide, em 1570, onde desempenhou os mais elevados cargos, ordenando, o vice-rei, que lhe obedecessem como se a ele proprio.

D. José Maria A. Gonçalves Zarco da Camara, micaelense, serviu como coronel de Infanteria no exercito, tomando parte na guerra peninsular, e foi veador da princesa D. Maria Benedita.

D. José Rodrigo da Camara, micaelense, segundo conde da Ribeira Grande, foi governador da Torre de Belem,

deputado á junta dos tres estados e presidente do senado de Lisbôa.

D. Manuel Baltazar Luiz da Camara, primeiro conde da Ribeira Grande, foi agraciado por D. Afonso VI. Na vida militar, que voluntariamente seguiu, alcançou o posto de mestre de campo do terço de Setubal, distinguindo-se em varias campanhas, entre as quaes a guerra da Restauração.

Gonçalo da Costa Coutinho, micaelense, nomeou-o el-rei governador da gente de guerra nos Açôres.

Baltazar da Costa Pereira, micaelense, cavaleiro da casa d'el-rei, por serviços prestados desde a jornada de Abamora em que bastas vezes lutou contra infieis, concedeu-lhe el-rei o habito de Cristo.

Alvaro d'Ornelas, terceirense, taes serviços prestou que el-rei, por carta de 1534, isentou de pagarem quaesquer impostos, fintas, etc. a todos os seus criados, caseiros, amos, mordomos e lavradores. Era fidalgo da cosa real com o habito de Cristo.

Bartolomeu Favela, com Pires Jacome Corrêa, João de Bettencourt Vasconcelos e Gaspar Estacio, se embarcaram num pequeno bote indo auxiliar a armada real que andava em peleja contra os corsarios entre S. Jorge e Terceira.

Pedro Anes do Canto, terceirense, fidalgo de tão grande nomeada que tinha o privilegio de couto: aquele que se acolhesse á sua fazenda, não podia ser preso, *fosse qual fosse o delito.*

Manuel de Quadros Machado, capitão-mór da vila de Santa Cruz e Gaspar Velho d'Azevêdo, capitão-mór da vila da Praia, distinguiram-se nas lutas porfiosas entre os mouros que assaltavam a sua ilha, a Graciosa.

O padre Inacio Coelho, vigario de Santa Cruz das Flores, quando das lutas da Restauração, enviou a Angra sessenta soldados em auxilio dos terceirenses para a rendição dos castelhanos.

Jordão Jacome Corrêa, micaelense, foi cognominado o *capitão Alexandre*, por D. João d'Austria, em consequencia das valentias praticadas na luta contra os turcos.

Manuel de Medeiros da Costa, que foi capitão de ordenanças na ilha de S. Miguel, foi para Angra, embrenhado nas lutas da restauração, armando á sua custa um navio com cincoenta homens onde durante dois meses serviu a causa de D. João IV.

João Mendes de Vasconcelos, terceirense, como capitão duma companhia de cincoenta soldados, armados á sua custa, prestou taes serviços á causa da Restauração que el-rei lhe concedeu o fôro de fidalgo.

Cristovam Borges da Costa, terceirense, durante trinta e seis anos prestou, continuadamente, serviços como capitão duma companhia, e ainda no tempo da Restauração ele desempenhou cargos de confiança que levaram el-rei a conceder-lhe o habito de Cristo.

Nicolau Antonio Borges, micaelense, coronel de milicias, comandante da Guarda Nacional, bateu-se como liberal destroçando os miguelistas, guerrilheiros espalhados na ilha de S. Miguel. Foi membro da junta governativa constituida pelo povo.

Antonio Manuel de Medeiros Albuquerque, micaelense, foi o primeiro visconde das Laranjeiras. Desempenhou varios cargos de representação nacional, entre os quaes o de adido da Legação Portuguêsa em Paris, onde foi, depois, secretario.

Gonçalo Pereira de Lacerda, faialense, durante quinze anos acudiu á defeza da patria. Em 1642 se embarcou ao lado de Saldanha, em 1843 defendia, no Alemtejo, as fronteiras, contra a invasão hespanhola, encontrando-se sempre em todas as lutas da Independencia, batalhando com denodo.

Francisco Maria da Cunha, terceirense, o general que foi chefe da casa militar até 1907, director do Colegio Militar, governador geral da India, 1892, comandante geral d'artilheria, 1893, comandante da Escola do Exercito, 1895, comandante da primeira divisão militar, ministro da guerra em 1897, presidente do conselho superior de disciplina militar, representante de Portugal nos actos solenes do quarto centenario do descobrimento do Brasil, seguindo a bordo do cruzador *D. Carlos;* presidente da comissão de limites entre Portugal e Hespanha, 1907; deputado em varias legislaturas, foi presidente da Camara e par do reino. Era socio de grande numero de sociedades scientificas e humanitarias, nacionaes e estrangeiras, ocupando a presidencia d'algumas como Sociedade de Geografia e Cruz Vermelha. Tinha gran-cruz e comendas das principaes ordens militares portuguêsas e estrangeiras que lhe cobriam completamente o peito de medalhas.

Coronel Astolfo da Costa, faialense, fez parte de varias expedições militares, ao Niassn em 1899, entrando nas acções contra o Quamba e Mataca, e no combate de Matorinha; em 1900 fez parte da missão que a Pitzmaritsburgo foi cumprimentar os duques de York; foi ajudante do governador geral da provincia de Angola, governador da fortalesa de S. Miguel, e em 1908 chefiou as operações militares da policia de Santo Antonio do Zaire, comandante militar de Setubal. Era condecorado com os graus de

cavaleiro de Torre e Espada e da ordem de S. Bento d'Aviz e comenda desta ordem, tinha a medalha de ouro de serviços distintos no Ultramar e foi louvado, por varias vezes, pelo desempenho brilhante dos seus cargos.

D. Diogo Lobo da Silveira, foi, em 1639, como mestre da armada real e mestre de campo, para o Brasil.

Manuel Pacheco de Lima, descobridor de Angola, morre no Congo aonde fôra como embaixadnr do rei de Portugal D. João III.

Gomes Pacheco de Lima, neto do grande Duarte Pacheco da India, morre em frente da Guiné, como capitão-mór duma armada portuguêsa.

João Borges da Silva, praiense e Roque Pacheco Côrte-Real, ocuparam grandes cargos na India nos tempos em que pelas armas se defendia o dominio português.

Manuel Côrte-Real de Sampaio, terceirense, sendo nomeado vice-rei da India, morre antes de tomar posse do seu cargo.

E se levarmos o nosso olhar para essa lista imensa de bravos açoreanos que na grande guerra enfileiraram ao lado dos maiores exercitos do Mundo combatendo contra os colossos alemães!

Que pleiade enorme e que brilhantes feitos praticados! quer nas plagas e desertos africanos, quer nos campos maninhos da Flandres. Não é possivel, ainda, dar todos os nomes desses valentes militares, pois que não fôram tornados do conhecimento publico os relatorios desse valoroso esforço militar.

Citaremos alguns nomes, ao acaso, alem dos já apresentados nas paginas precedentes:

Agostinho de Sá Vieira, tenente miliciano, promovido por distinção e condecorado com a cruz de guerra de segunda classe.

Abel d'Abreu Soto-Maior, tenente coronel, oficial da ordem de Torre e Espada com a medalha militar de prata da classe dos bons serviços.

Henrique de Sousa, capitão de Infantaria, condecorado com a cruz de guerra de primeira classe, a medalha militar de prata do valor militar letra C, oficial da ordem de Aviz.

José Cabral Juntor, tenente de Infantaria, condecorado com a cruz de guerra de quarta classe e cavaleiro da ordem militar d'Aviz.

João Alpoim Borges do Canto, capitão de Infantaria, condecorado com a cruz de guerra de primeira classe.

Manuel Rosa Cimbron de Faria e Maia, tenente miliciano, condecorado com o grau de cavaleiro da ordem militar d'Aviz e a ordem de Cristo com palma.

Antonio Martins Ferreira Junior, alferes miliciano do primeiro grupo de metralhadoras, tem a cruz de guerra de segunda classe.

Herculano Amorim Ferreira, tenente de Engenharia, tem a medalha de prata da classe dos bons serviços e a cruz de guerra de segunda classe.

João Augusto Gonçalves, tenente de Infantaria, promovido por distinção, tem a cruz de guerra de segunda classe e a ordem militar de Cristo com palma.

José Furtado Henriques, capitão de Infantaria, com o curso de Estado-Maior, tem a medalha de prata da classe

do valor militar e é cavaleiro da ordem militar d'Aviz e da ordem de Cristo com palma.

Procopio de Lima, capitão de Infantaria, condecorado com a medalha de prata do valor militar e o grau de oficial da ordem d'Aviz.

José Agostinho, major de Artilharia, condecorado com o grau de cavaleiro da ordem de Torre e Espada do valor lealdade e merito, a medalha militar de prata da classe dos bons serviços, oficial de S. Thiago da Espada. Foi louvádo, na *Ordem do Exercito,* pelo brilho que soube imprimir na ação da Artilharia Portuguêsa, com a sua inteligencia, zelo e esforço, arruinando gravemente a saude.

Manuel de Faria e Maia que voluntariamente se ofereceu para constituir uma unidade de assalto comandando um batalhão independente encorporado na 14.ª Brigada Britanica, foi condecorado com o grau de cavaleiro da ordem de Cristo com palma.

Joaquim José Saldanha, condecorado com a cruz de Guerra de segunda classe.

Aurelio Cesar, condecorado com a cruz de Guerra de terceira classe.

Francisco dos Reis, capitão de Infantaria, tinha, alem das medalhas de prata de comportamento exemplar, as das campanhas do Exercito Português, da Vitoria, e era cavaleiro d'Aviz.

E tantos outros que conseguiram gravar seus nomes nas paginas da Grande Guerra, combatendo na Africa e na Flandres, como:

Avila Madruga, o heroi que se encontrou em arriscados lances e foi condecorado com a *Cruz Militar inglêsa,*

e outros officiaes, como Melo e Simas, Monteiro de Barros, Alberto Camacho, Francisco de Lacerda e Oliveira, Bernardo do Canto, Paes d'Ataide, Thomaz d'Aquino, Antonio da Cunha, Albano Dias, Silveira Bettencourt, Gomes da Silva, Tavares, Benjamim Coutinho, Luiz Faria e Maia da Cunha, Moniz Rezendes, José Marcolino, Reis Rebelo, Sousa Rezende, Gaspar Teixeira, André Corsino Pacheco, Laurenio Moraes, Theotonio Borges, Thomaz Ivens, Corrêa, Cesar Gomes, Moniz da Ponte, Constantino Azevedo, Oliveira da Cunha, João Benevides, José Raposo, Tavares Ferreira, Humberto Stone, Carlos do Rego Pimentel, Gil de Medeiros, Melo, Jacinto Pacheco, José Augusto Baptista, Lacerda Nunes, João Vicente Junior, Octavio Gomes, Antonio Mendes, Francisco Machado Barcelos, Antonio Victorino Soares, Aires Faria e Maia d'Aguiar, Jacinto de Medeiros, João Anglin, Frias Coutinho, Machado da Cunha, Carlos d'Ornelas, José da Cunha, Antonio dos Reis, Hipolito Pereira, Carlos Chaves Pereira; medicos Sousa Junior, Avila Gonçalves, Manuel de Menezes, Verissimo Freitas da Silva, José Francisco de Freitas, Diniz d'Oliveira, voluntario ao serviço da Inglaterra; os chauffeurs Manuel Barbosa, Herminio Mendonça, Manuel Pereira e outros que honraram a patria elevando o nome açoreano.

Adolfo Coutinho de Medeiros, da ilha de S. Miguel, conta Carlos d'Ornelas, que foi o primeiro português que caiu varado pela metralha alemã á frente do exercito francez onde voluntariamente se incorporou. Jaz no departamento do Aisne, não longe do castelo de Bleu Sablon. Parece que providencial destino, para que o nome açoreano seja o primeiro lembrado á frente de todas as lutas generosas, na vanguarda de todos os feitos magnanimos. Mas, ha mais:

Açoreano era, tambem, aquele benemerito soldado, conhecido nas trincheiras pelo *Pereira,* que, em La-Couture, quando os alemães bombardeavam intensamente, empregando os gases asfixiantes, ao vêr uma debil creancinha de cinco anos junto do Batalhão, exposta aos perigos e condenada á morte pelos gases, arrancou a sua mascara defensiva e carinhosamente a coloca na face palida da inocente creança, expondo a propria vida numa abnegação admiravel e stoica!

São assim os açoreanos!

Vai longo este capitulo que daria para encher volumes se nele relatassemos todos os nomes e todos os feitos patrioticos de açoreanos que pela sua terra deram o melhor esforço, lutando heroicamente, dentro e alem fronteiras de Portugal, por todos os principios de justiça, de liberdade e de independencia.

NAS SCIENCIAS

ILHA
DO
FAYAL

Trecho
dos
Flamengos

ILHA DE S. MIGUEL

Um trecho da Vila da Ribeira Grande

Nas sciencias, artes e letras

O genio primitivo, o genio do ideal
Almas feitas de bronze e feitas de cristal.

GUERRA JUNQUEIRO

COMO prova de maior valor, confirmação de verdade, claresa e brilho, ao falar dos intelectuaes açoreanos, cedemos a palavra á opinião autorisadissima e sabia dum grande literato estrangeiro, o dr. Pinto da Rocha, o notavel orador e estilista brazileiro, começando pelas maiores intelectualidades, Teofilo e Antero, que, por si sós, valem uma patria, frisam uma epoca e assinalam uma literatura inteira:

«Teofilo Braga. O grande mestre de trinta gerações academicas, misto profundo de filosofo e artista; de politico e de sacerdote; de operario e de sabio; de professor e de estudante; de historiador e de poeta; de mineiro e de astronomo.

Mestre na cadeira do curso superior de letras, tem sido o cedro imenso a dar sombra e o farol perene a dar luz á inteligencia e ao futuro da mocidade da patria; filosofo e artista, a sua pena tem rasgado horisontes novos e velhos da terra portuguêsa; politico foi o demolidor terrivel, a catapulta medieval no trono da dinastia bragantina; sacerdote, foi o predicador fecundo, o Savonarola da Democracia vencedora, ao tempo em que prégal-a era uma temeridade e crer na sua vitoria era uma utopia; operario cuja vida tem sido setenta e seis anos de trabalho na forja do seu gabinete de estudo, produzindo maravilhas na historia, na arte, na poesia, na filosofia, na politica, no magisterio; sabio cuja obra é um patrimonio incomparavel de fecundidade, um tesouro opulento de preciosidades; professor que ha cincoenta anos aprende, historiador que tem escrito na lingua imortal de João de Barros a sciencia da formação da Patria, plano que Herculano concebeu e começou; poeta que tem cantado, nos versos das suas odes, as epopeias do seu povo; mineiro que desce ás camadas antigas de seculos a descobrir os filões preciosos da tradição, da lenda, da cronica e da preconceito, para apurar a verdade historica e fazer a cronica perfeita da vida lusitana; astronomo que inspira a largueza nobre e funda do seu espirito na luminosidade dos astros para redoirar os frisos severos da grandesa arquitetonica da Patria e dar a Portugal a sua feição forte, mistica, nobre, genial de monge do seculo XIV, mareante do seculo XV, beato do seculo XVII, revolucionario no seculo XVIII, reivindicador no seculo XIX e republicano no seculo XX».

«Antero do Quental. A alma portuguêsa mais estoica e mais rispidamente socratica que me foi dado encontrar na vida; o poeta cujas odes e cujos sonetos tiveram a hon-

ra de ser traduzidos em cincoenta e um idiomas e dialetos. O grande revoltoso e o grande revoltado, o filosofo genial e o suicida sublime, o patriota incomparavel e o incompreendido soberbo, o artista que tinha a altura do Pico, a graça da Graciosa, o heroismo d'Angra, a fecundidade da Horta, a tristesa do Corvo, a fé de Santa Maria, a galhardia de S. Miguel, a bravura de S. Jorge, a sombra do Faial, a austeridade da Terceira; o homem que era a sintese poetica do seu arquipelago, como Teofilo, o mestre de trinta gerações é a sintese historica das vossas ilhas».

Manuel d'Arriaga. O professor austero que tinha o segredo de Orpheu para atrair e encantar os discipulos, quando lhes recitava vibrando em comoção os versos maravilhosos do *Paradise Lost* ou as estrofes liricas do *Childe-Harold*, o tribuno forense e parlamentar cuja palavra ateniense tinha o poder sugestivo das sereias e a força invencivel da logica dominando a argumentação; o republicano austero que tinha a pureza imaculada do caracter aliada á rectidão duma consciencia fortalecida pela fé religiosa das mais nobres convicções. Era das vossas ilhas essa figura romana pela serenidade, grega pela palavra magica e visigotica pelo oiro dos cabelos e pelo azul dos olhos seismadores».

«Eduardo Abreu. Foi o Samuel Gelb da Universidade de Coimbra, o guiador ilustre da mocidade do seu tempo, a palavra tempestuosa que arrastou a multidão de Lisbôa nos comicios populares contra o *Ultimatum* de Lord Salisbury, a eloquencia do vendaval que enfrentando a força publica, envolveu de crepes a estatua de Camões e afixou na base do monumento ao cantor dos *Luziadas* este desafio de fogo:

Estes crepes que envolvem a alma da Patria, são entre-

gues ao respeito e guarda do povo, da mocidade academica, do exercito e da armada portuguêsa. Quem os arrancar ou mandar arrancar é o ultimo dos cobardes vendidos á Inglaterra.

Era das vossas ilhas, continua o distinto brazileiro, a alma impetuosa d'aquele medico ilustre que aprendera a ser impetuoso com o oceano que o viu nascer; era das vossas ilhas esse talento soberbo de parlamentar e de tribuno que arrebatou Nicolau Salmeron, Moret y Pendregast e D. Rafael de Labra, na solenidade do centenario de Calderon, quando a Hespanha, ardendo na febre da sua gloria, recebia em Madrid a fina flôr intelectual da Universidade Portuguêsa.

Filipe do Quental. O sabio medico, tio de Antero, professor da Universidade, alma que andava a espalhar o bem ás cegas, porque a luz dos olhos quasi apagados não o deixava distinguir aqueles que o coração mandava unir no mesmo altruismo bemfazejo.

Hintze Ribeiro. O grande estadista dos ultimos reis, o sabio jurista, o parlamentar que, na Inglaterra, teria sido rival de Pitt, o chefe politico da escola conservadora mas de largos vôos liberaes».

Frei Agostinho de Mont'Alverne, o micaelense que em 1629 era guardião do convento da Ribeira Grande e escreveu a *Noticia Historica das ilhas dos Açôres.*

Antonio Alvares, o faialense, que em 1700 era vigario do Maranhão e na catedral do Pará ocupou um canonicato, publicou o *Vocabulario da lingua que se fala no Maranhão.*

O padre Manuel Faria, angrense, que no seculo XVII

ilustrou a primeira cadeira de retorica na Universidade de Coimbra e missionou em Angola convertendo os gentios.

Frei Diogo das Chagas, o dilecto filho da ilha das Flôres, que em 1650 foi teologo erudito, politico, patriota notavel e historiador. Vigario provincial da ordem de S. Francisco e mestre de teologia; prestou relevantes serviços na Terceira quando das lutas com os hespanhoes. Deixou varios monumentos que existem na livraria de Manuel Severino de Faria, chantre da Sé d'Evora, entre eles o *Espelho Cristalino*.

Frei Manuel das Chagas, da ilha de S. Miguel, grande latinista, teologo e prégador afamado. Publicou alguns sermões e outras obras, no seculo XVII em que viveu, ilustrando a sua epoca.

O padre Manuel Luiz Maldonado, terceirense, que escreveu a *Phenix* cujo manuscrito pouco se conhece; mas dele disse o dr. João Teixeira Soares, o erudito: «E' um primôr! Que respeitavel e simpatico caracter, vencido apenas pela fome! E' um livro escrito com tanta superioridade e tino literario que talvez seja unico na nossa literatura contemporanea».

D. Fradique da Camara Toledo, filho do segundo conde de Vila Franca, poetou e traduzia varias obras, escrevendo outras que foram editadas em 1600.

Ray Gonçalves, micaelense, que foi lente da Universidade de Coimbra, em 1539, publicou varios livros da sua autoria.

O padre Gregorio d'Oliveira, terceirense, que em 1567 professou no Colegio de Coimbra, escreveu a *Vida do padre Baltazar Barreira*.

Frei Manuel da Conceição, terceirense, que em 1700 foi o guardião e definidor do convento de S. Francisco da vila da Praia, publicou seus *Sermões* em volume.

Gonçalo Correia de Sousa, micaelense, filho da matrona Margarida de Chaves, que em 1612 publicou, na lingua italiana, *Breve compendio de santa vita de Margarita de Chiaves di gloriosa memoria,* dedicou-o á Infanta D. Margarida d'Austria.

Frei Manuel de S. Luiz, de vila Franca do Campo, que foi guardião dos conventos da vila da Praia na Terceira, publicou varias obras no seculo XVII, em que viveu.

Frei Miguel de Castro, terceirense que em 1712 escreveu e publicou algumas obras religiosas e juridicas.

Francisco Silveira d'Avila Pimentel, faialense, que foi um notavel educador, escreveu e publicou muitos livros de ensino que foram aproveitados nas escolas.

Frei Antonio de Bettencourt, terceirense, que em 1714 publicou livros sobre assuntos varios e que raramente se encontram.

Soror Maria do Espirito Santo, a freira erudita que no convento de Santa Clara da vila da Praia da Terceira escreveu e publicou: *Vida da Veneravel Madre Izabel de S. Francisco, religiosa no convento.* Edição feita em 1660.

O padre João Pereira, micaelense, que no seculo XVII foi reitor dos Colegios de Braga, Elvas, Santarem, e provincial do Brasil e prégador de nome, publicou as *Exortações domesticas.*

Frei Miguel de Santa Rosa, o frade da vila da Praia da Terceira, em 1636 escreveu e imprimiu as *Rosas Univocadas.*

Frei José da Assunção, angrense, em 1653 publicou os seus *Sermões*.

Frei João da Fé, da ilha do Pico, que em 1710 publicou varios livros sobre assuntos diferentes e interessantes.

Manuel do Canto e Castro, terceirense que em 1639 publicou a interessante obra *Dos esquadrões modernos*.

Bernardo Botelho da Silveira, micaelense, que em 1714 escreveu e publicou varios livros.

Antonio de Lacerda Balcão, faialense, foi escritor fecundo, publicando trinta e dois romances interessantes que excederam tres mil paginas de bôa literatura.

Frei Manuel da Conceição, terceirense, que em 1705 publicou os seus *Sermões*.

Manuel Ledo de Castro, micaelense que em 1647 publicou algumas obras sobre varios temas.

Francisco Afonso Chaves e Melo, micaelense, que em 1720 escreveu e publicou a *Margarida Animada*.

Frei José da Assunção, terceirense que em 1640 ditou teologia no colegio de Coimbra e publicou os seus *Sermões*.

Alberto Pereira Rei, micaelense, que em 1763 escreveu e publicou algumas obras, hoje raras.

Diogo de Teive Vasconcelos Cabral, terceirense, que em 1785 foi tenente-coronel de Engenharia, governador de Cabo Verde e lente da Academia Real de Fortificações.

Francisco Ferreira Drumond, o historiador terceirense que escreveu e publicou, em quatro volumes, os *Annaes da Ilha Terceira*, obra que é a base segura de toda a historia Açoreana.

João José d'Andrade, o faialense que na imprensa de

Ponta Delgada sustentou, com brilho estranho, uma polemica interessante com Antonio Feliciano de Castilho.

Antonio Lourenço da Silveira Macêdo, picoense, que foi um grande trabalhador e escritor talentoso deixando memoria honrosa e imperecivel.

O padre José Antonio Camões, professor de latim, foi um poeta satirico de apreciavel engenho e escreveu alguns folhetos de apreciavel estilo comico.

Frey Thomaz da Soledade, faialense, foi, tambem, um admiravel poeta satirico, muito apreciavel na sua epoca, deixando nome.

Francisco Jeronimo da Silva, terceirense, foi um dos mais notaveis jurisconsultos do seu tempo exercendo a sua profissão na cidade do Porto onde colaborou largamente em revistas e jornaes, e escreveu um livro, ainda em manuscrito, sobre a acção miguelista em cujo partido militou. Deixou publicado um volume de *Sonetos* e varios opusculos em prosa e verso, entre os quaes *O ausente vizitando a terra natal.*

O padre Jeronimo Emiliano d'Andrade, terceirense, que foi o primeiro pedagogo português do seu tempo; as suas obras, compendios de estudo que foram adoptados e usados durante muitos anos em todas as escolas do paiz, precederam, alguns, em dezenas d'anos, materias que mais tarde foram introduzidas nos primeiros estabelecimentos de ensino.

A lista das suas obras é vastissima; vai desde a gramatica até ao pequenino compendio de doutrina, versando todos os temas de educação. Foi o fundador do Liceu de Angra e seu primeiro comissario de estudo.

O padre João Madeira, terceirense, foi lente de moral

no grande Pateo de Santo Antão de Lisbôa, ministro e vice-preposito da Real Casa de S. Roque da Côrte, sendo bastas vezes consultado pelo rei, em altos problemas nacionaes.

O padre Antonio Cordeiro, terceirense, que foi professor de retorica, filosofia, teologia e moral em Coimbra, no seculo XVII, e em Braga, Porto e Lisbôa; missionou por Vizeu, Pinhel, Torres Vedras; escreveu muitas obras em português e latim, entre elas *Cursus Phylosophicos Conimbricensis*, 1714, *Loreto Luzitano*, 1719, *Resoluções theojuridicas* 1718, uma de apreciavel engenho—*Historia Insulana*—valioso documento historico.

Pedro Cordeiro Spinosa, seu irmão, foi doutorado em Coimbra e exerceu o cargo de Juiz apostolico de causas romanisticas; foi deão da Bahia e comissario geral da Bula dos Cruzados, desembargador dos Agravos na Relação da Bahia; sendo-lhe oferecida a prelazia do Rio de Janeiro a não aceitou. Deixou varios manuscritos que fôram roubados, não sendo possivel encontral-os.

O Padre Paulo Pereira, terceirense, que em 1656 foi um grande latinista, poeta e retorico de nomeada, qualificador do Santo Oficio, deixou algumas obras entre as quaes os seus *Sermões.*

Frei Pedro de S. Francisco que em 1745 exerceu a sua profissão evangelisadora, deixou publicados os seus *Sermões.*

O dr. Antonio Moniz Barrêto, terceirense, que foi reitor do Liceu d'Angra, deixou uma grande copia de artigos e cronicas em revistas literarias; foi orador e escritor de merito; entre os seus trabalhos literarios avulta a obra *Belesas de Coimbra.*

Felix José da Costa, terceirense, que bastante contribuiu para o conhecimento duma grande parte da historia insulana, publicando muitos e interessantes trabalhos de investigação historica onde se encontram: *Memoria sobre a antiga academia militar d'Angra, Memoria estatistica e historica da ilha Graciosa, Angra do Heroismo, os seus titulos, edificios e estabelecimentos publicos, Memoria biografica do terceirense João d'Avila* e tantos outros. Foi companheiro de estudo de José de Torres e recebeu o grau de cavaleiro das ordens de Christo, e S. Thiago, condecorado com a medalha de D. Pedro e D. Maria algarismo 3 e socio honorario de varios institutos nacionaes e estrangeiros.

João Cabral de Melo, terceirense, foi poeta e linguista mui versado nas linguas grega, alemã e italiana, poetando em latim e francês. Escreveu *Taboas historicas genealogicas de familias terceirenses* e traduziu o *Paradise Regained* de Milton. Formado em Coimbra exerceu a profissão de advogado. Em 1813 discutiu com Thomaz Adson, autor da *History of the Azores*, que aconselhava o governo britanico e adquirir estas ilhas, revelando então grande eradição e amor patrio.

Tiburcio Antonio Craveiro, terceirense, poeta, historiador e traductor, foi um dos fundadores do *Gabinete Português de Leitura no Rio de Janeiro* e o seu segundo secretario. Foi o organisador pedagogico do nascente Imperio. Entre os seus livros avulta uma *Historia de Portugal.* Traduziu, entre varios livros, *A Mérope* de Voltaire, *Mitridates* de Racine, *Lara* de Byron. Foi professor de retorica no Rio de Janeiro; e tal a reputação do seu nome, que o *Instituto de França* o elegeu seu membro, homenagem raramente concedida.

D. Frei Alexandre da Sagrada Familia, faialense, bis-

po d'Angra, foi um erudito; poeta, autor da *Epistola a Alcipe* que vem nas obras poeticas da Marquesa d'Alorna; traduziu em verso a tragedia *Mérope* de Maffei, atribuindo-se-lhe ainda varias obras em manuscrito que não fôram publicadas com o seu nome. Foi este grande português que respondeu ao general Junot devolvendo-lhe o oficio em que o convidava a ir á França escolher rei para Portugal.

Luiz Bernardo Leite d'Ataide, micaelense, publicou *Manifestações de arte entre nós nos seculos XV, XVI, XVII, Notas sobre arte, Etnografia Artistica, Arquitectura regional, Organisação dos museus em Ponta Delgada, Reminiscencias da vida antiga.*

Humberto de Bettencourt, micaelense, publicou *Auto da Saudade, Ode á Caridade.*

Rolando de Viveiros, micaelense, publicou em verso: *Vingança singular, Aguarela, Historia dum jogador,* e, para o teatro, *Noite de tempestade.*

O dr. José Augusto Nogueira Sampaio, o sabio terceirense que foi reitor do Liceu e dissertou eloquentemente nas cadeiras de sciencias, publicou, entre outros trabalhos, de oratoria, o discurso *A Vida,* mantendo uma polemica scientifica, em volumes, com mgr. conego Antonio Maria Ferreira. Foi discipulo dos sabios Van Beneden, Th. Schwann, Hubert e Van Kempen, na Universidade de Louvain. Foi director do *Posto Meteorologico d'Angra* e seu fundador, em 1864. Tinha a comenda de Cristo, cavaleiro de N. S. da Conceição, membro da Sociedade de Sciencias Medicas de Lisbôa, da Sociedade de Geografia, da Société Indo-Chinoise de Paris, da Sociedade Farmaceutico Luzitana, da Sociedade dos Arquitetos e Arqueologos, etc.

O dr. Alfredo Sampaio, seu filho, publicou a mais

vasta e completa obra que sobre a ilha Terceira se conhece e onde se compendia a fauna e a flora da terra terceirense. Denominou-a *Memoria da Ilha Terceira.* Para o teatro escreveu a revista *Processo da Moda,* que alcançou o maior sucesso conhecido.

Campos Junior, o brilhante escritor, romancista historico que enflorou as letras portuguêsas deixando uma vasta colecção d'obras, entre as quaes: *Guerreiro e Monge, Luiz de Camões, A filha do Polaco, Ala dos Namorados, A visão de Jesus, Rainha Madrasta,* e outros, que tiveram as homenagens do mundo culto, nasceu na fortalesa de S. João Baptista da cidade d'Angra.

O dr. Ernesto do Canto, o paciente e sabio investigador da historia açoreana que coordenou inteligentemente esse colosso que é o *Arquivo dos Açôres,* é filho ilustre de Ponta Delgada.

O dr. Gaspar Fructuoso, esse erudito que em 1553 cursou a Universidade de Salamanca, foi o iniciador da Historia Açoreana, o primeiro que nos dá noticia do passado, a quem cabe bem o epiteto de *Heródoto Açoreano* e de quem os hespanhoes diziam: *El grande sabio de las islas de Portugal.* Escreveu as *Saudades da Terra,* já publicadas e *Saudades do Ceu,* ainda em manuscrito.

O padre Senna Freitas, micaelense, o estilista primoroso, o orador eloquente, o polemista vigoroso que foi uma das figuras mais distintas do seu seculo, que encheu a literatura com dezenas de bons livros e levou o sèu nome a todo o mundo culto que homenagens lhe prestou.

O dr. Eugenio Vaz Pacheco do Canto e Castro, micaelense, o filologo, naturalista e fino literato, polemista distinto que sustentou com o dr. Miguel Bombarda uma

luta scientifica em volumes de prosa que afirmam e confirmam o alto espirito do eradito açoreano.

José Joaquim Pinheiro, autor das *Epocas Memoraveis da Ilha Terceira*, onde relata, em seis volumes, toda a narrativa das antigas cronicas espalhadas em arquivos e o que ouviu e soube da tradição historica. Era terceirense.

O conego Rogerio da Costa, terceirense, que foi o primeiro orador sagrado do seu tempo no Arquipelago, improvisador de concepções admiraveis. Deixou publicados alguns dos seus discursos.

O dr. Manuel Inacio de Sousa Sarmento, faialense, que poetou, como os seus conterraneos Vitaliano Brum da Silveira, dr. Francisco Vieira Goulart, padre José Leal Furtado e Antonio Silveira Balcão.

José Pereira de Lacerda, faialense, foi tambem um poeta apreciado e tradutor de merito, apresentando em portuguêz *A Guerra dos Deuses*, de Parny, o *Retrato* de Diderot, o *Misantropo* de Moliere, e muitas obras de Voltaire.

O padre Bernardo Maciel, o poeta admiravel que tão cedo se escondeu na campa, deixando um livro apenas, onde a sua alma se espelha e admira — *Pedaços d'alma.*

Garcia Monteiro, o faialense que escreveu as *Rimas de ironia alegre*, livro que, por si só, faz a reputação literaria dum nome. Muitas poesias soltas se admiram deste distinto poeta que na America do Norte foi terminar seus dias.

Faustino da Fonseca é um nome que marca na literatura portuguêsa onde deixou uma colecção de livros entre os quaes o *Descobrimento do Brasil*, *Tres mezes no Li-*

moeiro, Os Bravos do Mindelo, a Arraia miuda etc. E' terceirense.

Victorino Nemésio, o prosador elegante, de estilo moderno e feição regional, que com Aquilino Ribeiro rivalisa, sem desmerecimento, autor do *Canto Matinal,* livro dos treze anos, do *Paço do Milhafre, Varanda de Pilatos,* onde se afirma um talento, é filho da vila da Praia da Victoria na Terceira.

Alfredo Campos, o escritor, jornalista e dramaturgo que conta varias peças teatraes como *Alda, a filha do sargento, Fidalgos e plebeus, Um quartêto d'amor,* e um livro de historia que bastaria para o tornar conhecido—*Memoria da visita regia,* é terceirense.

O dr. José Machado de Serpa, orador scintilante, escritor e polemista distinto, nasceu ali na visinha ilha do Pico.

Teotonio Simão Paim d'Ornelas Bruges, o descendente dos Condes da Praia da Victoria e dos primeiros capitães donatarios da Terceira, professor e director da Escola Primaria Superior, é um orador distintissimo e um jornalista vigoroso, deixando alguns livros, como *A Filosofia da Historia, Aqui, não, Duas palavras sobre a solidariedade humana,* e traduzio do francês a comedia em 3 actos *Honra e Dinheiro* de Ronsard; e tem publicado varios trabalhos juridicos de valor, onde se manifesta a cultura do seu espirito que enfileira entre os mais distintos do Arquipelago.

E' filho da ilha Terceira.

Dr. Henrique Braz, o poeta, orador e jornalista distinto que escreveu os *Vagidos* e tem uma colecção apreciavel de discursos proferidos em actos solenes, como *Aos Heroes*

desconhecidos, trabalhos que são modelos de aprimorado estilo, é terceirense e oficial de S. Thiago da Espada.

O dr. Luiz Ribeiro, advogado, jornalista, orador e publicista notavel que escreveu a *Profissão do Advogado,* os *Açôres de Portugal;* para o teatro regional *O Maior Amor,* e tantos interessantes artigos sobre assuntos varios e complexos, que encheriam volumes, é terceirense e foi agraciado com o oficialato de S. Thiago da Espada.

O dr. Antonio Joaquim de Sousa Jr. o sabio director da Escola Medica do Porto, bactereologista e medico de grande conceito, que tem afirmado o seu alto valor em volumes e em revistas de especialidade, duas vezes ministro; é filho da vila da Praia da Victoria.

Francisco Joaquim Moniz de Bettencourt, o poeta *Mendo Bem,* que escreveu e publicou o *Vale das Furnas, Notas de Viagem, Florilegio Mariense,* o *Coronel Sousa e Silva* e outros muitos volumes de prosa e verso, é filho da vila da Praia da Victoria.

João Antonio das Neves, o maestro, advogado, auctor de tantas composições musicaes que receberam o aplauso dos entendidos e apreciadores. Ocupou cargos elevados na magistratura e na administração publica. Nasceu e foi educado na vila da Praia da Victoria.

O dr. Antonio da Fonseca Carvão Paim da Camara, advogado, e professor distinto, publicou, quando director da *Escola Primaria Superior* um valioso volume de *Pedagogia* que basta para dar a medida da sua capacidade intelectual. E' terceirense.

Dr. Manuel Antonio Lino, professor erudito, poeta e dramaturgo finissimo que publicou a *Luz Bemdita, Edelweis-*

se e deixou ineditos muitos trabalhos entre eles *Rosas e crisantemos, Os Ratos,* e traduzia outros; é terceirense.

Ferreira da Rosa, o professor da *Escola Militar do Brasil,* jornalista e escritor conceituado, autor de varias obras editadas no Rio de Janeiro, como *Metodo analitico, sintetico de ensinar a ler, Leitura gradual e instrutiva,* 3 vol. *Analise fonologica, A Redentora,* romance, *Excursões escolares, O Lupanar, Anuario fluminense, Cidades brasileiras, Ao amor de Portugal,* etc. E' terceirense.

Dr. Azevedo Neves, director da *Morgue* e do *Arquivo de Medicina Legal,* profissional distintissimo que o mundo sabio aprecia, tem publicado varias obras scientificas e literarias, entre as quaes *Manual de Autopsias, O Caso Laeton, A mascara dum actor, Vida Miseravel;* é terceirense. Quando ministro do comercio, em 1918, notabilisou-se ainda pela lei sobre ensino tecnico, a mais completa que se conhece, merecendo á França a honra de a imitar.

Frei Manuel das Chagas, descendente dos morgados Bruns da Silveira, de Ponta Delgada, entra no Instituto d'Arrabida onde foi grande humanista, teologo e orador eloquente. Deixou publicados – *Conceitos humanos, Sermões* e varias obras teologicas e historicas. Floresceu em 1637.

Frei Antonio do Rosario, da Magdalena do Pico, companheiro do padre Jeronimo Emiliano d'Andrade, com quem conviveu na aprendisagem e na transmissão de ensino, conforme as doutrinas de Condillac, e Thracy, transmitidas pelo sabio D. Francisco da Soledade, deportado de 1810. Foi orador distinto, escrevendo *Sermões* que não chegaram a ser publicados.

Frei João Baptista, o faialense, que pertenceu á ordem de S. Francisco na Provincia de S. João Evangelista dos Açôres, foi o mais insigne teologo do seu tempo.

D. Francisco de S. Jeronimo, que foi bispo no Rio de Janeiro, eleito pela côrte e confirmado pela Santa Sé em Agosto de 1701, era filho de paes cujo lar foi a ilha de Santa Maria.

Augusto Ribeiro, terceirense, que foi deputado em varias legislaturas, comendador da ordem de Carlos III e de Izabel a catolica, de Hespanha, cavaleiro da Legião d'Honra, oficial de Instrucção Publica, em França, de Leopoldo da Belgica, de Gustavo de Wasa da Suecia, membro honorario da *Societé des Scienses* de Bruxelas, correspondente da *Societé-Indo-Chinoise* de Paris, membro honorario do *Conseil Heraldique* de France, da Sociedade de Geografia de Lisbôa e outras. Colaborou largamente em muitos jornaes e revistas; escreveu muitas obras entre elas o *Ultramontanismo e a Liberdade*, e algumas em francês. Foi orador e polemista elegante.

Acurcio Garcia Ramos, medico-cirurgião, terceirense, membro da Academia das Sciencias, escreveu *Noticia do Arquipelago dos Açôres*, um vol. editado em 1869, *A Ilha da Madeira* dois volumes editados em 1879 e muitos folhetins sobre varios assuntos.

José Inacio Barcelos da Silveira, terceirense, escreveu *Memoria sobre a contra-revolução na ilha Terceira em 1828.*

O padre Mariano Constantino Homem, terceirense, professor do Liceu d'Angra, escreveu e publicou muitos folhetos sobre varios assuntos, entre eles *A Biografia do Padre Jeronimo.*

O padre Manuel de Sousa de Menezes, terceirense, que escreveu um livro de *Genealogias*, monumento que Ferreira Drumond diz ser de importante valor historico.

João Miguel Coelho Borges, terceirense, que no secu-

lo XVIII escreveu e publicou varios folhetos interessantes, entre eles *Biografia de Luiz Diogo Pereira Forjaz.*

O dr. Roberto Luiz de Mesquita, terceirense, que foi eleito deputado e escreveu e publicou *A imparcialidade julgando os Jesuitas,* edição de 1830.

João Marcellno de Mesquita, terceirense, escreveu *Noções elementares de desenho e manuscritos,* edição de 1850.

Joaquim Coelho de Andrade e Santos, terceirense, que foi professor de latim em Angra e escreveu *Apontamentos sobre as quatro conjugações dos verbos latinos,* 1850.

João José d'Aguiar, terceirense, jornalista que colaborou em varios jornaes e publicou alguns folhetos, entre eles *O Bispo de Nipolis e a ilha Terceira, Memoria descritiva da inauguração do retrato do Conde da Praia.* Tinha o habito de cavaleiro de Cristo.

Antonio Joaquim Teixeira, terceirense, foi um jornalista caustico, fundador do *Chicote* e publicou em volumes— *O Paroco na Aldeia,* comedia em tres actos, a *Mulher vendida* e outros.

Joaquim José Coelho Mendes, terceirense, que foi jornalista e escritor, publicando em volume *Subsidios para a historia da literatura nos Açôres,* edição de 1886.

O dr. Alberto Teles d'Ultra Machado, terceirense, escreveu *Cantos Açoreanos, D. Afonso VI, Rimas,* e traduzia varias obras que fôram editadas, colaborando em muitos jornaes.

Thomaz José da Silva, terceirense, que foi inspector da Agricultura nos Açôres e escreveu *Reflexões sobre a agricultura, industria e comercio da ilha Terceira,* edição de 1822.

João Moniz Côrte-Real, terceirense, que em 1832 publicou *Fatalidade do Povo da ilha Terceira na sua politica contenda contra os rebeldes.*

Luiz Meyreles do Canto e Castro, fidalgo cavaleiro da Casa Real que, em 1834, escreveu e publicou—*Memoria sobre as ilhas dos Açôres.*

Gregorio Siles Gonsalez de Medina, terceirense, oficial dos correios, que escreveu e publicou, em 1882, *Luzes de Electricidade* e colaborou em varios jornaes, em prosa e verso; escreveu duas revistas para o teatro—*Espiga Magica* e *Dedo do Rei.*

Antonio Homem da Costa Noronha, terceirense, que escreveu—*Informações dos extintos conventos da Ilha Terceira,* edição de 1827.

O conego Antonio Maria Ferreira, orador sagrado dos mais distintos do Arquipelago, redactor do *Peregrino de Lourdes,* e professor do Seminario d'Angra, escreveu e publicou um livro *Perfumes de Lourdes* e sustentou uma polemica scientifica, em volumes, com o sabio dr. José Sampaio.

José Augusto da Silva Sampaio, terceirense, foi poeta e escritor, jornalista dos mais veementes, escreveu e publicou, entre varios livros, *Cantos da Mocidade* e *Dicionario de tecnologia aduaneira.*

Francisco Sieuve de Menezes e Lemos, terceirense, que manteve alguns anos, com notavel aprumo, a revista litteraria *A Semana,* colaborou em varios jornaes e publicou um livro curioso pela documentação e originalidade—*O Tabaco.*

O conego José Alves da Silva, terceirense, orador e jornalista, publicou alguns dos seus discursos e escreveu a

Topografia ou descripção fisica, politica da Terceira, com anotações á do padre Jeronimo.

Antonio Lucas de Lima, terceirense, escreveu e publicou, com prefacio do conego Ferreira, um romance em volume intitulado *Um drama de familia, ou a virtude premiada.*

Candido Luiz de Melo, terceirense, professor, escreveu e publicou um volume de versos *Volitos,* alem de poesias dispersas em revistas e jornaes.

O dr. Joaquim Bartolomeu Flores, terceirense, alem de medico distinto tem escrito para o teatro varias peças— *Preconceitos sociaes, Duas sufragistas, Pechugas e Joseitos;* e o volume *Notas de viagem á America do Norte.*

O dr. Alexandre Meyreles do Canto e Castro, terceirense, que foi juiz da Relação de Lisbôa, colaborou largamente na *Revista Academica* e no *Instituto de Coimbra.*

José Augusto Cabral de Melo, terceirense, foi jornalista, poeta e escritor que se tornou notavel e admirado nas suas *Odes.* Escreveu e traduzia muitas obras entre elas: *Aventuras do ultimo abencerragem,* de Chateaubriand e *Mérope* de Voltaire.

Camara Lima, o critico elegante e singelo que encheu jornaes e revistas com a sua acerada pena de caustico, deixou alguns volumes de apreciavel critica, como *Para as vossas orelhas moucas, Com isto não enfado mais, Cartas a todo a gente,* etc. E' terceirense.

O dr. Antonio Ferreira Serpa, faialense, o erudito autor do *Descobrimento dos Açôres, Camilo, Sum-quique* e tantos outros interessantes e valiosos trabalhos de investigação historica, que lhe mereceram os mais honrosos diplomas, como da *Real Academia de Historia de Madrid, Real Academia Hispano-Americana de Ciencias* e *Artes de Cadiz,*

de Jurisprudencia e legislação de Madrid, das Academias de Historia de Colombia, e de Venezuela, dos Institutos: de Coimbra, Araldico de Roma, Arqueologico e Geografico de Pernambuco, Geografico Argentino de Buenos Aires, das Sociedades de Geografia de Anvers, Atenas, Bogotá (Colombia) Lima, Madrid, Marselha, Mexico, e de tantas outras que omitimos. Tem em preparação uma obra que vem demonstrar a nacionalidade portuguêsa de Cristovam Colombo.

O dr. José de Lacerda, jorgense, literato finissimo que publicou, entre outras obras, de apreciavel engenho e arte, a *Hecatombe, Flôr do Pantano, Esboços de Patologia Social.*

Antonio Miguel da Silveira Moniz, jorgense, jornalista e escritor que publicou, entre outros, *Contos Insulanos, Dos Açôres á Terceira, Justiça d'El Rei.*

José Candido da Silveira Avelar, jorgense, escreveu e publicou *A Ilha de S. Jorge.*

João Duarte de Sousa, jorgense, que em 1897 publicou um volume historico intitulado *A Ilha de S. Jorge.*

Antonio Gil, graciosense, poeta mimoso, folhetinista e escritor, deixou muitas producções dispersas em jornaes e revistas e traduziu de Améde Achard, o romance *Belle-Rose.*

João Hermeto Coelho d'Amarante, graciosense, que em 1830 poetou e encheu muitas paginas de prosa, publicando, *Roma perante o seculo IX, Paginas de prosa e verso.* Foi tambem um orador distinto.

João Soares d'Albergaria, jorgense, escreveu e publicou *Corografia Açorica ou descripção fisica, politica e historica dos Açôres.*

Antonio de Sousa Hilario, jorgense, publicou, na ilha

do Fayal, onde exerceu a profissão de jornalista, *Educação Paterna* e *Breves Discursos,* cujas edições se fizeram em 1878.

João Caetano de Sousa e Lacerda, jorgense, publicou *Saudades da minha Infancia,* editada em 1867.

O dr. José Pimentel Homem de Noronha, jorgense, colaborou em varios jornaes e escreveu e publicou em 1874 —*A justiça das eleições no sistema representativo* e *Duas palavras sobre recambios.*

O dr. Armelin Junior, essa figura veneranda que, como advogado e literato tem conquistado um dos primeiros lugares na colonia Açoreana de Lisbôa, é um orador conceituoso, jornalista e escritor de amplos recursos. Publicou uma obra *Dois benemeritos;* é director do *Correio Juridico,* presidente do *Gremio Açoreano.* Nasceu na ilha de S. Jorge.

Manuel Augusto d'Amaral, o poeta inexcedivel das *Cantigas,* o autor primoroso das *Miragens, Volatas,* e tantas outras composições poeticas que enchem e honram a literatura insular e lhe dão o primeiro lugar entre os do seu tempo. E' micaelense.

Guilherme Read Cabral, o poeta e prosador admiravel que publicou—*Em pleno Atlantico, Glorias e Primores de Portugal, No seio da terra* e *nas profundesas do Mar,* e outros volumes de historia e sciencia, é micaelense.

Francisco Arruda Furtado, o sabio naturalista, amigo de Darwin, que publicou—*A antropologia nos Açôres* e deixou dispersos por jornaes e revistas varios trabalhos de investigação scientifica e alguns ineditos, é micaelense.

Joaquim Candido Abranches, que publicou *Lucubrações literarias* e deixou inedito *Convulsões da terra,* que ilus-

trou albuns de *Zoologia Micaelense, Iconografia, Botanica Micaelense,* nas côres naturaes, é filho da ilha de S. Miguel.

José de Torres, o fundador da *Sociedade dos Amigos das Letras e Artes,* e foi redactor principal da *Revista dos Açôres* e deu a melhor cooperação ao *Panorama* e *Arquivo Pitoresco,* e publicou *Ensaios, Lendas Peninsulares, Faustos Micaelenses, No interior da ilha de S. Miguel,* e regeitou sempre, até á morte, num excesso natural de modestia, todas as honras que lhe ofereceram as Academias; era micaelense.

Alice Moderno, esse talento feminil que é considerado dos primeiros em Portugal, escreveu e publicou, entre varios folhetos, artigos, versos e volumes—os *Trilos, Martires do Amor* e outros muitos; é da ilha de S. Miguel.

Augusto Loureiro, o escritor micaelense, que entre os seus livros conta—*A Bruxa,* foi um dos que primeiro deram á sua prosa a forma e a ideia regionalista.

O dr. Bruno Carreiro que, alem de medico e operador distinto, sabedor, não só da cirurgia como da botanica, que fornecia a estrangeiros os elementos precisos para os seus trabalhos scientificos, foi director do *Arquivo Medico dos Açôres.* Nasceu na ilha de S. Miguel onde sempre desenvolveu sua actividade scientifica.

O dr. José Bruno, seu filho, alem de poeta e orador muito apreciado, é o fundador e director do grande diario micaelense *Correio dos Açôres,* um dos primeiros de Portugal. Escreveu para o teatro algumas peças, publicando apenas uma, escripta quando estudante, *Uma vespera de feriado,* que fôra representada no Teatro S. Carlos em Lisbôa, com assistencia das Majestades, oferecendo-lhe a

rainha D. Amelia uma linda cigarreira de prata. E' oficial de S. Thiago da Espada.

Manuel Antonio de Vasconcellos, o fundador do *Açoreano Oriental* foi o deputado de quem Rodrigo da Fonseca, o grande estadista, seu adversario, disse no parlamento: «Não pode duvidar-se que o snr. deputado que me precedeu é talvez a cabeça mais bem organisada desta Camara». Era açoreano.

Julio Angelo Borges Cabral, da ilha de Santa Maria, colaborou em varios jornaes e publicou—*Geografia, historia e estatistica das ilhas*, e outro volume *Insulares*.

José Inacio d'Andrade, mariense, foi um grande viajante que correu a India e a China, escrevendo um interessante livro que publicou—*Cartas escritas da India e da China, nos anos de 1815 a 1835, a sua mulher D. Maria Gertrudes d'Andrade* e outro: *Memoria sobre a destruição dos piratas da China e da entrada violenta dos inglêses na cidade de Macau*. Foi diretor do *Banco de Lisbôa*, do de *Portugal* e presidente da Camara Municipal da cidade de Lisbôa.

Armando da Silva que no jornalismo continental occupou lugar de destaque e publicou em volumes algumas obras literarias e scientificas, entre as quaes *Explorações submarinas* e outra intitulada—*Moluscos*, era micaelense.

D. Virginia da Fonseca, a esposa do escritor Faustino da Fonseca, terceirense como seu marido, alem de pintora distinta, traduzia varias obras como *Dramas na Côrte*, de Ladoucette, *Os Amores de Pedro o grande*, de Launay, *D. Quixote de la Mancha* de Cervantes, e outros volumes.

Francisco de Paula e Oliveira, micaelense, antropologo e geologo distinto, publicou *Note sur les ossements hu-*

mains qui se trouvent dans le musée de la section geologique á Lisbonne e outros que fôram bem aceites pelos scientistas, com elogio honroso.

João Machado de Faria e Maia, micaelense, o companheiro e amigo de Antero, Oliveira Martins, Eça de Queiroz e Teofilo Braga, foi um prosador e poeta distinto, entregando-se tambem a trabalhos de investigações scientificas e historicas.

O padre João José d'Amaral, micaelense, deixou alguns volumes de poesia e prosa, ineditos, e publicou outros, entre os quaes—*Primeiras lições de geografia,* traducção do inglez, *Elogio recitado na sala do governo aos benemeritos restauradores da Liberdade.* Era um erudito e linguistico, manejando as linguas latina, francêsa e inglêsa.

João de Moraes Pereira, micaelense, foi um astronomo que colaborou em varias revistas scientificas. Dele disse Melo e Simas, um consagrado na sciencia—«E' um dos homens de mais valor scientifico dos Açôres».

O dr. Oliveira San Bento, poeta, orador e jornalista, dos mais primorosos, publicou em volumes—*O Poema do Atlantico, Espiraes de Fumo, O Velho do Restelo* e tem colaborado em revistas e jornaes varios. E' micaelense.

O dr. Armando Côrtes Rodrigues, professor, jornalista, e poeta distinto, publicou um livro de versos *O Poema da Humildade;* e, para o teatro escreveu a primeira peça de sabôr regional que se representou nos Açôres, intitulada *O Milhafre.* E' oficial de S. Thiago da Espada.

O dr. José Machado de Serpa, picoense, orador, critico, e jornalista muito apreciado, escreveu—*A industria piscatoria nas ilhas do Fayal e Pico.*

Raposo d'Oliveira, micaelense, jornalista e poeta

apreciado, publicou, entre outros livros—*Ardentias, Natal, Oração do Amor, Pão, Via Sacra, O Poeta do Só,* alem duma grande obra espalhada por jornaes e revistas.

O padre Osorio Goulart, faialense, orador, poeta, e escritor primoroso, que escreveu e publicou *Murmurios, Polifonias, Horas Solenes,* e tem em publicação *A Ilha da Ventura.*

Manuel Greaves, jornalista, poeta e prosador, publicou varios volumes, entre os quaes—*Notas d'Arte, Vigilias, O meu tempo, De Bond* etc. E' faialense.

Rodrigo Guerra, fayalense, considerado o primeiro contista açoreano, tem dispersos, por jornaes e revistas, muitos e apreciaveis trabalhos que dariam alguns volumes.

Euclides Costa, faialense, que foi nosso consul em S. Francisco da California, é um jornalista e escritor muito distinto, que publicou, entre outros volumes, *Escarvoadas, Lirios,* etc.

Antonio Baptista, faialense, que foi um jornalista vigoroso, polemista, critico, e poeta, deixou muita prosa em revistas e jornaes, e publicou em volume *A Fonte dos Namorados,* e outros, tendo o seu principal monumento nessa obra colossal que dirigiu—*Album Açoreano.*

Manuel Joaquim Dias, faialense, o poeta da *Apoteose Humana,* é uma reputação literaria que honra os Açôres.

O morgado José Caetano, de S. Miguel, como verdadeiro artista, se dedicou á mecanica, e, como estudioso e literato, deixou 211 paginas de apontamentos historicos. Dele dizia Bulhão Pato: nunca encontrei um *causeur* como José Caetano.

Manuel da Camara, micaelense, escritor que se tem dedicado ao genero historico em forma romantica, publi-

cou já—*Vinte contos insulanos, Uma mistica do seculo XVIII, A Morgadinha de Valongo.*

Francisco S. de Lacerda Machado, picoense, tenente-coronel de Infantaria, socio da *Academia de Sciencias de Portugal* e do *Instituto Historico do Minho,* escreveu e publicou em volumes—*Os capitães Móres das Lages, Vocabulario Regional* etc.

Rebelo de Betencourt, micaelense, jornalista e escritor, critico apreciavel, que encetou a sua carreira literaria com os *Novos Escritores,* editado em 1919 e prosegue colaborando largamente em revistas e jornaes.

Joaquim Bensaude, micaelense que em Paris se tem entregado ao combate dos erros sistematicos de Humbolt, defendendo a nossa prioridade nos descobrimentos maritimos. Publicou já *Les Legendes Allemandes* e *La Navigation Nautique.* E' membro do Instituto de França. Conseguiu, com o Visconde de Santarem, erguer no estrangeiro, perante o mundo, o nome português, que a escola de Humbolt maliciosamente deturpara, enfermando dos seus erros até alguns portuguêses.

D. José da Costa Nunes, picoense, poeta e prosador, é o bispo de Macau, que tem publicado apreciaveis trabalhos de oratoria, entre eles—*Sermão da Cruz, O Padroado do Oriente,* conferencia na Sociedade de Geografia de Lisbôa. etc. A ele nos referimos no capitulo *Colonisadores e Missionarios.*

Antonio Carvalho Braga, tenente d'Infantaria, filho da ilha de Santa Maria, fundou o *Albergue Nocturno* e publicou varios opusculos, entre eles, em volume—*Memorias do Castelo do Monte.*

Maduro Dias, terceirense, é um novo dotado d'apti-

dões multiplas, tanto para as letras como para as artes; publicou um pequeno volume de *Cantigas Populares*.

Renato Santos, micaelense, que escreveu e publicou dois volumes de prosa intitulados *Verdades*, *Os Luziadas como poema nacional*.

O dr. Gonçalves Cota, terceirense, escreveu e publicou uma peça teatral *Loucos d'amor* e é advogado na metropole.

Antonio Ramiro, jorgense, poeta que escreveu e publicou as *Folhas Secas*, tendo espalhado por jornaes retalhos de prosa e verso.

Rui de Mendonça, graciosense, escreveu e publicou uma peça teatral —*A Flor da Serra*, editada em Angra.

Frederico Lopes, terceirense, antigo e considerado jornalista, orador, é uma das figuras de maior relevo nas letras açoreanas. Conserva ineditos alguns trabalhos e colaborou, com seu filho o tenente F. Lopes Junior, na revista *Flôres e Bandarilhas*.

Frederico Lopes Junior *(João Ilheu)* poeta e prosador, da nova geração, escreveu já e publicou—*Tipos da Minha Terra*—colaborou na revista *Flôres* e *Bandarilhas*, escreveu mais para o teatro *Agua Corrente*, peça em tres actos, *Casas baratas*, e tem em preparação outros trabalhos.

Remedios de Bettencourt, terceirense, jornalista que na capital exerce a sua profissão, escreveu um livro de mocidade—*Gosai a vida!*

D. Maria dos Santos, terceirense, que acaba de doutorar-se em sciencias, publicou em folheto uma interessante conferencia sob o tema *Portugal no Seculo XVI*.

Constantino José Cardoso, terceirense, advogado, jor-

nalista, orador, tem publicado alguns trabalhos juridicos em folhetos que não foram apresentados no mercado.

Constantino de Meneses Cardoso, terceirense, advogado e orador, publicou o discurso pronunciado no salão da Cosinha Economica Angrense sobre a data do Primeiro de Dezembro de 1640, e varias minutas d'agravo.

O padre Nunes da Rosa, picoense, jornalista e escritor dos mais conceituados. Tem um livro de contos interessantissimos *Pastoraes do Mosteiro* e no prelo *Gente das Ilhas*.

O Coronel Francisco Afonso Chaves, micaelense, director dos serviços meteorologicos nos Açores, homem sabio e conhecido nos principaes centros intelectuaes do Mundo. Colaborou largamente nas principaes revistas scientificas e escreveu em volume *Raport sur l'e'tablissement projété du Service Météorologique des Açores, Description of the island of S. Miguel,* dirigiu o *Arquivo dos Açores*. Era um erudito, versando astronomia, mineralogia, zoologia, meteorologia, sismologia, oceanografia, magnetismo.

O major José Agostinho, terceirense, continuador da obra do coronel Chaves, sucedendo-lhe na direcção dos serviços meteorologicos onde tem conseguido glorias; ainda ha pouco com o invento dum aparelho scientifico para a observação do movimento das nuvens e calculo da velocidade do vento, a que chamou *Nefoscopio*. E' um erudito, conhecedor de varios ramos de sciencia, falando e escrevendo algumas linguas. Colaborador de revistas nacionaes e estrangeiras, publicou uns folhetos, na lingua inglesa e francêsa, de propaganda da Terceira. E' oficial de S. Thiago da Espada.

O padre Thomaz Borba, terceirense, o maestro, professor do *Conservatorio de Lisboa* que colabora assiduamente em revistas musicaes, tem já publicadas algumas obras em volume, como *Toadas da minha Terra, O Canto Coral nas Escolas,* e outros que tiveram o aplauso de nacionaes e estrangeiros.

Rodrigo Alvares Pereira, micaelense, capitão de Infantaria, publicou em volume, ricamente impresso, *Esboço Historico do Regimento de Caçadores 11.*

Thomaz José da Silva, terceirense, escreveu *Reflexões sobre a Agricultura, industria e comercio da ilha Terceira.*

Francisco de Lacerda, jorgense, o maior talento musical da sua epoca em Portugal. Na Alemanha, na Italia, na França, o maestro açoreano tem conquistado os maiores triunfos, regendo as mais completas e mais distintas orquestras de 300 e de 400 figuras, como em Milão, Marselha, e Nantes onde regeu a orquestra e coros da *Schola Cantorum* do celebre oratorio J. S. Bach. Muitas paginas de revistas estrangeiras, de especialidade musical, teem consagrado ao grande maestro os mais honrosos encomios. Em Paris, no teatro dos *Campos Eliseos,* por ocasião dos festivaes da *VII Olympiade,* Francisco de Lacerda, regia a *Paixão, conforme S. João,* magnifica composição de Bach, côro triplice, duas orquestras e orgão, num total de 400 executantes. Francine Benoit, disse no *Courrier Musical:* «Ao contrario de muitos artistas meridionaes, exclusivamente intuitivos, Francisco de Lacerda reune aos seus dotes naturaes uma cultura tão profunda como vasta».

E' cavaleiro da Legião d'Honra e oficial da Torre e Espada, e de S. Thiago de Espada.

O dr. Gil Mont'Alverne de Sequeira, orador distinto,

jornalista e escritor, medico de reputação, escreveu *A Estação termal das Furnas, Os alienados nos Açôres, O tratamento termal da béribéri*, etc. Em literatura tem varios trabalhos como *Questões Açoreanas;* e, no teatro, um drama *O padre Angelo.* E' socio da Academia das Sciencias de Lisbôa, da Sociedade das Sciencias Medicas e da Academia Fisico Quimica de Palermo. Foi um dos mais valorosos paladinos da Autonomia Açoreana. E' oficial de S. Thiago de Espada.

José Caetano de Lacerda, faialense, medico que se notabilisou pela sua sciencia, especialisando-se em patologia nervosa, em que se tornou conhecido no mundo scientifico. Alem da sciencia profissional, era um literato mui versado, poeta distinto que publicou o *Pantano,* poema de grande merito.

João Caetano de Sousa Lacerda, faialense, foi um investigador de coisas açoreanas contribuindo para o conhecimento d'alguns factos obscuros. Publicou em volume intitulado *Os meus antepassados.*

Gaspar Teles de Lacerda, faialense, foi um grande artista do lapis, que, no continente e estrangeiro, desempenhou cargos de responsabilidade como—chefe dos desenhistas da *Ilustração Portuguêsa;* e no Brasil, desenhador das grandes revistas—*Fon-Fon, Revista da Semana, Faceira, Carioca;* director artistico da *Faladora, Gazeta de Noticias, Correio da Manhã.* A bico de pena fez o *Cristo e a Samaritana* para um concurso de arte cristã. Ha dele aguarelas que rivalisam com as dos melhores artistas do genero.

Augusto Açôres e Alvaro Açôres, faialenses, são dois irmãos pintores que nos atelieres de Boston teem honrado o nome açoreano em admiraveis quadros de pintura.

José Jeronimo Cabral de Lacerda, faialense, cursou a *Escola de Belas Artes* onde é hoje professor consagrado, leccionando gravura a talhe doce.

Domingos Rebelo, micaelense, o pintor que ocupa um dos primeiros lugares na Arte, tem-se notabilisado por varios trabalhos, conseguindo o aplauso de mestres. Entre as suas telas se destacam dois admiraveis quadros—*A adoração de Jesus na noite do Natal* e *Os emigrantes.* E' official de S. Thiago da Espada.

O dr. Carlos de Mesquita, faialense, foi professor do liceu de Vizeu, publicou varios jornaes e um livro *O romantismo inglês.*

Francisco Vieira Goulart, faialense, bacharel em Direito, padre e poeta, socio da *Academia Real das Sciencias,* foi director do *Laboratorio Quimico do Rio de Janeiro* e reorganisador da *Botica Real,* desempenhando varios cargos na grande nação brazileira.

Bento Pereira de Lacerda, faialense, de grande aptidão literaria, cultivou as musas. Como bohemio relacionou-se com o celebre poeta Bocage e com André da Ponte do Quental, tornando-se inseparaveis nas aventuras e esturdias. Acompanhou Napoleão, escapando milagrosamente na campanha da Russia. Morreu no Brasil e foi grande amigo de D. João VI.

Sebastião d'Arriaga Brum da Silveira, faialense, engenheiro agronomo que publicou: *Projecto da Cultura e Agricultura pratica.*

José d'Arriaga Brum da Silveira, faialense, formado em Direito, foi um erudito e historiador notavel, tendo uma grande lista de obras de alto valor, entre as quaes: *As ra-*

ças historicas na Luzitania, Historia da Revolução de 1820, Influencias do Cristianismo nas ideias modernas.

João Teixeira Soares de Sousa, jorgense, bacharel formado em filosofia pela Universidade de Coimbra, foi uma das individualidades mais distintas do Arquipelago, prestando serviços á Historia, na investigação paciente a que se entregou, consumindo nela toda a sua vida. A ele se deve o *Cancioneiro dos Açôres* e a historia açoreana tem nele o seu desvelado cultor no incitamento á publicação do *Arquivo dos Açôres* para que contribuiu muitissimo.

Manuel Soares de Melo e Simas, graciosense, coronel de Artilharia, é considerado um sabio. Director do *Observatorio da Tapada da Ajuda,* tem prestado altos serviços á Sciencia, colaborando em revistas scientificas, nacionaes e estrangeiras, o seu nome impõe-se como o d'uma das maiores glorias açoreanas.

José Soares de Sousa, jorgense, beneficiado da Matriz das Velas, deixou manuscritas as seguintes obras—*Catalogo dos Bispos dos Açôres, Memoria sobre a fundação do convento de freiras das Velas* e outros.

Florencio Terra, fayalense, é um dos maiores literatos do Arquipelago, considerado o primeiro novelista açoreano. E' oficial de S. Thiago da Espada.

Marcelino Lima, faialense, é um escritor consagrado e um investigador emerito, apresentando em volume um trabalho mui apreciavel—*Familias faialenses.*

Alberto Teles d'Utra Machado, faialense, escreveu e publicou, entre outras obras, *Corografia Açorica, A expulsão dos Jesuitas,* um livro de versos intitulado *Rimas;* traduziu *A Peregrinação de Child Harolds,* de Byron, *As cartas familiares,* do italiano José Bareti.

José Curry da Camara Cabral, faialense, membro da *Societé d'Higiene*, de Paris, e de outras associações estrangeiras, presidente da *Sociedade de Sciencias Medicas de Lisbôa;* e foi um grande amigo de Sousa Martins e de Manuel Bento de Sousa, enfileirando com estes dois sabios na competencia; deixou muitos escritos scientificos e foi das maiores glorias da sciencia portuguêsa.

Antonio de Lacerda Balcão, faialense, escritor que publicou tres pequenos volumes, muito raros, cujo nome não nos ocorre.

Helena Graça, poetisa graciosense, que escreveu e publicou dois livros de versos—*Focados* e *Vespas e Mariposas.*

Ana Adelaide da Costa Nunes, faialense, poetisa que escreveu e publicou um elegante volume de versos com a epigrafe *Singelos.*

Henrique Dias, picoense, poeta que publicou varias poesias e reuniu num interessante volume sob o titulo *Harpejos.*

O padre Manuel José d'Avila, faialense, foi um erudito, investigador e ilustrado que redigiu os *Anaes do Municipio* e dirigiu superiormente o *Posto Meteorologico da Horta.*

Emerson Ferreira, picoense, tem colaborado, larga e proficientemente, em varias revistas e publicado alguns volumes, entre os quaes um livro interessantissimo—*O valor das Nações.*

Henrique Vieira da Silva, terceirense, professor de musica e compositor que musicou a operêta *Agua Corrente* com numeros originaes de apreciavel audição.

André da Ponte Quental, micaelense, fez parte da reação organisada em 1808 por seis portuguêses contra o dominio napoleonico, para restaurar a patria, vingar a religião catolica-romana e restituir ao trono o legitimo rei, como refere o dr. Antonio Ferreira Serpa.

O padre Ledo de Bettencourt, micaelense, orador e escritor, publicou um interessantissimo perfil—*A' memoria do grande português e venerando bispo D. Antonio José de Sousa Barroso.*

Alberto Carlos de Sousa Pinto, nasceu na ilha de Santa Maria. E' um pintor distinto que trabalha em Paris e cujas telas são admitidas no *Salon* e adquiridas pelo governo francês, figurando algumas no museu de Hespanha ao lado dos mestres da pintura.

José Julio de Sousa Pinto, nasceu em Angra do Heroismo. Pintôr dos mais distintos do seu tempo, obteve durante o seu curso tres premios pecuniarios. O seu primeiro trabalho conseguiu elogiosas referencias de toda a imprensa parisiense, quando da exposição no *Salon.* Os seus quadros principaes são assuntos açoreanos *A volta dos barcos, Barco perdido, As calças rotas.* Na grande exposição Universal de 1889 obteve medalha d'honra; os seus trabalhos figuram no museu de Monte-Carlo, no museu de Lisbôa, no museu d'Amiens, museu de Nice, de Melbourne na Australia, do Rio de Janeiro, de Luxemburgo etc. O governo português agraciou-o com o grau de Cavaleiro da Ordem de S. Thiago, 1884, e o francês com a Legião d'Honra, 1893. E' um dos mais notaveis artistas do seu seculo.

João de Simas e Rodrigo Rodrigues, micaelenses, dois eruditos, bibliografos, investigadores que apresentaram a

nova edição das *Saudades da Terra* do historiador açoreano dr. Gaspar Fructuoso, parte referente á ilha de S. Miguel.

O padre José Jacinto Botelho, micaelense, poeta, cujas quadras rivalisam com as de Augusto Gil, tem um livro de versos admiravel, que a sua modestia retem privando o publico da sua publicidade em volume.

Frei Inacio de Santa Maria, mariense, deixou manuscritos descrevendo as suas viagens pela Europa, não tendo, comtudo, a necessaria publicação em volume.

Frei Bartolomeu do Quental, micaelense, escreveu varias obras, entre elas: *Meditações da Infancia de Cristo, Meditações da sacratissima paixão e morte de Cristo, Meditações da Gloria, Ressurreição de Cristo* e varios sermões.

Frei Thomaz da Soledade, o *Padre Galo,* faialense, (1758) foi um poeta, afamado orador, retorico, de grande fama e consideração.

Manuel Francisco de Medeiros Botelho, escreveu e publicou *Compendio de Geografia, Projectos de reforma de ensino primario e secundario, O que deve ser a instrução nacional.*

O dr. Filomeno da Camara, micaelense, formado em medicina, doutor de capêlo, foi lente da Universidade de Coimbra onde se distinguiu por forma tal que honrou o nome açoreano.

O Conselheiro Luiz Poças Falcão, micaelense, foi presidente da Camara dos Deputados e par do reino, honrando os Açôres.

O dr. Theofilo Ferreira, da ilha das Flôres, formado em medicina, foi o director da Escola Normal de Lisbôa e

vereador da Camara Municipal em 1878, honrando o nome açoreano.

O dr. Manuel José d'Arriaga Brum da Silveira, faialense, escreveu e publicou *Memoria geografica, estatistica, politica e historica sobre as ilhas do Faial e Pico.* Foi intendente geral da policia, desembargador do Paço e conselheiro de Estado.

O dr. Vicente Machado de Faria e Maia, micaelense, segundo visconde de Faria e Maia, escreveu e publicou varias obras entre as quaes *Beatriz, Cavaleiros d'Africa.*

João José da Graça, faialense, foi reitor do liceu da Horta, e publicou trabalhos sobre sciencias naturaes, fisica e quimica, e obras pedagogicas e literarias, como *Novo Metodo para aprender inglês pelo sistema de Ollendorff adaptado aos portuguêses,* um compendio de gramatica inglêsa, alem dos compendios *As primeiras letras, A existencia de Deus* etc.

O padre Francisco Fartado de Mendonça, faialense, que missionou pelo Japão e foi morrer em Macau, escreveu varias obras, entre as quaes—*Logica e Metafisica, De Mundo et Coelo.*

Alfredo de Matos Angra, terceirense, que em 1927 era o decano dos jornalistas portuguêses, colaborou largamente nos principaes diarios do paiz; foi poeta, romancista, folhetinista, deixando uma grande obra literaria. Filho dum dos bravos do batalhão de Caçadores 5 que fez a campanha das Liberdades na ilha Terceira, morreu no Porto em novembro de 1927, com 82 anos de idade. Deixa publicados os romances *Amor e ansadia, A sobrinha do major, A Fidalguinha, o Meu romance, Amor em guerra aberta, Maria Natalia;* um livro de poesias *Neblinas da tarde;* e

para o teatro *Narciso com dois pés*, opereta, *Medico das creanças, A minha outra metade* etc.

Miss Mary Silveira, a apreciada e distinta cantora que tem constituido o encanto das plateias do Novo Mundo, é filha dum humilde açoreano que viveu em Gloucester e morreu no mar, na sua faina rude e arriscada de pescador.

João da Mota Furtado, terceirense, engenheiro agronomo, é o director dos *Serviços d'Agricultura* na provincia de Angola.

O dr. Francisco Lourenço Valadão Jr. terceirense, advogado, orador e jornalista, tem, impressos, varios trabalhos juridicos, em folhetos que não foram apresentados no mercado. E' um dos mais notaveis defensores.

O dr. Miguel Street d'Arriaga, faialense, publicou um drama em tres actos—*Um crime*, e mais: *A filha do Morgado, a Lição de Guitarra, Os estudantes, Nobresa e Amor;* e traduziu o poema americano *Evangeline.*

Raul Bensaude, micaelense, é o medico distintissimo, o operador abalisado, que, na grande Paris, onde fulguram as primeiras sumidades do mundo scientifico, ocupa um lugar de destaque, tão notavel que, o Kediva do Egipto o chamou a salval-o duma perigosissima afeção mortal. Eduardo VII e Fernando da Romenia o tem chamado á sua cabeceira. E' professor da Universidade de Paris. Entre varias obras, avulta um importantissimo vol.—*Traité de Rectoscopia.*

Alfredo Bensaude, micaelense, conquistou a medalha d'ouro desse afamado estabelecimento scientifico que é a Universidade de Göttingen, onde se doutorou, e vem espa-

lhando, pelas cadeiras que rege, os fulgores do seu espirito culto, privilegiado.

O marquez de Jacome Corrêa, micaelense, da *Sociedade de Geografia de Lisbôa*, da *Associação dos Arqueologos* e do *Instituto de Coimbra*, escreveu e publicou—*Leituras sobre a historia do Vale das Furnas, Historia da descoberta da Ilha, Memorias, A Ilha da Madeira*, etc.

O dr. Manuel Carreiro, micaelense, publicou um livro *Meio dia*, de excelente prosa com que inaugurou a sua carreira literaria.

O dr. Jacinto Gago M. de Faria e Maia, micaelense, escritor que, entre os seus trabalhos literarios, conta—*O capitão Magno, Os que voltam*,—escreveu, quando academico—*Sintese da vida economica do Estado, Sintese economica e social, Rapido exame da lei comercial*.

Angelo Ribeiro, terceirense, doutorado em sciencias, é professor, poeta e prosador muito apreciado, tendo já na sua bagagem literaria—*Verso antigo*, e *Sonata da Evocação*, dois poemas; e *Curso de iniciação filosofica*, traduzindo *Fedon* de Platão.

Alfredo Mesquita, terceirense, escreveu varias obras literarias, entre elas *Vid'Airada, Memorias d'um fura vidas, A America, A rua do ouro*, reside em Paris.

Mateus Augusto, terceirense, fundou, em 1871, a primeira biblioteca popular nos Açôres; e, ele proprio, abriu o primeiro curso popular pelo metodo de João de Deus. Colaborou em varios jornaes e fundou o *Gremio Literario*. D. Antonio da Costa, o grande evangelisador do ensino, tributou-lhe, publicamente, o testemunho da muita consideração em que o tinha; pois que o classificava como o sucess-

sor de Castilho, e quem maiores serviços prestou á civilisação popular.

Anibal Bicado, micaelense, escreveu e publicou uma interessante conferencia subordinada ao tema—*Castilho em S. Miguel,* alem dos seus apreciaveis trabalhos de investigação—*Poeiras do Passado.*

Joaquim Maria da Silva, terceirense, formado em direito, matematica e filosofia, foi um advogado distinto; servia de presidente da Junta Geral de Santarem onde foi reitor do Liceu e comissario de estudos. Correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisbôa, era agraciado com a comenda de Cristo, e socio da Academia Madrilena de Jurisprudencia e Legislação. Escreveu algumas obras e traduzio *Educação das mães de familia,* de Aimé Martin.

Francisco d'Ataide M. de Faria e Maia, micaelense, escreveu e publicou: *Interdependencia da evolução men'al, social e pedagogica, Em prol da instrução, Kodaks, Vencido, Os deportados d'Amazona, Pela Suissa e pelo Rheno.*

Guilherme de Moraes, micaelense, publicou *Lições de Direito fiscal, Sob a dôr da catastrofe o silencio das lagrimas, O Direito internacional e a paz da Europa.*

Espinola de Mendonça, micaelense escreveu e publicou *Rosiclers,* livro de versos, *Saudação a Portugal, Ultimo Adeus.*

Clemente Pamplona, terceirense, escreveu varias peças para o teatro, sendo representadas as comedias *A' caça duma fortuna, O poder duma creança* e a revista *Com papas e bolos* musicada por João dos Reis Neves.

Raimundo Belo, terceirense, publicou um volume literario que intitulou *Prosas Soltas.*

Dutra Faria, terceirense, estreiou-se com um volume *Ao Acaso*, ensaio de literatura futurista.

Eleuterio Correia de Melo, jorgense, apresentou um volume de versos a que chamou *Luar da Serra*.

Doutor Aurelio Quintanilha, terceirense, primeiro assistente da Universidade de Coimbra, botanico eminente, escreveu *Contribuição ao Estudo dos Synchytrium*, *O Problema das plantas carnivoras*, estudo citofisiologico da digestão no drosophyllum lusitanicum, *A Universidade livre de Coimbra* (discurso).

Carlos d'Ornelas, terceirense, o intemerato propagandista do arquipelago açoreano, director da *Revista Insular e de Turismo*, publicou em volume ilustrado uma conferencia *A Madeira e os Açôres*, *O açoreano na Grande Guerra*.

Maria Santos, jorgense, publicou um interessante opusculo, ilustrado, sob o titulo *A lenda d'Angra*.

José Vieira d'Areia, terceirense, professor e jornalista, escreveu para o teatro e fez representar, uma interessante peça *Os anos da Lulú*.

Joaquim Coelho d'Andrade Santos, terceirense, escreveu *Apontamentos sobre as quatro conjugações acomodados á gramatica elementar da lingua latina do sr. Joaquim Alves de Sousa*.

Elias José Ribeiro Junior, terceirense, que foi general do exercito, publicou um folheto *Carta ao reverendo Rogerio da Costa*.

João da Rocha Ribeiro, terceirense, publicou *Colecção de avisos regios e oficios e mais papeis relativos á exportação do grão das ilhas dos Açôres*.

João Sodré, terceirense, que no Rio de Janeiro presta

grandes serviços aos Açôres, quer na imprensa quer na secretaria da Assistencia aos Portuguêses Desamparados, é um nome que se impõe á gratidão dos açoreanos.

Alvaro Sampaio, terceirense, professor do Liceu de Aveiro e presidente do congresso ali realisado, publicou em volume o resultado desse congresso.

Thomé de Lacerda, escreveu e publicou um trabalho scientifico intitulado—*Actualidades e utilidades medicas.*

Marciano Henriques da Silva, micaelense, o pintor relacionado com os primeiros artistas do mundo como Tomás Mason, Hiraldes, o duc Caetano, di Gozerta, Giobert Palmarole, executou na tela o *Cardeal Rei,* o *Tasso, Um filosofo,* e outros. D. Pedro V e D. Luiz I lhe dispensaram amisade.

O dr. Mario Moutinho, o medico especialista em oftalmia, escreveu e publicou *O tracoma em Portugal;* e, em folheto, as suas impressões sobre os Açôres, a que deu o nome de *As nossas ilhas.* E' terceirense.

O dr. Luiz Adão, medico dos mais distintos do paiz, tem escrito varias obras, entre as quaes: *O cancro na mama* e *Traumatismos craneanos.* E' terceirense.

O dr. Armando Narciso, jorgense, medico considerado que tem escrito varios artigos em revistas de especialidade, publicou em volume: *Aguas Minero-medicinaes portuguêsas.*

O dr. Anibal Bettencourt, o medico distinto, a quem os grandes vultos da sciencia dos demais paizes chamam: *o sabio português Bettencourt,* é terceirense.

O dr. Anibal Magalhães, terceirense, o medico que tem dedicado a sua vida ao estudo da doença do sono,

saindo do paiz em missão especial, tem interessantes relatorios com o resultado de suas investigações scientificas, e vai publicar um volume com o resultado dos seus estudos.

O dr. Jorge Monjardino, o medico que no Brasil tem desempenhado cargos de grande capacidade a que já nos referimos noutro capitulo, escreveu e publicou, entre varias obras scientificas: *O Cancro no utero, Algans casos de cirurgia articular*, e outros; é terceirense. No *front* chefiou os serviços portuguêses de cirurgia em hospitaes britanicos e foi galardoado com as cruzes de Guerra portuguêsa e francêsa. E' membro da *Associação Francêsa de Cirurgia.*

O dr. Augusto Monjardino, medico notavel, reitor da Universidade de Lisbôa, tem, entre varios trabalhos scientificos, dispersos em revistas de especialidade, um livro *A dôr em cirurgia.* E' terceirense.

D. Maria A. Soares d'Albergaria, micaelense, cantora que no paiz e fóra dele tem apresentado a sua voz harmoniosa nos principaes tablados, conquistou, pela critica, o titulo artistico de *Rouxinol açoreano.*

O dr. José Bernardo d'Almada, micaelense, professor do Seminario, publicou um folheto com a conferencia realisada no Teatro Angrense, *S. Francisco d'Assis.*

O padre Manuel Vicente, micaelense, orador sagrado dos mais notaveis, tem belos modelos d'eloquencia e arte que constituem primores d'oratoria.

Fernando Borges, terceirense, coronel d'Infantaria, tem uma grande obra dispersa por jornaes e revistas que daria muitos volumes de bela prosa.

João Carlos Moniz, terceirense, é um musico apreciavel cuja modestia não consentiu na vulgarisação do seu nome, conhecendo-se, todavia, lindos trechos executados

pelo sexteto da sua direcção e pelo *Orfeão d'Angra* onde colabora com a sua arte.

O padre José d'Avila, picoense, o director, a alma do *Orfeão d'Angra* a quem se devem os admiraveis serões d'arte e os belos hinos ouvidos em teatros, templos e salões açoreanos.

O dr. Urbano de Mendonça Dias, micaelense, investigador, literato com uma grande obra já, destacando-se a *A Historia dos Açôres, A Vila, Alvores da Mocidade, Vultos da minha terra,* etc.

O padre Ernesto Ferreira, micaelense, é um escritor distinto que tem colaborado em grande parte dos trabalhos scientificos e historicos realisados no Arquipelago e publicou, entre varias obras, um discurso *Bento de Goes*, e um volume interessantissimo *A alma do Povo Micaelense*. E' membro da Academia das Sciencias.

O dr. Jacinto Candido da Silva, terceirense, deputado e ministro da Marinha, publicou alguns dos seus discursos nas Camaras, e deixou memoria honrosa do seu nome.

O dr. Leopoldo do Vale, micaelense, advogado que na capital do paiz conquistou lugar de destaque, substituindo Cunha e Costa no celebre processo do Banco Angola e Metropole. Publicou uma celebre peça juridica ácerca do famoso processo.

O dr. Joaquim Moniz de Sá Côrte-Real Amaral, terceirense, professor do Liceu e chefe da Repartição de Justiça do Quartel-General, é socio da Real Academia Hispano-Americana de Ciencias y Artes de Cadiz.

Linhares de Lima, faialense, é o coronel director da Manutenção Militar e presidente da Comissão de Financeamento.

Manuel Francisco de Medeiros Botelho, micaelense, professor em Coimbra, publicou: *Compendio de geografia, Projéctos de reforma de ensino primario e secundario, O que deve ser a instrução nacional.*

José do Canto, micaelense, grande espirito patriotico e empreendedor. Depois de precorrer a Europa em viagem de estudo, promoveu e conseguiu o desenvolvimento da agricultura na sua terra; publicou alguns trabalhos sobre culturas varias e reuniu no seu jardim os mais lindos exemplares da flora universal.

Inacio Valadão, jornalista, publicou em folheto uma conferencia realisada na Fanfarra Gago Coutinho, sobre a data historica de *9 d'Abril.*

O comandante Alfredo Botelho de Sousa, micaelense, colaborador dos *Annaes do Club militar naval* e autor do livro *Marinha e defesa nacional,* comandou vazos de guerra da nossa marinha e actualmente ocupa o lugar de lente na Escola Militar.

Rafael Coelho Machado, terceirense, escreveu e publicou no Rio de Janeiro, onde lecionava musica: *Principios de musica pratica para uso de principiantes, Metodo de afinação de pianos, A B C musical, Principios de Arte pratica, Metodo d'orgão expressivo, Breve tratado d'harmonia, Elementos de escrita musical ou arte de musica;* e traduziu dezenas d'obras sobre a grande arte em que era considerado um ornamento notavel.

Azevedo Gomes e Nicolau Bettencourt, dois cirurgiões distintissimos que na capital conseguiram ocupar lugar de destaque entre tantos que se teem notabilisado. São terceirenses.

E quantos deixam de figurar neste ligeiro capitulo, por nos não ocorrerem seus nomes, por ignorarmos seus trabalhos, o que daria um volume especialmente consagrado á bibliografia açoreana...

Na medicina, na cirurgia, quantos nomes ilustres de açoreanos desenvolvem a sua actividade no Arquipelago e fóra dele! Na literatura, no jornalismo, no fôro, na politica, no sacerdocio, nas artes, quantos meritos consagrados a atestarem o valor, a dedicação, a gloria da Patria Açoreana!...

O AÇOREANO E O MUNDO

O Açoreano e o Mundo

Vêde-o bem, vêde-o bem o rude heroe d'outr'ora
Teve o mundo nas mãos, nos olhos d'aguia a aurora.

GUERRA JUNQUEIRO

FALANDO dos grandes navegadores que ao mundo deram novos mundos, que aos povos ensinaram a esteira ignorada dos mares, disseram estrangeiros considerados e sabios:

«Os portuguêses fôram os primeiros a emancipar a navegação, deixando de costear para se arriscarem ao mar largo, longe da terra». Escreveu o autor da *Historia Universal*, Eliseu Reclus.

«Um punhado de homens que, afrontando perigos terriveis, enormes e nunca vistos, domando popolosas nações, levaram ás extremidades do Universo as suas virtu-

des e a religião de seus paes». Escreveu Tasso, o poeta italiano, autor da *Jerusalem libertada.*

«Os portuguêses fôram os primeiros que entraram no brilhante caminho dos descobrimentos nauticos». Disse o grande historiador americano Prescotte.

Os portuguêses são esses ousados paladinos da Civilisação Universal de quem Blateau diz nos seus *Discursos:*

São o mais nobre povo do Universo!

Pois bem. Vasco da Gama, Bartolomeu Dias, Fernão de Magalhães, Colombo, Pedro Alvares Cabral, fôram grandes; encheram o seu seculo e abalaram o mundo; mas, antes que o Gama atingisse a India, que Bartolomeu dobrasse o Cabo da Bôa Esperança, que Fernão circumnavegasse o Glôbo, que Colombo desvendasse a America, que Cabral tocasse terras de Vera Cruz, os navegadores Côrte-Reaes, Pedro de Barcelos, Francisco Fernandes e João Fernandes Labrador, João Martins e João Gonçalves, escudeiros, terceirenses, assinalaram rumos e batisaram com sangue açoreano terras virgens do grande Continente-Norte—a *Terra Nova, Terra Vêrde, Terra dos Côrte-Reaes, Terras do Labrador!*

Na terra como no mar, os açoreanos abriram caminhos ignorados, ensinando ao mundo o que o mundo não sabia.

O Cataio era o paiz misterioso que a imaginação ardente dos povos engrinaldára de maravilhas e de lendas sedutoras, de riquesas fabulosas e belesas sem par.

A' sua busca partem emissarios de diferentes nacionalidades, qual o mais ousado, caminhando em diversas direcções: Rubusquis e Marco Polo precorrem a Asia Cen-

tral, vão alem da China e não o encontram; atravez da Russia Asiatica, baldadamente o procuram os inglêses; pelo norte da Europa o buscam, em vão, os holandeses; Cabot, procurando-o pelo Atlantico, vai deparar, afinal, com os gelos polares; Colombo parte em sua demanda e encontra a America; mas, um açoreano, abre, finalmente, a esteira terrestre que, da cidade de Agra, nas margens do Djalmuna, entrando em Lahore, conduz ao Cataio!

Foi Bento de Goes!

Tão grande façanha só duzentos anos mais tarde é repetida, seguindo o itenerario do grande açoreano!

Ainda na literatura os Açôres tiveram astros que iluminaram, com raro esplendor, a constelação doirada do Universo, scintilando com fulgurante brilho.

Teve um Göethe, a grande Alemanha; teve um Dante, a mimosa Italia; teve um Shakspeare, a soberba Inglaterra; teve um Hugo, a altiva França; teve um Gonçalves Dias, o joven Brazil; teve um Cervantes, a visinha Hespanha; teve um Camões o Portugal continental; mas, o pequenino Arquipelago Açoreano, teve o grande Antero!

Nos pequeninos berços tambem se embalam gigantes...

Conta a Hespanha, no numero dos seus maiores homens, poetas-historiadores, como Antonio de Solis, Lopes d'Ayala, Hurtado de Mendoza, Juan de Mene, Conde de Tereno, Lafuente e o filosofo Cefirini Gonsalez; conta a França: Troisset, João Mickel, Ronsard, e Fleury, Candilac na filosofia, Bossuet na politica, Fontenelle na vulgarisação scientifica, Voltaire o enciclopedico; conta a Italia o erudito Machiavelli, Carlo Botta, Sarpi, Vico, Policiano,

Guizot, os filosofos Rosmini, Giobert; a Inglaterra o seu Milton, David Hume, Thomaz Moor, Robertson; a Alemanha o seu Hans Sachs, Heine, Schiller, Gervinus e Sybel; a Suecia o seu Oscar Levertin; a Suissa o seu Rilliet; a Russia o seu Gogol; mas o Arquipelago Açoreano pode ufanar-se de apresentar o maior enciclopedico do seculo, a mentalidade mais complexa, como nenhum paiz ainda possuiu, um sabio de quem outro, o grande Littré, escreveu: *A sua Historia da Literatura Portuguêsa é a historia da literatura universal;* e que Storch classificou de *maravilhosa,* e Ramalho Ortigão disse que *ela bastava para fazer a reputação de seis ou oito eruditos;* a quem a Alemanha comparou ao grande filologo Jacob Grimm, e Gubernatis, na Italia, compara ao celebre dinamarquez Georges Brandis, Stinacker, na França, chamou o *émulo de Echegary;* Salmeron, na Hespanha, classificou de o *maior agitador de ideias do seu seculo,* e o Comité Federalista de Barcelona apelidou de *Pi y Margall português* — o grande Teofilo Braga!

São tantas as suas obras!... e, qualquer delas, por si só, imortalisaria um homem!

Na medicina e na cirurgia, contam os grandes paizes verdadeiras glorias, como Aloysio de Castro, Miguel do Couto, Azevedo Sodré, no Brasil; Bier e Trendelenburg na Alemanha; Freud na Austria; Danielopolu e Marinesco na Romenia; Banti, Durante e Baccelli na Italia; Roussiel na Belgica; Maranon, Cardenal, Recasens, Lafora, na Hespanha; Delbet, Widal, Vaquez, Gosset, na França; Quervain na Suissa; os irmãos Mayo e Graves, na America; Mackensie e Moynikan na Inglaterra...

Mas o pequenino Arquipelago Açoreano deu Azevedo

Neves, Raul Bensaude, Anibal de Bettencourt, *Le savant portugais* na frase de Kolle e Hoetsch.

Nas grandes viagens de exploração atravez essas regiões imensas e temiveis da Africa adusta, se empenharam, em todos os tempos, as primeiras nações do mundo, enviando os seus caminheiros mais ousados; e, em nossos dias, a Inglaterra envia os seus exploradores, Hanning Spek, que descobriu o lago Victoria Nyanza, Ricardo Burton, que descobriu o Tanganyika, Samuel Baker que chegou ao lago Alberto Nyanza, Henrique Stanley passa dois anos nos sertões, Lovett Cameron vai de Zanzibar a Benguela, David Livingstone, que chegou ao lago Ngami, subiu o alto Zambeze e atravessou o continente até Loanda; a França tem o seu colonisador Savorgnan de Brazza que conquistou pacificamente uma parte do Congo e Thomson d'Abbadie que explorou a Etiopia; a Alemanha tem os seus Schott, Buckner, dr. Holub, Von Meckow; mas, Roberto Ivens, o açoreano que vai de Loanda a Moçambique, de Benguela a Terras de Iáca, mereceu do geografo alemão Winehamam esta frase significativa: *Nenhum documento enriqueceu tanto a costa d'Africa como a exploração de Capelo e Ivens!*

Os açoreanos e o Mundo!

Marinheiros do Infante de Sagres, desvendando mundos; cavaleiros da ordem de Cristo; peoneiros das alas formidandas da Civilisação; apostolos incançaveis da sciencia; soldados de Albuquerque o *terribil* e de Castro, o *forte;* missionarios do Evangelho, pelas cinco partes do globo; caminheiros dos desertos; desbravadores das Africas e das Americas; colonisadores do Brasil; lutadores de Cochim e Calecut; combatentes de Ceuta e Salim; heroes

de Azamor e Mazagão; vencedores de Ormuz e Dia; valentes de Tanger e Arzila; triunfadores de Gôa e Chaul; bravos das praias do Mindelo; intrepidos dos terços de Vera Cruz; martyres de Marrocos e santos do Japão; cantores da victoria das Armas em todas as lutas da Independencia, e em todas as batalhas da Liberdade, os açoreanos precorreram o Mundo empunhando bem alto e bem firme o facho luminoso e rubro da Civilisação e do Progresso!

Nos Açôres ha familias inteiras, gerações completas e continuas, herdando o valor inato, comunicando o genio, transmitindo-o, comungando ideaes de luz, cultivando o esforço heroico, abraçando sonhos e cantando triunfaes glorias.

São ranchos fraternaes de heroes e de patriotas, de navegadores e de guerreiros, de letrados e de sabios, de artistas e sonhadores, gerados no mesmo ventre, vivendo a infancia sob o mesmo tecto, beijando a mesma mão; corpos regados pelo mesmo sangue, almas adejando no mesmo vôo altaneiro e deslumbrante.

São tantos os nomes irmãos, hoje, como hontem, que engrinaldam as paginas singelas das cronicas enchendo de orgulho justificado o patrio lar e iluminando, lá fóra... longe do convivio confortante do estreito ninho materno!...

Fôram: hontem, na esteira formidanda das aguas, os irmãos Manuel Côrte-Real, Gaspar Côrte-Real, Miguel Côrte-Real, os irmãos Manuel Pacheco de Lima e Gomes Pacheco de Lima, os irmãos Francisco Fernandes, Manuel Fernandes e João Fernandes; e são, ainda hoje, no caminho luminoso da sciencia, os irmãos Raul Bensaude, Alfre-

do Bensaude e Joaquim Bensaude, os irmãos Augusto Monjardino e Jorge Monjardino, Nicolau Bettencourt, Anibal Bettencourt, Carlos Soares e Alberto Soares, os irmãos Antonio Joaquim de Sousa e Abilio de Sousa, Thomaz Borba e Francisco Borba; e, na estrada florida e cantante da arte os irmãos Antonio de Sousa Pinto e Carlos de Sousa Pinto, os irmãos Francisco Barbosa, Joaquim Barbosa e Anibal Barbosa, os irmãos Francisco de Lacerda e José de Lacerda, Ernesto do Canto e José do Canto, Augusto Açôres e Alvaro Açôres; os Arrudas, os Lacerdas, os Camaras, os Neves, os Flôres, os Ornelas, os Pereiras e tantos outros que dignificaram a familia com os brazões gigantescos do trabalho e honraram a patria açoreana elevando Portugal e nobilitando a raça, fulgindo distintamente de entre as constelações radiantes de mestres consagrados, nos principaes centros civilisados do mundo.

Na França, na Alemanha, na America, no Brasil, nos paizes que caminham na vanguarda da Civilisação, teem os açoreanos conquistado lugares de honra, pelo seu valor scientifico, pela sua cultura, pelos seus meritos artisticos e literarios, pela sua audacia aventureira, pela sua ousada iniciativa, pela coragem, pela valentia—pelo cerebro e pelo coração.

Pois se até o campeão mundial de esgrima é um açoreano, filho da ilha Terceira—Henrique Silveira!

Os portuguêses são o maior povo do universo, escreveu o grande tribuno Blateau.

Os Açoreanos são das maiores glorias de Portugal, acrescenta o grande dramaturgo D. João da Camara.

Falando do maior historiador português, disse um considerado jornalista da soberba Albion: «A Hespanha devia esforçar-se por conquistar Portugal só para possuir os ossos de Herculano».

Mas os Açôres possuem os ossos de Antero!

Quantos estrangeiros bemdiriam a sorte se houvessem nascido em terras de Portugal! Mas quantos podem entoar um hino de graças por haverem embalado o seu berço em terras sagradas dos Açôres!

Trocaria de bôa vontade quantas honras, quantos titulos me teem sido tributados, quantas glorias hei conquistado na minha vida literaria, pela honra, pela gloria, pela graça do meu berço açoreano, o maior orgulho de que legitimamente me posso ufanar, o maior titulo que pode engrinaldar os meus brazões e satisfazer a minha aspiração de grandesa, sentimento inato, amor proprio, que é o alimento natural da alma.

Agradeço ao Destino a sorte de me haver concedido tamanha ventura permitindo que, em pleno Atlantico, no coração palpitante dos Açôres, surgisse á luz da vida; e a Deus peço m'a alimente e mantenha para poder contar a todos os açoreanos, a todos os portuguêses, ao Mundo inteiro, as belesas, os valores, os feitos, as glorias da Patria Açoreana.

FIM

NOTA FINAL

Tem deficiencias este livro que apressadamente dou á publicidade, aproveitando simples notas desalinhadas e dispersas que ainda encontrei de tantas que se extraviaram. Ha faltas, esquecimentos ou ignorancia de factos, datas e figuras, sem duvida, cujo relato, brilho e valor bem mereciam arquivo nestas singelas paginas.

Tal facto, porque involuntariamente cometido, bem merece o necessario perdão; mas perdão não merecerá aquele que me não previna directamente, avisando-me, e instruindo-me para que em sucessivas edições se venha a completar esta obra, esboço historico que a todos os açoreanos interessa; o que espero do patriotismo, da benevolencia e generosidade do leitor. E' isso indispensavel para que A PATRIA AÇOREANA, cuja mira atinge a divulgação das nossas glorias e primores, seja completa e eficaz, enaltecendo todos os nossos feitos, glorificando os nossos homens, revivendo as nossas datas; porque, como disse Alexandre Herculano, «O mister de recordar o passado é uma especie de magistratura moral, é uma especie de sacerdocio».

Angra, Agosto de 1928.

Gervasio Lima

ERRATAS

As principaes, porque podem influir no sentido do leitor, e por isso as resalvamos, são:

A pag. 27, na ultima linha, onde se lê 1451, deve lêr-se 1481.
A pag. 32, onde se lê Armando Monteiro, deve lêr-se Armindo.
A pag. 58, linha 11, onde se lê devoções, deve lêr-se elevações.

ACABOU DE IMPRIMIR-SE
EM AGOSTO DE 1928
NA
TIP. EDITORA AÇOREANA
DE
Manuel de Freitas Mariano
NA
RUA DE SANTO ESPIRITO
ANGRA DO HEROISMO